



Guia do acervo do
**Arquivo-Museu
de Literatura Brasileira**



PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Dilma Vana Rousseff

MINISTRA DA CULTURA
Ana de Hollanda

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

PRESIDENTE
Wanderley Guilherme dos Santos

DIRETOR EXECUTIVO
Hélio Portocarrero

DIRETORA DO CENTRO DE MEMÓRIA E INFORMAÇÃO
Ana Pessoa

CHEFE DO ARQUIVO-MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA – AMLB
Laura Regina Xavier

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA CASA DE RUI BARBOSA

PRESIDENTE
João Maurício de Araujo Pinho



Associação dos Amigos da Casa de Rui Barbosa





Guia do acervo do
**Arquivo-Museu
de Literatura Brasileira**

COORDENAÇÃO

**Eliane Vasconcellos
Laura Regina Xavier**

Rio de Janeiro, 2012

FUNDAÇÃO  Casa de Rui Barbosa



COORDENAÇÃO

Eliane Vasconcellos e Laura Regina Xavier

PROJETO

Eduardo Coelho

PESQUISA E DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA

Laura Regina Xavier, Rosângela Florido Rangel e Rosely Curi Rondinelli

PESQUISA BIOGRÁFICA E ICONOGRÁFICA

Ismar Tirelli Neto, Luiz Guilherme Barbosa e Marcelo dos Santos

REVISÃO

Marcelo dos Santos

PROJETO GRÁFICO

Carolina Noury

PATROCÍNIO

Fundação Banco do Brasil

APOIO

Associação dos Amigos da Casa de Rui Barbosa

Guia do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira /
coordenação: Eliane Vasconcellos e Laura Regina Xavier —
Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012.
224 p.

ISBN 978-85-7004-313-9

1. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – Guia. 2. Acervo arquivístico - Guia. 3. Acervo museológico - Guia. 4. Literatura Brasileira. I. Vasconcellos, Eliane, coord. II. Xavier, Laura Regina, coord. III. Fundação Casa de Rui Barbosa. IV. Título.

CDD

B869

026.869

Sumário

Apresentação	7
Histórico do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira	9
Guia do acervo	17
A <i>(Abgar Renault, Adalgisa Nery, Afonso Arinos, Afonso Pena Junior, Agripino Grieco, Alberto Faria, Álvaro Moreyra, Andrade Muricy, Antônio Callado, Antonio Carlos Villaça, Antônio Fraga, Antônio Sales, Aprígio dos Anjos, Ary Quintella, Augusto Meyer)</i>	17 a 43
B – D <i>(Barreto Leite Filho, Bastos Tigre, Bezerra de Menezes, Bráulio Pedroso, Cacaso, Caio Fernando Abreu, Carlos Castello Branco, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Mundi, Clarice Lispector, Corina Coaraci, Cornélio Penna, Cruz e Sousa, Cyro dos Anjos, Dalcídio Jurandir, Dunshee de Abranches)</i>	45 a 76
E – J <i>(Edilberto Coutinho, Eugênia Álvaro Moreyra, Fausto Wolff, Fernando Lobo, Fernando Py, Fernando Sabino, Francisco Bittencourt, Francisco Inácio Peixoto,</i>	77 a 116

Genolino Amado, Gonzaga Duque, Graça Aranha, Guilherme Figueiredo, Heitor Modesto, Hélio Pellegrino, Homero Homem, Isabel do Prado, João Cabral de Melo Neto, João Lyra Filho, Joaquim Inojosa, Joaquim Pedro de Andrade, Jorge de Lima, José de Alencar, José de Araújo Vieira, José Galante de Sousa, José Geraldo Vieira, Judith Grossmann, Julieta de Godoy Ladeira)

L – M

(Leme Lopes, Leon Eliachar, Leopoldo Aires, Livraria José Olympio, Lúcio Cardoso, Lúcio de Mendonça, Luís Camillo de Oliveira Netto, Luís Jardim, Luís Martins, Luís Viana Filho, Manuel Bandeira, Maria Clara Machado, Maria Helena Cardoso, Maria Isabel Ferreira, Maria Jacintha, Maria José de Queirós, Maria Julieta Drummond de Andrade, Marly Medalha, Marques Rebelo, Melo Nóbrega, Mendes Fradique, Moacyr Félix, Murilo Araújo, Murilo Mendes, Murilo Miranda)

117 a 152

N – R

(Nestor Vitor, Nilo Bruzzi, Olga Savary, Olympio Monat, Osman Lins, Otto Maria Carpeaux, Paula Freitas, Paulo Rangel, Pedro Nava, Peregrino Júnior, Péricles Madureira de Pinho, Plínio Doyle, Povina Cavalcanti, Prudente de Moraes Neto, Raimundo Magalhães Júnior, Raul Lima, Renato Almeida, Ribeiro Couto, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Rodrigo Otávio Filho, Rosário Fusco, Rubem Braga)

153 a 184

S – W

(Salvador de Mendonça, Sérgio Porto, Silveira Neto, Sílvio Meira, Sílvio Miraglia, Simões Lopes Neto, Stella Leonardos, Tânia Serra, Tasso da Silveira, Tetrá de Tefé, Thiers Martins Moreira, Tite de Lemos, Trudi Landau, Vinícius de Moraes, Vasco Mariz, Vicente de Azevedo, Visconti Coaraci, Waldemar Cavalcanti, Walmir Ayala, Walter Benevides, Wilson Martins)

185 a 216

Índice dos titulares de acervos

217

Apresentação

O presente Guia do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) se insere na proposta de publicação de instrumentos de pesquisa, iniciada com a série Inventários analíticos.

Um inventário analítico busca dotar pesquisador, e usuários em geral, de informações sobre o conteúdo dos documentos ali contidos. Já um guia tem por objetivo oferecer uma visão panorâmica dos acervos sob a custódia de uma determinada instituição.

Assim é que a publicação que ora apresentamos se caracteriza por “guiar” os usuários em meio aos 127 titulares que integram o AMLB, constituindo-se num primeiro passo rumo à fonte literária que realmente lhes interessa.

Na verdade, no âmbito dos arquivos, instrumentos de pesquisa, como inventários, guias, catálogos e repertórios, se traduzem em pontes que unem usuários e documentos na medida em que facilitam o acesso dos primeiros às fontes que buscam.

O AMLB possui trezentos e trinta e sete metros lineares de arquivos de escritores brasileiros que representam diferentes movimentos literários. Assim, em relação ao parnasianismo, constam, dentre outros, Antônio Sales e Bastos Tigre; no que tange ao simbolismo, destaca-se seu maior representante no Brasil, Cruz e Sousa; já entre os modernistas estão Manuel Bandeira, Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade, para citar apenas alguns.

De acordo com o presente guia, dos 127 arquivos sob a custódia do AMLB, 30% encontram-se totalmente organizados e disponíveis na base de dados; 57% encontram-se parcialmente organizados; e 13% aguardam o devido tratamento técnico. Há que se registrar que o fato de estes arquivos não terem sido ainda organizados não se traduz em impedimento para a consulta, uma vez que os acervos podem ser acessados *in loco* por todos os interessados.

Paralelamente aos arquivos dos escritores contemplados neste guia, e que se caracterizam por uma acumulação natural e orgânica, o AMLB reúne conjuntos documentais coletados por terceiros de maneira aleatória. Neste caso tais documentos não se caracterizam como arquivos, mas sim como coleções. É o caso da coleção Machado de Assis, Capistrano de Abreu, Mário



da Silva Brito, e muitos outros, num total de 648 titulares. Importa esclarecer que, embora separados pelo cumprimento dos preceitos teórico-metodológicos da área arquivística, as coleções documentais a que nos referimos encontram-se totalmente identificadas e igualmente abertas à consulta.

No que diz respeito à estrutura deste guia, esta compreende os seguintes itens:

- nome do titular seguido da sigla que o identifica e que será utilizada para compor o código do documento ou do dossiê quando da organização efetiva do acervo;
- biografia do titular a partir de fontes primárias (o próprio acervo) e secundárias (enciclopédias e dicionários de escritores brasileiros);
- procedência: refere-se à forma de aquisição do acervo;
- instrumento de pesquisa e estágio de tratamento: referem-se ao nível de descrição do acervo;
- arranjo: remete à estrutura de organização de cada acervo distribuído em séries ora por tema ora por espécie ou tipo documental;
- conteúdo: aponta para alguns dos documentos que se destacam no acervo;
- dimensão: informa sobre o tamanho do acervo em metros lineares;
- notas: incluem breves informações sobre o acervo ou sobre o titular.

Além do acervo arquivístico e das coleções de documentos, o AMLB possui também considerável acervo museológico. Trata-se de objetos que pertenceram a alguns titulares. Exemplos interessantes são a máquina de escrever de Clarice Lispector, duas caixas de música de Cornélio Penna, ambas em pleno funcionamento ainda hoje, e a mesa, cadeiras e poltrona de Manuel Bandeira.

O acervo museológico do AMLB é constituído por cerca de 1400 peças, sendo que algumas delas encontram-se em exibição nas dependências do setor.

Finalmente registramos que o Guia do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira contou com o patrocínio da Fundação Banco do Brasil e o apoio da Associação dos Amigos da FCRB.

LAURA REGINA XAVIER





Histórico do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) foi instalado na Fundação Casa de Rui Barbosa pela Portaria/005 de 18/10/1972. Sua criação atendia a um apelo de Carlos Drummond de Andrade que, em sua coluna do *Jornal do Brasil* de 11 de julho de 1972, lamentava a falta de um museu de literatura como defesa contra as perdas da nossa memória literária:

Velha fantasia deste colunista — e digo fantasia porque continua dormindo no porão da irrealidade — é a criação de um museu de literatura. Temos museus de arte, história, ciências naturais, carpologia, caça e pesca, anatomia, patologia, imprensa, folclore, teatro, imagem e som, moedas, armas, índio, república... de literatura não temos [...].

Mas falta o órgão especializado, o museu vivo que preserve a tradição escrita brasileira, constante não só de papéis como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores. É incalculável o que se perdeu, o que se perde por falta de tal órgão. Será que a ficção, a poesia e o ensaio de nossos escritores não merecem possuí-lo?

O museu de letras, que recolhesse espécimes mais significativas, prestaria um bom serviço.¹

As reflexões de Drummond, nesta crônica, são fruto das conversas que vinha tendo com Plínio Doyle sobre a necessidade da criação de um órgão ou entidade que pudesse conservar seus arquivos, o do poeta e o do bibliófilo; mais tarde outros chegariam. Plínio tomou a seu cargo executar a ideia. A primeira providência tomada foi entrar em contacto com José Olympio, pois Plínio havia sido advogado da editora de JO durante muitos anos, de 1935 a 1960, e se tornara grande amigo do mesmo. Este aceitou prontamente e concordou com a criação de uma fundação que levaria

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Museu: fantasia?”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1972.



seu nome. Como se procederia para concretizar o feito? Plínio recorreu a seu colega de faculdade, Américo Jacobina Lacombe, então presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, e pediu-lhe cópia do documento de criação da Casa. Quando lhe foi explicado o motivo, o próprio Lacombe se interessou pelo assunto e propôs a criação do órgão na própria entidade. Plínio objetou que não podia atender ao pedido, pois já estava em conversação com JO. A cópia foi entregue a Homero Senna para avaliação, estudo e elaboração de um projeto em nome de José Olympio. Mas, por artes do destino, a solução demorou a sair, e a Livraria e editora sofreu a intervenção do BNDES, o que inviabilizou o plano. Diante deste fato, Doyle aceitou o convite de Américo Jacobina Lacombe. O sonho tornou-se realidade, e, em 28 de dezembro de 1972, foi instalado na sede da FCRB, um velho casarão da Rua São Clemente, o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira.

Sua inauguração se deu com a Exposição Camoniana, comemorativa do quarto centenário de *Os lusíadas*, e com uma amostra de aproximadamente 100 documentos do Arquivo recém-criado. Drummond, satisfeito com a realização de sua fantasia, escreveu:

Poucas pessoas souberam (ou perceberam) que alguma coisa de novo aconteceu numa velha mansão da Rua São Clemente, ao findar o ano, em honra e benefício das letras. Sem alarde, inaugurou-se na casa de Rui Barbosa o arquivo-museu de literatura, possível semente de outros.

A ideia nasceu nas conversas de sábado que alguns escritores amigos de Plínio Doyle costumam ter em sua biblioteca de Ipanema. Américo Lacombe, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, logo lhe apreendeu o interesse e decidiu torná-la realidade. [...]

Maximiano de Carvalho e Silva, diretor do Centro [de Pesquisa], apaixonou-se pelo assunto, e em poucos meses, com a superintendência de Irapoã Cavalcanti de Lyra, diretor da Casa, montou o pequeno arquivo-museu que, tudo indica, amanhã será grande e prestará bom serviço. Treze pessoas de boa vontade fizeram doações, muitas delas valiosas.





Terminava a crônica fazendo um pedido:

Colecionador ou não colecionador, que tenha em casa um retrato, uma carta, um poema, um documento de escritor brasileiro digno de nome de escritor, e pode com ele enulentar (sic) o arquivo-museu menino, dirigido pelo espírito público de Plínio Doyle na Casa de Rui Barbosa: faça um *beau geste*, mande isso para São Clemente, 134, e terá oferecido a si mesmo o prêmio de uma satisfação generosa.²

O AMLB instalou-se, acanhadamente, no sobrado da velha mansão, mais precisamente na Sala Estado de Sítio, pois, no Museu Casa de Rui Barbosa, cada sala possui um nome ligado a acontecimentos da vida de Rui.

Plínio Doyle fez um apelo aos escritores: “Para evitar que se perca ou se disperse a preciosa documentação da nossa história literária, mandem para a Casa de Rui Barbosa todo tipo de material que sirva à nossa finalidade específica”. O apelo foi rapidamente atendido, e com apenas 15 dias de existência o arquivo já tinha recebido mais de 500 peças.

Ainda antes da inauguração, o AMLB recebeu 20 documentos do acervo de Carlos Drummond de Andrade em 16 de dezembro de 1972. E Rosita Martins Moreira, viúva de Thiers Martins Moreira, doou acervo do marido em 20 de dezembro de 1972. Thiers havia estudado direito com Plínio e Lacombe e tinha dirigido o Centro de Pesquisa da FCRB.

O arquivo foi dirigido por Plínio Doyle de 1972 a 1990, quando, por imposição legal, teve de deixar o cargo, mas isto não o impediu de continuar participando das atividades do arquivo. Durante estes dezoito anos, ausentou-se apenas quando foi nomeado para dirigir a Biblioteca Nacional, de 1979 a 1982. Neste período, José Galante de Sousa assumiu a direção interinamente. Em 1990, Beatriz Folly e Silva o substituiu; em 1994, Eliane Vasconcellos ocupou o cargo de chefia, permanecendo até 2009, quando foi nomeado Eduardo Coelho. Atualmente é dirigido por Laura Regina Xavier e se encontra subordinado ao Centro de Memória e Informação.

2 ANDRADE, Carlos Drummond de. “Em São Clemente, 134”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1973.



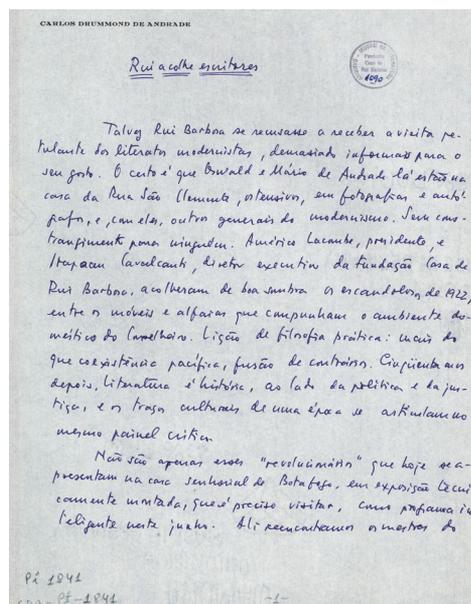
Para a divulgação de seu acervo, o AMLB promoveu ao longo desses anos exposições que levaram o nome de Memória Literária. A primeira foi inaugurada em 4 de junho de 1974, comemorativa do recebimento da mílissima peça, que foi doada por Plínio Doyle: o poema inédito de Machado de Assis, “Os pássaros”, escrito em 1868.

A imprensa saudou o evento. Drummond publicou a crônica “Rui acolhe escritores”. Joaquim Inojosa escreveu para o *Jornal do Commercio*, de 25 de junho de 1974, o artigo “Preservação de documentos”, e Antonio Carlos Villaça compareceu no *Jornal do Brasil* com “O museu milionário da rua São Clemente”.

Em março de 1975 o AMLB, já com três anos de vida, inaugurou sua terceira exposição, Memória Literária II, em homenagem à Academia Brasileira de Letras, assinalando o registro das peças 2000 e 2001. A peça de número 2000 é nada mais nada menos do que um manuscrito de José de Alencar, ofertado por Raimundo Magalhães Júnior, e a de número 2001, os originais do romance *Til*, doação da família Lúcio de Mendonça. Tal gesto mereceu de Raquel de Queiroz a crônica “Um tesouro”:

O ilustre presidente do nosso Sindicato de Escritores, o querido Plínio Doyle, tem feito valiosas descobertas na sua carreira de bibliófilo; mas desta vez o tesouro foi por demais precioso: o próprio manuscrito de *Til*, 400 laudas de papel almaço, na letrinha inconfundível de José de Alencar. E não uma cópia, mas o manuscrito direto, todo riscado, rasurado, emendado, sobrelinhado. Tal como foi parido!³

O arquivo crescia. Os documentos, que corriam o risco de ficarem dispersos entre familiares e amigos dos escritores, iam chegando. Inicial-



“Rui acolhe escritores”, do Arquivo de Carlos Drummond de Andrade, 1974

3 QUEIROZ, Raquel de. “Um tesouro”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 jan. 1975.

mente a doação era tímida. Os familiares, certamente receosos de verem suas preciosidades perdidas, davam a Plínio Doyle algumas cartas, um manuscrito, um punhado de fotos.

Logo o “arquivo-museu menino” começou a ganhar credibilidade, cresceu e firmou-se como um centro respeitável e sério, com o seu trabalho reconhecido tanto no Brasil como no exterior. Assim, as peças não mais chegavam isoladamente; recebíamos agora arquivos inteiros, ou complementação de material já doado. Foi o caso do arquivo de Thiers Martins Moreira, de Lúcio Cardoso, de Antonio Carlos Villaça, Salvador de Mendonça, Wilson Martins, Alberto Faria, Andrade Muricy, Antônio Sales, Augusto Meyer, Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos, Cornélio Penna, Cruz e Sousa, Francisco Inácio Peixoto, Clarice Lispector e outros.

Em 1978, com a construção do prédio anexo ao Museu Casa de Rui Barbosa, hoje denominado Espaço Américo Jacobina Lacombe, o arquivo ganhou espaço para crescer. O material encontra-se depositado na área de guarda, situada no subsolo do edifício-sede. No período entre 2004-2006, o local foi totalmente reformado. Houve implantação de sistema de refrigeração, contra incêndio e segurança.

Criado com o objetivo de preservar a memória literária de nosso país, o AMLB reúne hoje em seu acervo 127 arquivos privados de escritores brasileiros, além de uma coleção de documentos avulsos, coletados esparsamente ao longo desses anos.

Para facilitar o acesso às informações e o atendimento ao pesquisador, o AMLB iniciou em 1986 um processo de aprimoramento de seus serviços, elaborando inventários analíticos que são publicados para melhor divulgar seu acervo. Atualmente já temos publicados os inventários dos arquivos de Thiers Martins Moreira, Augusto Meyer, Manuel Bandeira, Lúcio Cardoso, Clarice Lispector, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava e Antônio Sales.

No ano de 1994 foi implantado no AMLB o sistema de automação que, sem dúvida alguma, facilitou o acesso à informação, pois os inventários podem ser consultados *on-line*. E passamos a ter projetos apoiados pelo CNPq, Faperj e pelo Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura da FCRB.



Capas dos inventários publicados pelo AMLB



O Arquivo encontra-se aberto à consulta e à visitação. Nas palavras de Antonio Carlos Villaça:

Trata-se de uma instituição viva, dinâmica, disposta a prestar serviço à comunidade. Não é uma torre de marfim, um *hortus conclusus*, um lugar fechado, uma capelinha esotérica, mas pelo contrário, um ponto de convergência, um lugar de convívio, uma casa voltada ao mesmo tempo para o passado e para o futuro, aberta, disposta a dar, e não só a receber.

O Acervo Museológico

O acervo museológico que integra o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira é composto por cerca de 1200 peças de natureza diversa. São móveis, quadros, máquinas de escrever, canetas, medalhas, selos, lembranças de viagens, peças de indumentária, esculturas, pinturas, caixas de música e muitos outros objetos, formando uma coleção heterogênea que tem um único denominador comum: terem pertencido a nossos escritores, ou estarem a eles relacionados. Por seu valor intrínseco, esses objetos justificam sua incorporação ao AMLB como documentos enriquecedores da compreensão, pontos de referência e fontes para a reflexão indispensável à recomposição do mundo, ficcional e não ficcional, bem como para dar conhecimento da personalidade de seus possuidores.

Esses objetos crescem de importância quando nos permitem torná-los vivos e atuantes como elementos fundamentais nas exposições realizadas pelo Arquivo. Nesse sentido merece destaque a exposição Memória Literária V: Os dois mundos de Cornélio Penna, na qual o visitante pôde apreciar o retrato a óleo da tia de Cornélio, Zeferina Marcondes Machado, que inspirou a trama do seu quarto romance, *A menina morta*; um arranjo emoldurado de flores, beija-flor e borboletas, composto pelo próprio Cornélio e que aparece descrito num caderno de notas do romancista; e outro arranjo, composto pela marquesa de Paraná, que aparece descrito no capítulo XXIX do romance *Fronteira*; a caixa de música, com sistema de cilindro, de procedência suíça, que é assim descrita





pelo romancista: "Dali a pouco [Carlota] foi chamada à realidade pelo som fraco, longínquo, da caixinha de música, pois Jovina maquinalmente a tinha feito funcionar e tocava a mazorca Excelsior de Marengo."⁴

Os quadros pintados por Clarice Lispector também são dignos de nota, não por seu valor artístico, mas por apresentar em forma pictorial a angústia que se encontra em seus escritos. Temos 16 telas, e apenas duas não possuem título. São elas: *Raiva e [reindificação]*, *Gruta*, *Explosão*, *Tentativa de ser alegre*, *Escuridão e luz: centro da vida*, *Luta sangrenta pela paz*, *Ao amanhecer*, *Pássaro da liberdade*, *Cérebro adormecido*, *Sem sentido e Medo*, todos de 1975, e *Eu te pergunto por quê?* e *Sol da meia-noite*, de 1976. Dois destes quadros aparecem descritos no livro *Um sopro de vida*: "Estou pintando um quadro com o nome de 'Sem Sentido'. São coisas soltas — objetos e seres que não se dizem respeito, como borboleta e máquina de costura."⁵

O outro quadro descrito é *Gruta*:

Vivo tão atribulada que não aperfeiçoei mais o que inventei em matéria de pintura. Ou pelo menos nunca ouvi falar desse modo de pintar: consiste em pegar uma tela de madeira — pinho-de-riga é a melhor — e prestar atenção às suas nervuras. [...] a gente se joga nas nervuras acompanhando-as um pouco — mas mantendo a liberdade. Fiz um quadro que saiu assim: um vigoroso cavalo com longa e vasta cabeleira loura no meio de estalactites de uma gruta.⁶

A descrição de *Medo*, feita pela própria Clarice, aparece transcrita nos livros de Olga Borelli:

Pintei um quadro que uma amiga me aconselhou a não olhar porque me fazia mal. Concordei. Porque neste quadro que se chama medo eu conseguira pôr para fora de mim, quem sabe se magicamente, todo o medo-pânico de um ser no mundo.

4 PENNA, Cornélio. *A menina morta*, cap. LXXXIX.

5 LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 38.

6 *Ibid.*, p. 50.





É uma tela pintada de preto tendo mais ou menos ao centro uma mancha terrivelmente amarelo-escura e no meio uma nervura vermelha, preta e de amarelo-ouro. Parece uma boca sem dentes tentando gritar e não conseguindo. Perto dessa massa amarela, em cima do preto, duas manchas totalmente brancas que são talvez a promessa de um alívio. Faz mal olhar este quadro.⁷

Ao entrar na sala do AMLB, o visitante se depara com um colar acadêmico, a miniatura de herma que se encontra no Recife, um retrato à *crayon* de Ismailovitch, uma poltrona de veludo verde, um torso de mulher. Tudo isto transporta o visitante para o mundo mágico de Manuel Bandeira. E, quando ele se encontra diante da mesa de jantar que pertenceu ao poeta, não pode deixar de invocar o mundo trágico de “Consoada”:

Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo,
Talvez sorria, ou diga:
— Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta
Com cada coisa em seu lugar.

Aquele que quiser visitar o AMLB encontrará, tal como no verso de Bandeira, cada carta, cada manuscrito, cada documento em seu lugar.

ELIANE VASCONCELLOS

⁷ BORELLI, Olga. *Clarice Lispector*. Esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 57.





A

Abgar Renault

Adalgisa Nery

Afonso Arinos

Afonso Pena Junior

Agripino Grieco

Alberto Faria

Álvaro Moreyra

Andrade Muricy

Antônio Callado

Antonio Carlos Villaça

Antônio Fraga

Antônio Sales

Aprígio dos Anjos

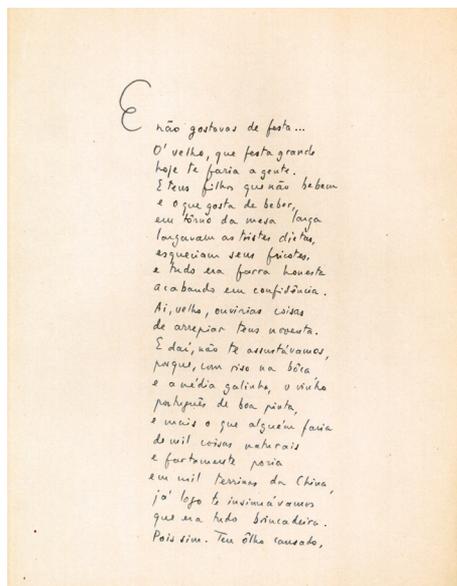
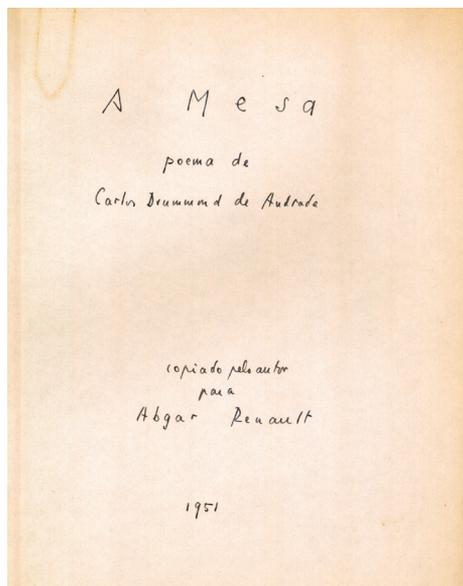
Ary Quintella

Augusto Meyer



Abgar Renault

ABGAR DE CASTRO ARAÚJO RENAULT nasceu em Barbacena, MG, em 15 de abril de 1901. Foi poeta, tradutor, ensaísta e professor. Em 1919, ingressou na Faculdade de Direito de Minas Gerais, em Belo Horizonte, formando-se em 1924. Entre 1930 e 1931 atuou como secretário do ministro da Educação e Saúde. Durante a curta presidência de Nereu Ramos, assumiu o Ministério da Educação e Cultura. Ao longo da década de 1930 e da seguinte, envolveu-se em várias iniciativas da Unesco, atuando como representante brasileiro em diversas conferências internacionais sobre educação, pois acreditava na educação como uma das saídas para os problemas da vida moderna. Renomado tradutor, é o pioneiro em verter para a língua portuguesa os poemas do indiano Tagore, além de realizar traduções de poetas ingleses, norte-americanos, franceses, espanhóis e alemães. Contemporâneo de Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Pedro Nava, Cyro dos Anjos e Martins de Almeida, participou do movimento modernista mineiro, tendo poemas publicados em periódicos da época, como a *Revista de Antropofagia*, mas jamais se permitiu exageros de brasilidade. Sua poesia é marcada pela mescla entre o tom pessimista e a ironia, o que também se encontra na sua prosa. Em 1968, mesmo ano em que entrou para a Academia Brasileira de Letras, publicou dois livros de poemas: *Sonetos antigos* (1968) e *A lápide sob a lua* (1968). Lançadas em 1990, as *Obras completas* apresentam a reunião mais vasta e minuciosa de sua poesia até então, com ensaios e apreciações de autoria de Mário Casassanta, Mário Chamie e Drummond. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 31 de dezembro de 1995.



"A mesa", poema de Carlos Drummond de Andrade, 1951, no Arquivo Abgar Renault

SIGLA: AR

PROCEDÊNCIA: doado pelo titular

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

DIMENSÃO: 1,28 m

NOTAS: há documentos de Abgar Renault no Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, e na Academia Brasileira de Letras.

Adalgisa Nery

A

ADALGISA NERY nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 29 de outubro de 1905. Foi poetisa, romancista e cronista. Em 1922, casou-se com o pintor Ismael Nery, o que lhe proporcionou o convívio com literatos, como Aníbal Machado, Álvaro Moreyra, Jorge de Lima, Manuel Bandeira e Murilo Mendes. Pelas circunstâncias da vida, acompanhou os acontecimentos da Semana de Arte Moderna e teve a oportunidade de conviver com vanguardistas brasileiros, como Villa-Lobos, e estrangeiros, como Marc Chagall. Seus primeiros contos e crônicas foram publicados em *O Jornal*, *Dom Casmurro* e *O Cruzeiro*. Em 1937, publicou *Poemas*. Em 1940, casou-se com Lourival Fontes, com quem viajou pelo exterior, tornando-se personalidade conhecida no México, onde fez amizade com os pintores Diego Rivera, José Orozco e Frida Kahlo. Depois de separada de Lourival, valendo-se dos conhecimentos socioeconômicos amealhados durante o segundo casamento, Adalgisa começou a escrever no mesmo ano da separação sua célebre coluna política “Retrato sem Retoque” para o jornal *Última Hora*. Em 1960, foi eleita deputada pelo Partido Socialista Brasileiro, no então estado da Guanabara. Durante o período em que esteve envolvida com a política, Adalgisa deu ao público apenas uma obra de criação: *A imaginária*, livro que hibridiza romance e autobiografia, documento existencial no qual tratou de seus anos formativos, com marcada ênfase no primeiro casamento.

Entre suas obras estão: *A mulher ausente* (1940, poesia), *Cantos da angústia* (1948, poesia), *Neblina* (1972, romance) e *Erosão* (1973, poesia). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 7 de junho de 1980.



Carteira da Assembleia Legislativa, de Adalgisa Nery, 1963

POEMA AOS AGONIADOS

Com a inquietação de toda a vida que se aproxima
Desce também sobre mim o destino implacável como a noite
Colhendo tudo de surpresa, chegando de cima.
O vento joga no meu rosto as sombras das voses passadas,
Os ruídos eternos, o eco dos inextinguíveis silêncios
Germinado em confissões estancadas.
Vasios e inúteis como as vigílias sem cansaço
São os meus pedidos de auxílio para ^{uma} germinação estranha
De impetos, que correm para mim semeados no espaço.
Os meus sentidos se prolongam na angústia da tarde
Indo de encontro as trevas da noite
Misteriosa e sem alarde.
A minha existência se resume num pensamento como o extertor do suicida
Que abraça a morte
Esperanças de vida!.....

"Poema aos agonizados",
de Adalgisa Nery, 1940

*Adalgisa Nery
1940*

SIGLA: AN

PROCEDÊNCIA: doado por Ana Arruda Calado em fevereiro de 2007

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, documentos pessoais e produção na imprensa.

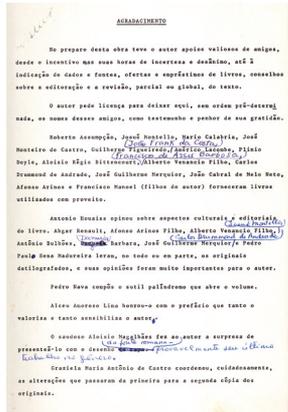
CONTEÚDO: destacam-se os originais de "Poemas aos agonizados", "Poema do inevitável" e "Poema"; discursos e tese com elementos de trabalhos legislativos.

DIMENSÃO: 0,34 m

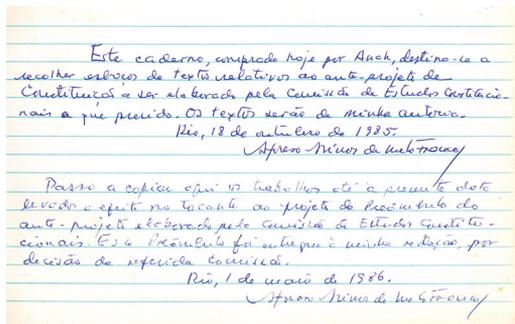


Afonso Arinos

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO nasceu em Belo Horizonte, MG, em 27 de novembro de 1905. Formou-se em direito em 1927, no Rio de Janeiro. Foi professor, jornalista, parlamentar, diplomata, jurista, historiador e memorialista. Em 1930, foi à Suíça para tratamento de saúde; nesse país, cumpriu importante papel diplomático. Ao voltar para o Brasil, atuou na imprensa mineira, tornando-se responsável pelos jornais *O Estado de Minas* e *Diário da Tarde*. Depois de romper com Getúlio Vargas, fundou, em 1934, juntamente com o irmão Virgílio, a *Folha de Minas*. Destacou-se como autor da lei contra a discriminação racial ou Lei Afonso Arinos, de 1951. Como ministro das Relações Exteriores, criou a chamada política externa independente. Aos 81 anos, ocupou o cargo de senador pelo Partido da Frente Liberal. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, eleito em 1958, pelo mérito de ser autor de uma extensa obra que produziu desde análises históricas, políticas e críticas e obras sobre direito até páginas memorialísticas. Escreveu inúmeras obras, como *O índio brasileiro e a Revolução Francesa* (1937, história), *Um estadista da República: Afrânio de Melo Franco e seu tempo* (1955, história), *Evolução da crise brasileira* (1965, política), *Problemas políticos brasileiros* (1976, política), *Mar de sargaços* (1944, crítica) e *A alma do tempo: formação e mocidade* (1976, memórias). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 27 de agosto de 1990.



Amor a Roma,
de Afonso Arinos



Caderno de notas,
de Afonso Arinos, 1985-6

SIGLA: AAr

PROCEDÊNCIA: doado por Afonso Arinos de Melo Franco Filho em 2010

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, documentos pessoais, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Gilberto Amado, Jorge Amado, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Cyro dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade e Pedro Nava, bem como os originais de *Amor a Roma*.

DIMENSÃO: 7,84 m

NOTAS: há documentos de Afonso Arinos na Academia Brasileira de Letras, no Arquivo Histórico do Itamarati, e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Afonso Pena Junior

A

AFONSO PENA JUNIOR nasceu em Santa Bárbara, MG, em 25 de dezembro de 1879. Foi jurista, ensaísta, professor e homem político, tendo sido membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Mineira de Letras. Após prestar exames preparatórios no Ginásio de Barbacena, Afonso ingressou na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, diplomando-se em 1902. Nesta época, foi um dos 12 integrantes do Jardineiros do Ideal, agremiação literária ligada ao cultivo do simbolismo, cujo principal veículo de divulgação era o jornal *A Violeta*. Suas obras mais importantes são *A educação pelo escotismo* (Afonso foi um grande entusiasta do movimento, tendo sido inclusive o primeiro presidente da União dos Escoteiros do Brasil – UEB), e os dois volumes do ensaio crítico *A Arte de furtrar e seu autor*. Pesquisou também autoria das *Cartas chilenas*. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 11 de abril de 1968.

SIGLA: AP

PROCEDÊNCIA: doado por Aluísio Pena em 13 de fevereiro de 1974

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros e produção na imprensa.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Rodrigo Melo Franco de Andrade, Afonso Arinos, Abgar Renault; documentos utilizados na pesquisa sobre autoria de *A arte de furtrar* e originais de “Subsídios para uma edição comentada da carta de Antonio Vieira”.

DIMENSÃO: 0,68 m

NOTAS: há documentos de Afonso Pena Junior na Academia Brasileira de Letras.

Agripino Grieco

AGRIPINO GRIECO nasceu em Paraíba do Sul, RJ, em 15 de outubro de 1888. Iniciou a carreira literária com livros de poesia. Fez jornalismo e, afinal, ficou reconhecido como paladino da chamada crítica impressionista. Foi uma das figuras mais irreverentes e temidas de nosso jornalismo literário. A partir de 1920 começou sua atividade como crítico em publicações, como *Hoje*, *ABC* e *O Mundo Literário*. As primeiras críticas, já bastante mordazes, apareceram em *Fetiches e fantoches*, lançado em 1921. A fama se consolidou no ano seguinte, quando foi convidado por Alceu Amoroso Lima a substituí-lo como crítico literário de *O Jornal*. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 25 de agosto de 1973.

SIGLA: AG

PROCEDÊNCIA: doado por Donatelo Grieco em 26 de maio de 1993

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção na imprensa e documentos iconográficos.

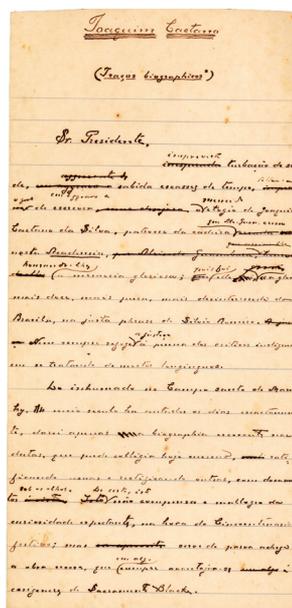
CONTEÚDO: destacam-se 15 volumes encadernados com a produção literária de Agripino Grieco, constituída de artigos e crônicas publicados em vários jornais.

DIMENSÃO: 0,80 m



Alberto Faria

ALBERTO FARIA nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 19 de outubro de 1869. Foi filólogo, jornalista, folclorista e professor. Aos 14 anos, inaugurou, na cidade do interior paulista de São Carlos, o jornal *A Alvorada*. De suas atividades jornalísticas, destacam-se a fundação do jornal *O Dia*, em 1894; a direção do jornal *Correio de Campinas* (1895-1897); e, por último, a fundação de *Cidade de Campinas*, em 1896/1897, onde assinava uma seção chamada “Ferros Velhos” com o pseudônimo Adelino. Em 1901, começou brilhante carreira no magistério; prestou concurso para professor de literatura do ginásio de Campinas, ao lado de ilustres, como Coelho Neto e Batista Pereira, e arrebatoou o primeiro lugar. Seus encargos letivos e jornalísticos lhe renderam honrarias, entre elas sua posição de sócio-fundador da Academia Paulista de Letras (1909) e seu ingresso na Academia Brasileira de Letras em 1918, mesmo ano de publicação do volume de folclore e crítica, *Aérides*. Alberto Faria foi editor da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes* da Universidade de Campinas, publicada entre outubro de 1902 a agosto de 1910, sendo depois publicada nas décadas de 1910, 1950 e 1970. Um dos primeiros intelectuais brasileiros preocupados com questões de datação e proveniência textual, Alberto realizou contribuições decisivas para o debate acerca da autoria das famosas *Cartas chilenas*. No mesmo espírito de *Aérides*, escreveu *Acendalhas* (1920). Faleceu em Paquetá, RJ, em 8 de setembro de 1925.



Joaquim Caetano (traços biográficos),
de Alberto Faria

SIGLA: AF

PROCEDÊNCIA: doado por Fábio de Alencar e Regina de Alencar no período compreendido entre 1975 e 1981

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: inventário analítico parcial do acervo

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: a série correspondência pessoal encontra-se descrita e disponível na base de dados

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal e produção intelectual.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Capistrano de Abreu, Júlia Lopes de Almeida, Olavo Bilac, João Ribeiro, Alceu Amoroso Lima; estudos relativos à autoria das *Cartas chilenas*; originais e provas tipográficas de estudos sobre Fagundes Varela, biografia de Fagundes Varela, originais de tradução, artigos de história, estudos sobre Raimundo Correia, além de anotações acerca de *Marília de Dirceu*, sobre o cancionista da música popular e poetas.

DIMENSÃO: 1,48 m

NOTAS: a série correspondência pessoal foi descrita por Homero Senna. Há documentos de Alberto Faria na Academia Brasileira de Letras.

Álvaro Moreyra

A

ÁLVARO MOREYRA nasceu em Porto Alegre, RS, em 23 de novembro de 1888. Seu nome completo era Álvaro Maria Soledade Pinto da Fonseca Velhinho Rodrigues Moreira da Silva, mas simplificou-o para Álvaro Moreyra, com y, para que essa letra “representasse as supressões”. Era formado em direito. Foi poeta, cronista e jornalista. Em 1910 mudou-se para o Rio de Janeiro, tendo sido redator das publicações *Fon Fon*, *Bahia Ilustrada*, *A Hora*, *Boa Nova*, *Ilustração Brasileira*, *Dom Casmurro*, *Diretrizes* e *Para Todos*. Admirador do teatro, fundou, em 1927, no Rio de Janeiro, o Teatro de Brinquedo, primeiro movimento estruturado de renovação do teatro no Brasil. Em 1958, recebeu o prêmio de melhor disco de poesia com *Pregões do Rio de Janeiro*. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, do Pen Clube do Brasil, da Fundação Graça Aranha e de outras instituições. Foi casado com Eugênia Álvaro Moreyra, líder feminista, e, após falecimento de Eugênia, casou-se com Cyla Rosenberg. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de setembro de 1964.

SIGLA: AMo

PROCEDÊNCIA: doado por Sandra Moreyra em 2008

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual de terceiros, documentos diversos, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Eugênia Álvaro Moreyra, esposa do titular, e com a Associação Brasileira de Imprensa.

DIMENSÃO: 0,14 m

NOTAS: há documentos de Álvaro Moreyra na Academia Brasileira de Letras.



Andrade Muricy

JOSÉ CÂNDIDO DE ANDRADE MURICY nasceu em Barigui (Curitiba), PR, em 4 de dezembro de 1895. Foi advogado, professor, romancista e crítico. Em sua cidade-natal realizou os primeiros estudos. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, em 1916, a fim de completar seus estudos. Neste mesmo ano, estreou como ensaísta e crítico com “Literatura nacionalista”. Lançou ainda um ensaio crítico sobre o poeta Emiliano Pernetta antes que problemas de saúde ocasionassem a transferência de Andrade Muricy para um sanatório na Suíça. Quando retornou, em 1925, já tinha em mãos os originais de seu primeiro e único romance, *A festa inquieta*, publicado no ano seguinte. *A festa inquieta* inspiraria o amigo Tasso da Silveira a batizar o mensário artístico-literário que pretendia lançar, *Festa*, periódico que reuniu como colaboradores mais assíduos, além de Muricy e Tasso, Adonias Filho, Murilo Araújo e Cecília Meireles. Sua descoberta da música se dera durante os tempos da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná. Estudioso atento e apaixonado, teve uma longa e respeitada carreira como crítico musical. Foi o primeiro professor de história da música e estética musical na Universidade do Distrito Federal e um dos sócios-fundadores da Academia Brasileira de Música, tendo inclusive sucedido ao amigo Heitor Villa-Lobos como presidente da instituição. Contudo, sua maior contribuição às artes é o ensaio/antologia *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, lançado em 1952, até hoje referido como o mais completo estudo do movimento no Brasil. Andrade Muricy recebeu em 1973 o prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra. Antes de falecer, doou parte vultosa de sua biblioteca à cidade de Curitiba. Sua biblioteca musical está hoje na Biblioteca Nacional. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 9 de junho de 1984.

SIGLA: AM

PROCEDÊNCIA: doação iniciada pelo titular do arquivo, em 4 de dezembro de 1978, e posteriormente complementada pela família

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: inventário analítico parcial do acervo a ser disponibilizado na base de dados

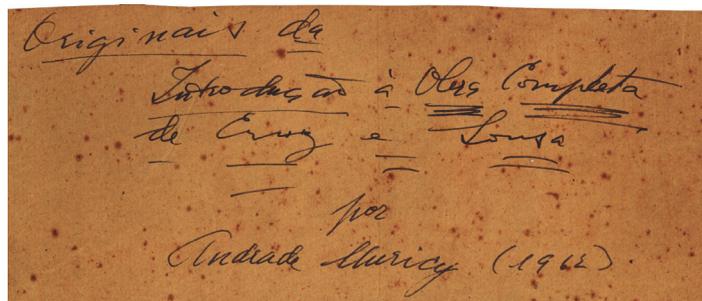
ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado parcialmente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, produção na imprensa, documentos diversos e documentos iconográficos.

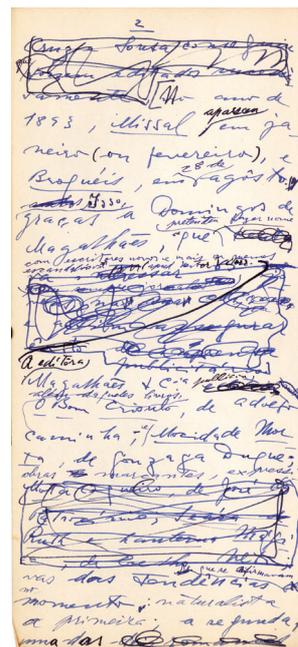
CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Mário de Andrade, Luís da Câmara Cascudo, Graça Aranha, Tristão de Athaíde, e originais das obras *Da crítica do simbolismo pelos simbolistas* e *Introdução ao panorama do movimento simbolista brasileiro*.

DIMENSÃO: 3,37 m

NOTAS: acompanha acervo bibliográfico. O acervo foi organizado por Gilza Martins Saldanha da Gama, no âmbito de projeto desenvolvido com bolsa de recém-doutor do CNPq.



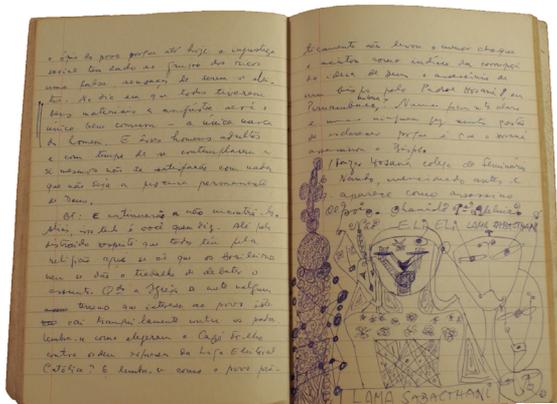
Originals of *Introdução à obra completa de Cruz e Sousa*, de Andrade Muricy, 1963[?]





Antônio Callado

ANTÔNIO CARLOS CALLADO nasceu em Niterói, RJ, em 26 de janeiro de 1917. Foi romancista, contista, teatrólogo e jornalista. Ingressou na Faculdade de Direito em 1936 e, para auxiliar a família, começou a trabalhar no *Correio da Manhã* em 1937, como cronista e repórter, até transferir-se para Londres, onde foi redator da BBC até 1947. Ainda na Europa, de novembro de 1944 a outubro de 1945, atuou no serviço brasileiro da *Radio-Diffusion Française*, em Paris. Voltou ao Brasil e à redação do *Correio da Manhã*, passando também a colaborar com *O Globo*. Ainda nos anos 1950, participou de expedição organizada pelos *Diários Associados* ao Xingu, objetivando solucionar o desaparecimento do explorador britânico Percy Henry Fawcett, visto pela última vez naquela região em 1925. A expedição resultou ineficaz em desvendar o mistério; porém rendeu a Callado o livro-reportagem *O esqueleto na Lagoa Verde*, pioneiro do jornalismo literário brasileiro, lançado em 1953. Em 1954, Callado lançou seu primeiro romance, *Assunção de Salviano*, e assumiu a função de redator-chefe no *Correio da Manhã*. Foi na tumultuosa década seguinte que se consagrou como ficcionista, com o romance *Quarup* (1967), romance explosivo que toca em diversos temas tabus da época: o golpe de 1964, a situação precária dos índios, a posição ambígua da Igreja Católica, o feminismo, a luta armada, as Ligas Camponesas, o consumo de alucinógenos etc. No âmbito romanesco, seguem-se a *Quarup* os livros *Bar Don Juan*, *Reflexos do baile* e *Sempreviva*, todos engajados e de forte teor documental. Em 1974, foi Visiting Scholar no Corpus Christi College, Universidade de Cambridge, Inglaterra. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de janeiro de 1997.



Acima, caderno com notas particulares para o romance *Quarup*, de Antônio Callado.

À direita, carteira de identidade de Antônio Callado, 1935



SIGLA: AC

PROCEDÊNCIA: doado por Ana Arruda Callado

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com o editor Alfred A. Knopf, comentando envio de obras e repercussão de romances, com José Américo de Almeida, Carlos Drummond de Andrade, o crítico Davi Arrigucci Jr., e originais dos romances *Assunção de Salviano*, *Concerto carioca* e *Quarup*.

DIMENSÃO: 6,25 m

NOTAS: o acervo foi organizado no âmbito de projeto financiado pela Faperj. Há documentos de Antônio Callado na Academia Brasileira de Letras.



Antonio Carlos Villaça

ANTONIO CARLOS VILLAÇA nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 31 de agosto de 1928. Ensaísta, crítico, memorialista, historiador, jornalista, foi membro da Associação Brasileira de Imprensa, União Brasileira dos Escritores, Pen Clube do Brasil, Academia Fluminense de Letras e do Instituto Histórico de Niterói. Fez os primeiros estudos na cidade natal e ingressou, na década de 1940, na Faculdade de Direito da PUC-RJ, onde conheceu o amigo Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athaíde), figura recorrente em sua obra memorialística. Durante esse período, desenvolveu grande interesse pelas questões do espírito, não apenas pelo viés convencional, mas também por meio de atenta leitura de romancistas e filósofos existencialistas. Consumido pela vida intelectual, escreveu para jornais e organizou, no início da década de 1960, uma antologia do poeta Junqueira Freire para a editora Agir. Nessa mesma década, passou temporadas na Europa e na América do Norte. Em 1970, veio a público *O nariz do morto*. Recebeu os seguintes prêmios: Jabuti (1970), Fernando Chinaglia (1973), Luísa Cláudia de Sousa (1975) e, em 2001, o prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra. Publicou ainda *Literatura e vida* (1976, crítica), entre outras obras. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 29 de maio de 2005.



SIGLA: ACV

PROCEDÊNCIA: doado pelo titular do arquivo, em 22 de dezembro de 1972, e complementado, em 2005, por André Seffrin

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: relação sumária de documentos

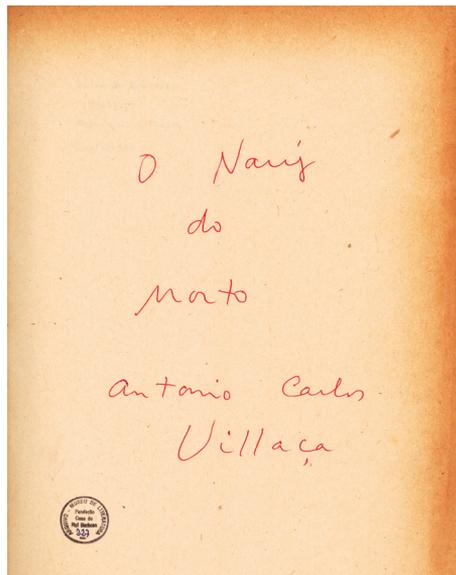
ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, produção na imprensa, documentos pessoais, documentos diversos e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Otto Lara Resende, Cyro dos Anjos, Octávio de Faria, Américo Jacobina Lacombe, Abgar Renault; os originais de *O nariz do morto* e *O anel*, além de escritos sobre as obras *Água-mãe*, *Banguê*, *Cangaceiros*, *Fogo morto* e *Eurídice* de José Lins do Rego.

DIMENSÃO: 1,54 m

NOTAS: acompanha acervo museológico.



Folha de rosto de *O nariz do morto*, de Antonio Carlos Villaça





Antônio Fraga

ANTÔNIO FRAGA nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 30 de junho de 1916. Foi cronista, poeta, contista, considerado o primeiro literato brasileiro autenticamente *marginal*. Com a separação de seus pais, em 1932, Antônio Fraga resolveu seguir rumo próprio. Teve inúmeras atividades para se manter financeiramente, a mais notória sendo a de vendedor de siris no Mangue, zona de prostituição carioca onde começou a recolher material para sua ficção. *Desabrigo* é publicado em 1945, embora seus originais datem de 1942. A novela saiu pela editora Macunaíma, fundada pelo próprio Fraga, em sociedade com Antônio Olinto e Ernande Soares, e desativada no mesmo ano por falta de verba. A divulgação do livro deu-se em clima de guerrilha; em novembro de 1978, o próprio Fraga contou em entrevista para o jornal *O Globo* que costumava vender seu *Desabrigo* num banco na Cinelândia. Muito embora tenha granjeado comentários elogiosos de grandes nomes da literatura de então – incluindo Oswald de Andrade, que o igualou a Clarice, e Guimarães Rosa em crônica de 1947 –, o livro não garantiu ao autor vida mais estável. Boêmio e nômade, Fraga viveu sem ocupação fixa em diversos bairros do Rio de Janeiro até relocar-se definitivamente na Baixada Fluminense em companhia de sua esposa e filhos, no início dos anos 1960. Este afastamento dos centros literários da cidade contribuiu ainda mais para ofuscar sua obra. Entretanto, o surgimento de uma literatura assumidamente marginal nos anos 1970 acabou por reacender o interesse por *Desabrigo*. Antônio Fraga foi autor também de *Moinho e*, escrito originalmente em 1957. Viveu em relativa obscuridade, produzindo fora do radar das editoras e do grande público. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 19 de agosto de 1993.

a vida de quem se interessa (5)
 pelo que contamos, quando em
 gestões e de repente, de repente
 a vida é o que ele
 - A vida de quem se interessa pelo
 mais alto, não é a vida de quem se
 interessa, o que contamos e a ex-
 tinguimos e cabemos a o que parece
 ao homem sobre a vida de quem
 não e não bem, não é, se a vida
 com o que os outros querem que seja
 não se tem mais, se um outro. Não
 não a ter mais, se não se tem
 ele ele mesmo a vida.
 mesmo que ele tenha a vida
 O que trabalho consiste em de-
 ser o que trabalham, a vida não
 consiste em abstrair a vida (que
 parece ao homem) mas a vida
 a vida a vida a vida a vida a vida
 que se apresenta
 mesmo que se considere



Notas em papel de maço de cigarro,
de Antônio Fraga

SIGLA: Afr

PROCEDÊNCIA: doado por Therezinha Eunice Manga Fernandes em 23 de setembro de 1993

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: inventário analítico a ser disponibilizado na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência familiar de terceiros, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos complementares.

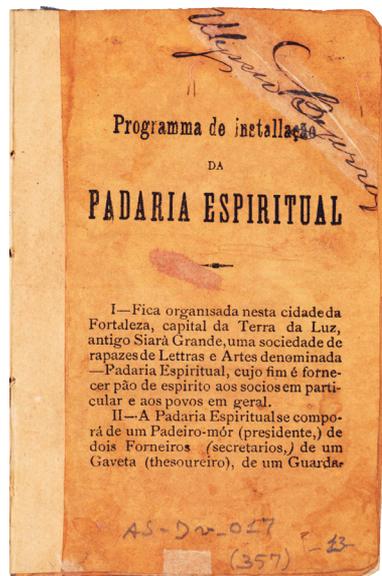
CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Antônio Olinto, Antônio Houaiss, Carlos Drummond de Andrade, João Antônio, Márcio de Sousa, Murilo Mendes, Eugene Ressencourt; ensaios sobre matemática, lógica, pintura, música e filosofia; crônicas sobre Tomás Santa Rosa e Panceti; artigos sobre economia e política; novelas, contos, peças de teatro e dois roteiros de cinema.

DIMENSÃO: 2,30 m

NOTAS: acompanha acervo museológico. O acervo foi organizado no âmbito de projeto financiado pela Faperj com orientação de Maria Célia Barbosa Reis.

Antônio Sales

ANTÔNIO SALES nasceu em Paracuru, CE, em 13 de junho de 1868. Foi poeta, romancista, jornalista, teatrólogo e crítico. Exerceu cargo de secretário dos Negócios do Interior e Justiça do Ceará e de deputado na 2ª. Constituinte pelo mesmo estado. Em 1897 seguiu para o Rio de Janeiro, onde se empregou no Tesouro Nacional e dedicou-se ao jornalismo. Foi fundador da Padaria Espiritual e membro da Academia Cearense de Letras. Era tio do escritor Pedro Nava, sendo figura referencial para o memorialista, que o retratou na obra *Bauí de ossos*. Foi um dos membros mais atuantes da Padaria Espiritual em cuja publicação colaborou assiduamente. Como jornalista, sua atividade mais destacada se deu no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, no qual redigiu a seção em verso “Pingos e Respingos”, onde colaboraram também Emilio de Menezes e Bastos Tigre. Faleceu em Fortaleza, CE, em 14 de novembro de 1940.



Programa de instalação
da Padaria Espiritual, 1892

SIGLA: AS

PROCEDÊNCIA: doado por Pedro Nava em 1983

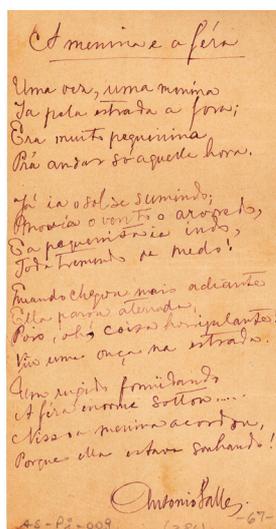
INSTRUMENTOS DE PESQUISA: inventário analítico publicado em papel e na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com intelectuais e escritores, notadamente os membros da Padaria Espiritual; cartas guardadas de Machado de Assis, de Magalhães de Azeredo, de Graça Aranha, de Valentim Magalhães, de Edmundo Bittencourt, de Mário de Alencar e de Belmiro Braga (242 cartas), além de originais de livros e esboços de trabalhos que permaneceram inéditos, poemas e até um roteiro cinematográfico (incompleto) de uma comédia que também não chegou a ser produzida. Há, ainda, poemas de Rodolfo Teófilo, Sílvia Patrícia, Lúcio de Mendonça, Belmiro Braga e Martins Fontes. Merece ainda destaque o *Programa de Instalação da Padaria Espiritual*, onde há a relação dos pseudônimos dos participantes da Padaria e, ao lado, escrito à mão, a identificação.

DIMENSÃO: 0,68 m



Poemas de
 Antônio Sales



Aprígio dos Anjos

APRÍGIO DOS ANJOS nasceu na Paraíba, em 1880. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1909, foi jornalista e poeta. É considerado um dos melhores satiristas nacionais. Faleceu em 20 de agosto de 1962.

SIGLA: AA

PROCEDÊNCIA: doado por Aída dos Anjos e Maria Teresa dos Anjos em 12 de março de 1987

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 0,15 m



Ary Quintella



ARY GUERRA DE MURAT QUINTELLA nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 25 de julho de 1933. Foi romancista, contista, novelista, ensaísta, autor de literatura juvenil, conferencista e jornalista. Diplomado em direito, foi membro da Ordem dos Advogados do Brasil. Publicou, entre outras obras, *Combati o bom combate* (1971, romance) e *Titina* (1982, romance). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 15 de setembro de 1999.

SIGLA: AQ

PROCEDÊNCIA: doado pelo titular em 26 de outubro de 1994

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com João Antônio, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Edilberto Coutinho, Roberto Drummond, Oswaldo França Júnior, Fernando Sabino; originais dos livros juvenis dedicados à filha do titular, além de crônicas escritas para a rádio MEC.

DIMENSÃO: 4,14 m



Augusto Meyer

AUGUSTO MEYER, filho de Augusto Ricardo Meyer e Rosa Feldmann Meyer, nasceu em Porto Alegre, RS, em 24 de janeiro de 1902. Iniciou estudos superiores também em Porto Alegre, não concluindo, entretanto, o curso de direito. Autodidata, homem de grande erudição, dedicou-se à poesia, à crônica, ao ensaio crítico, à pesquisa e, ainda, à pintura, chegando a participar de exposição coletiva. Exerceu importantes cargos e atividades: diretor da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (1930-1936); colaborador do Sphan como representante da 7ª. Região (1937); diretor do Instituto Nacional do Livro (INL) (1938-1956 e 1961-1967); integrante da Missão Cultural do Ministério das Relações Exteriores aos EUA (1944); professor de teoria da literatura da Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, entre outros. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e do Conselho Federal de Cultura (1967-1970). Na imprensa, participou da fundação da *Revista do Globo*, na qual colaborou; dirigiu a revista *Madrugada* (Porto Alegre) e colaborou no *Correio do Povo* (Porto Alegre). Foi responsável, juntamente com Teodomiro Tostes e Luís Vergara, pela página literária do *Diário de Notícias* (Porto Alegre), onde foram publicadas as primeiras manifestações do modernismo no Rio Grande do Sul. Já no Rio de Janeiro, foi responsável por inúmeros artigos e ensaios publicados no *Correio da Manhã* e outros periódicos. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 10 de julho de 1970.

SIGLA: AMe

PROCEDÊNCIA: doado por Augusto Sousa Meyer e Maria Livia Meyer em 11 de outubro de 1983

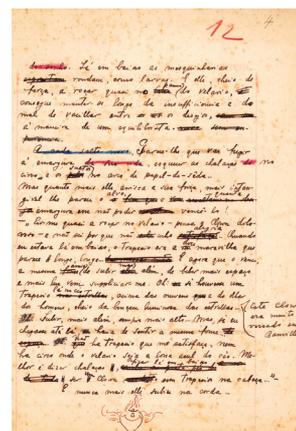
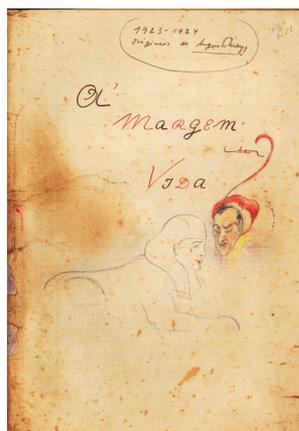
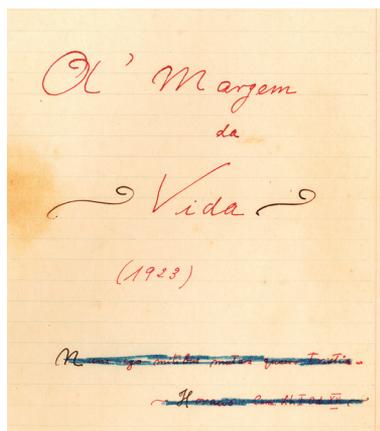
INSTRUMENTOS DE PESQUISA: inventário analítico publicado em papel e na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Rodrigo Melo Franco de Andrade e Sara Sousa Meyer, esposa do titular durante 30 anos; e documentos da série produção intelectual, com trabalhos para jornais, poesias, traduções, pesquisas e discursos.

DIMENSÃO: 0,86 m



Projeto de capa, folha de rosto e página de *À margem da vida*, de Augusto Meyer, 1923





B - D

Barreto Leite Filho

Bastos Tigre

Bezerra de Menezes

Bráulio Pedroso

Cacaso

Caio Fernando Abreu

Carlos Castello Branco

Carlos Drummond de Andrade

Carlos Mundi

Clarice Lispector

Corina Coaraci

Cornélio Penna

Cruz e Sousa

Cyro dos Anjos

Dalcídio Jurandir

Dunshee de Abranches



Barreto Leite Filho

JOÃO BATISTA BARRETO LEITE FILHO nasceu no município de Santa Maria, RS, em 7 de dezembro de 1906. Fez estudos regulares até o secundário, prosseguindo como autodidata. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1923, quando ingressou na carreira jornalística. Nesse mesmo ano começou a trabalhar em *A Notícia*. No ano seguinte foi para o matutino *O Brasil*, no qual permaneceu por três anos na função de repórter, tornando-se, mais tarde, também redator de política. Em 1927 entrou para o jornal *A Manhã* e, a partir de 1928, começou a escrever em *O Jornal*, de São Paulo, no *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, e no *Diário de Notícias*, de Porto Alegre. Atuou em diversas funções no jornalismo, tendo trabalhado em várias editoras. Publicou artigos na *Revista do Brasil*.

SIGLA: BL

PROCEDÊNCIA: doado por Vera Maria Teresa Barreto Valdez em 2 de maio de 1988

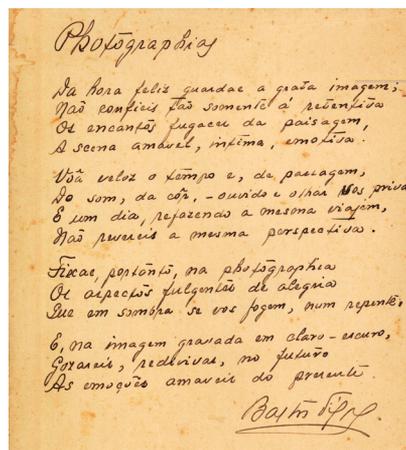
INSTRUMENTOS DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 5,68 m

Bastos Tigre

MANUEL BASTOS TIGRE nasceu em Recife, PE, em 12 de março de 1882. Foi poeta de verve satírica, homem de imprensa, nome recorrente na crônica em torno da *belle époque* carioca. Até 1906, Bastos intensificou ainda mais seu trabalho na imprensa, colaborando com as revistas *Avança!*, *A Avenida* e com o suplemento literário da *Gazeta de Notícias*. Passou a integrar definitivamente os quadros do *Correio da Manhã*. Em 1905 publicou *Versos perversos* e estreou como revistógrafo em *O Maxixe*, parceria com João Phoca (pseudônimo de Batista Coelho). Publicitário, redigiu programas de rádio. O ápice da carreira humorística de Bastos deu-se em 1917, quando fundou o semanário de humor *D. Quixote*. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 2 de agosto de 1957.



"Fotografias",
de Bastos Tigre

SIGLA: BT

PROCEDÊNCIA: doação do Centro de Pesquisa e Documentação Contemporânea – CPDOC/FGV, autorizada por Silvia Bastos Tigre e Helius Bastos Tigre em 10 de novembro e 26 de dezembro de 1984. Complementação do material doado por Helius Bastos Tigre em 6 de dezembro de 1995

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se ensaios, conferências e poemas, como “Kalendário” e “Perfis”, além de poemas de Martins Fontes dedicados ao titular, “Balada do poeta Bastos Tigres” e “A Bastos Tigres”.

DIMENSÃO: 1,70 m



Bezerra de Menezes

ADOLFO JUSTO BEZERRA DE MENEZES nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 19 de julho de 1910. É bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Formou-se agrimensor pelo Colégio Militar do Rio de Janeiro e cursou civilização e língua francesa na Universidade de Sorbonne. Tornou-se membro da Sociéte Européenne de Culture. É, também, diplomado em Curso Superior de Guerra pela Escola Superior de Guerra. É membro da The Pan American League e do The Toastmaster's Club. Seguiu carreira diplomática, tendo representado o Brasil em missões nos Estados Unidos, Canadá, Europa, Ásia e África. É autor de *O Brasil e o mundo ázio-africano* (1956), *Da Europa aos Himalaias no volante* (2000), entre outras obras.

B - D

SIGLA: BM

PROCEDÊNCIA: doado pelo titular

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 1,70 m

Bráulio Pedroso

BRAÚLIO NUNO DE ALMEIDA PEDROSO nasceu em São Paulo, SP, em 30 de abril de 1931. Exerceu atividade como jornalista, crítico de cinema e de literatura, dramaturgo, contista e telenovelistas. Em 1968, Cassiano Gabus Mendes, à época diretor-geral da TV Tupi, convidou o jovem Bráulio a escrever uma novela moderna para sua emissora. Surgia então *Beto Rockfeller*, protagonizada por Luiz Gustavo e Débora Duarte, drama que rompeu inteiramente com a linguagem das novelas de até então. Foi premiado pela Associação Paulista de Críticos Teatrais e com o prêmio Molière, o que consagrou uma intensa atividade de dramaturgo, crítico e autor de telenovela. Entre suas obras estão: *A catedral* (1967, conto), e as telenovelas: *Sítio do Pica-Pau Amarelo* (participação no 1º. seriado), *O cafona* e *Deus nos acuda*. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em agosto de 1990.

SIGLA: BP

PROCEDÊNCIA: doado por João Manuel de Almeida Pedroso em 27 de outubro de 2000

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries produção intelectual, documentos pessoais, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos sonoros.

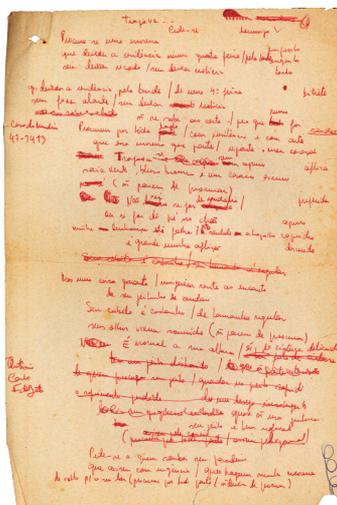
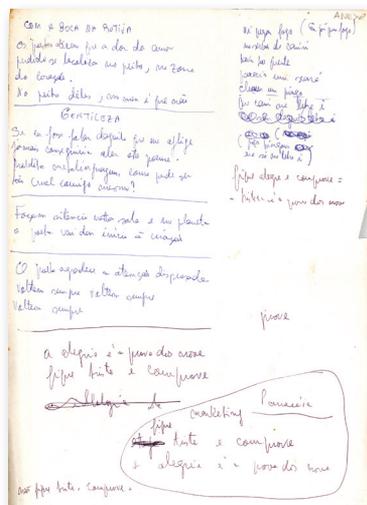
CONTEÚDO: destacam-se originais de novelas, como *Feijão maravilha*, *O rebu*, *Que rei sou eu?* e *Beto Rockfeller*.

DIMENSÃO: 3,90 m



Cacaso

ANTÔNIO CARLOS DE BRITO nasceu em Uberaba, MG, em 13 de março de 1944. Diplomado em filosofia, exerceu a função de professor universitário. Filho de fazendeiros, teve passagens por Alfredo de Castilhos e Barretos (interior de São Paulo) antes de sua família fixar-se em definitivo no Rio de Janeiro, o que tanto contribuiria para a dicção amalandrada de seus poemas mais famosos. Diplomou-se em filosofia. Em 1967, publicou *A palavra cerzida*, volume de poemas de forte cunho drummondiano. Este livro, pouco lido, pouco circulado, contava com prefácio elogioso de José Guilherme Merquior, que o colocava como expoente da poesia “pós-vanguarda”. Entre as décadas de 1960 e 1970, lecionou teoria da literatura e literatura brasileira na PUC-RJ. Em 1974, lançou *Grupo escolar* pela coleção Frenesi, financiada por Zelito Vianna. Neste volume, há uma ruptura radical com a dicção de que havia se valido até então; surgia o comprometimento com a poesia curta, de talhe paródico e cotidiano. Em 1975, a aliança com os poetas Eudoro Augusto, Carlos Saldanha e Chacal deu ensejo à coleção Vida de Artista, pela qual Cacaso lançou *Segunda classe* (parceria com Luiz Olavo Fontes), *Beijo na boca* e *Na corda bamba*. Foi compositor, crítico literário e poeta. Tornou-se conhecido pelo pseudônimo Cacaso. Publicou ainda *Grupo escolar* (1974, poesia), *Mar de mineiro* (1982, poesia e letras de música) e *Beijo na boca e outros poemas* (1985, antologia de poemas). Postumamente foram publicados *Não quero prosa* (1997, artigos e ensaios) e *Lero-lero* (2002, poesia reunida). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 27 de dezembro de 1987.



Poemas de Casaco

SIGLA: ACB

PROCEDÊNCIA: doado por Rosa Emília Machado Dias em 11 de fevereiro de 2008

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: inventário analítico a ser disponibilizado na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Francisco Alvim, Carlos Saldanha, Roberto Schwarz, José Guilherme Merquior, Tom Jobim, além do diplomata Gelson Fonseca Júnior; originais de poemas e de letras de músicas, artigos, notas manuscritas sobre literatura, filosofia e política, rascunhos de textos de dramaturgia, desenhos e textos diversos. Na produção intelectual de terceiros há poemas de autores como Carlos Saldanha e Ana Cristina Cesar.

DIMENSÃO: 2,88 m

NOTAS: o acervo foi organizado no âmbito de projeto do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área de Cultura da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Caio Fernando Abreu

CAIO FERNANDO ABREU nasceu em Santiago do Boqueirão, RS, em 12 de setembro de 1948. Foi contista, crítico de cinema e romancista. Fez os estudos no Rio Grande de Sul, sem completar o curso de letras na UFRGS. Depois de vencer concurso de jornalismo, mudou-se para São Paulo em 1968 para atuar na imprensa. Seu livro *Inventário do ir-remediável* foi vencedor, em 1968, do prêmio Fernando Chinaglia. Morando no Rio de Janeiro, trabalhou nas revistas *Manchete* e *Pais e filhos*. Depois de voltar para o sul e trabalhar em jornais locais, Caio Fernando Abreu viajou pela Europa, mantendo-se financeiramente com diversas ocupações. Na volta ao Brasil, dividiu sua atuação na imprensa entre São Paulo e o Rio de Janeiro. Teve intensas relações de amizade com Ana Cristina Cesar e Hilda Hilst, entre outros artistas. A obra ficcional de Caio Fernando Abreu, abrangendo prosa, poesia e dramaturgia, une a habilidade de escritor com a consciência do lugar da literatura na cultura midiática. Seus muitos contos mapeiam a sensibilidade contemporânea, bem como questões candentes, como a solidão, o homoerotismo e o surgimento da aids. Dentre suas obras estão: *Limite branco* (1970, romance), *O ovo apunhalado* (1975, contos), *Pedras de Calcutá* (1977, poesia), *Morangos mofados* (1982, contos), *Triângulo das águas* (1983, contos), *Reunião de família* (1984, adaptação para teatro), *A comunidade do arco-íris* (1979, teatro) e *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora* (1983, teatro). Faleceu em Porto Alegre, RS, em 25 de fevereiro de 1996.



SIGLA: CFA

PROCEDÊNCIA: doado pelo titular em 30 de dezembro de 1995

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: inventário analítico a ser disponibilizado na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal e documentos pessoais.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência com Adriana Calcanhoto, João Antônio, Jorge Amado, Rubem Fonseca, Hilda Hilst, Lya Luft, Maria Adelaide Amaral, Leila Miccolis, Nádya Batella Gotlib e Paulo Coelho.

DIMENSÃO: 0,9 m

NOTAS: parte do arquivo de Caio Fernando Abreu encontra-se sob custódia do Delfos (Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUC-RS).



Carlos Castello Branco

CARLOS CASTELLO BRANCO nasceu em Teresina, PI, em 25 de junho de 1920. Foi contista, jornalista, crítico, romancista, diplomado em direito (1943), político, membro da Academia Brasileira de Letras (1982) e da Academia Piauiense de Letras. Fez os primeiros estudos no grupo escolar Teodoro Pacheco e no Liceu Piauiense, onde foi colega do renomado jornalista Abdias Silva e do também jornalista e político Neiva Moreira. Com os dois colegas, fundou o jornal *A mocidade* em 1934. cursou direito em Minas Gerais, na Faculdade de Direito de Belo Horizonte, onde se diplomou em 1943. Em 1939, começou a trabalhar no jornal *Estado de Minas* como repórter de polícia. Mudando-se para o Rio de Janeiro, trabalhou em diversos periódicos, como a *Tribuna da Imprensa* e *O Cruzeiro*. Em 1961, assumiu o cargo de secretário de imprensa do presidente Jânio Quadros. Em 1977, deu início à importante publicação *Os militares no poder*, com segundo e terceiro volumes em 1978 e 1979. Foi eleito para ocupar a cadeira nº. 34 da Academia Brasileira de Letras em 4 de novembro, da qual tomou posse em 1983. Com a “Coluna do Castello”, no *Jornal do Brasil*, Carlos Castello Branco ganhou projeção durante os 30 anos de existência da coluna. Publicou, entre outras obras, *Continhos brasileiros* (1952), *Arco do triunfo* (1959, romance) e *Introdução à Revolução de 1964* (1975). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1º. de junho de 1993.

Carlos Drummond de Andrade

B - D

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE nasceu em Itabira do Mato Dentro, MG, em 31 de outubro de 1902. Filho de Carlos de Paula Andrade e D. Julieta Augusta Drummond de Andrade, realizou seus estudos primários e secundários em Belo Horizonte e Friburgo. Diplomou-se em farmácia, não seguindo a profissão. Nos anos 1920, conheceu Abgar Renault, Alberto Campos, Aníbal Machado, entre outros intelectuais frequentadores do café Estrela e da Livraria Alves, em Belo Horizonte. Ainda em Minas Gerais, formou com Emílio Moura, João Alphonsus, Cyro dos Anjos, Pedro Nava, Abgar Renault e outros o grupo mineiro do modernismo, tendo como fortaleza o jornal *Diário de Minas*. O periódico *A Revista*, fundado por Drummond em 1925, juntamente com Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida e Gregoriano Canedo, refletia a tendência do grupo: nacionalização e retorno à realidade circunstante. Na capital mineira colaborou também para o *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, sendo mais tarde redator de *A Tribuna*. Em 1930, publicou *Alguma poesia* em tiragem limitada a 500 exemplares custeados pelo autor. Em 1934, entrou para o funcionalismo público, ao lado do seu amigo Gustavo Capanema que, ao ser nomeado ministro da Educação, nomeou Drummond chefe de gabinete. A partir de 1945, passou a trabalhar na diretoria do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, depois de se afastar do gabinete de Capanema. Com a publicação de *Antologia poética* (1962) e *Obra completa* (1964), Drummond veria sua importância e popularidade crescerem progressivamente.

Exímio poeta, Carlos Drummond de Andrade foi também prosador na mesma medida, seja como contista ou cronista. Considerado por muitos críticos o maior poeta brasileiro do



Óculos que pertenceu a Carlos Drummond de Andrade

século XX, a influência da poesia de Carlos Drummond de Andrade nas sucessivas gerações atesta a fecundidade definitiva de sua obra, inauguradora de um lirismo cotidiano, prosaico e moderno até os dias de hoje. Poeta máximo, Drummond soube sintetizar na sua obra as questões estéticas e culturais mais importantes ao longo de sua atividade como poeta. Entre seus livros mais conhecidos estão: *Sentimento do mundo* (1940, poesia), *A rosa do povo* (1945, poesia), *Claro enigma* (1951, poesia), *Contos de aprendiz* (1951, contos), *Fala, amendoeira* (1957, crônica) e *Lição de coisas* (1963, poesia). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 17 de agosto de 1987.

SIGLA: CDA

PROCEDÊNCIA: doado pelo titular, em 16 de dezembro de 1972, e complementado posteriormente pela família Graña Drummond

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: inventário analítico publicado em papel e na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

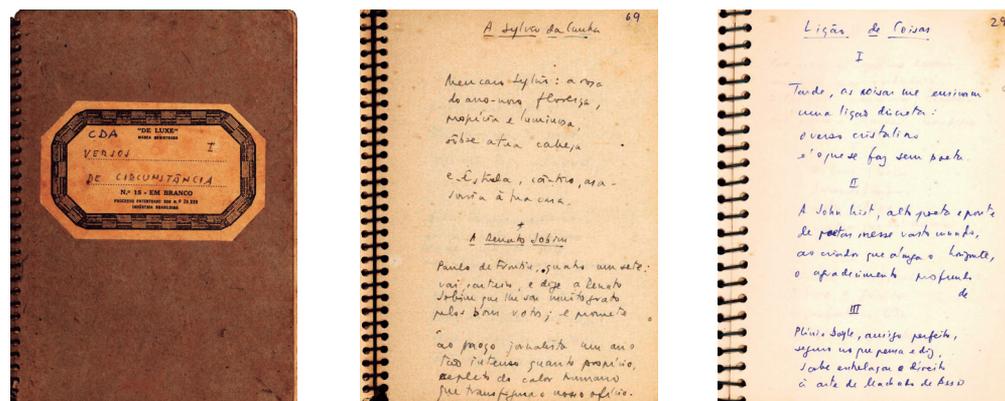
ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos, documentos complementares e documentos suplementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Mário de Andrade, Cyro dos Anjos, Manuel Bandeira, Pedro Nava, Abgar Renault, Gustavo Capanema, José Mindlin, Otto Maria Carpeaux; os originais de 3 poemas publicados com modificações em *Alguma poesia*, trazendo um a data de 1923 e dois a de 1924, datilografados com anotações manuscritas de Mário de Andrade. Há também 3 poemas datilografados em folha de papel fino de *A rosa do povo*: “Fim da Terceira Internacional”, publicado com o título de “Mas viveremos”, “Telegrama de Moscou” e “Carta a Stalingrado”. Entre os poemas esparsos, que são 38, merecem destaque “Passa a aleijadinha”, publicado em 1926, no *Diário de Minas*, com o pseudônimo Constantino Serpa, mas inédito em livro; e mais sete poemas: “Oferenda”, “Espelho, túnica e água”, “Gravuras urbanas”, “O vulto pensativo das secretarias”, “Cromo”, “A beleza da vida na alegria da manhã” e “Biblioteca”; datilogra-

fados, sem emendas. Constatam 86 crônicas, abrangendo o período de 25 de março de 1930 a 11 de novembro de 1932, publicadas no *Minas Gerais*, com o pseudônimo Antônio Crispin ou José Luís; 9 foram publicadas com o pseudônimo Mickey, no mesmo jornal, no período de 15 de maio a 12 de julho de 1934. Nos documentos suplementares, encontram-se provas tipográficas de *A bolsa e a vida*, *Caminhos de João Brandão*, *De notícias e não notícias faz-se a crônica* e *Fala, amendoeira*.

DIMENSÃO: 13 m

NOTAS: o acervo de Carlos Drummond de Andrade foi organizado no âmbito de dois grandes projetos desenvolvidos pelo Ministério da Cultura, pelo CNPq e pelo Programa de Incentivo a Produção do Conhecimento Técnico e Científico da FCRB: 1) digitalização e indexação de todas as crônicas publicadas no *Correio da Manhã*, de 1954 a 1969, e no *Jornal do Brasil*, de 1969 a 1984; 2) indexação da produção de Carlos Drummond de Andrade em outros periódicos.



Caderno de *Versos de circunstância*, de Carlos Drummond de Andrade.



Carlos de Laet

Carlos Maximiliano Pimenta de Laet nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 3 de outubro de 1847. Foi jornalista, professor e poeta. Diplomado em engenharia, Laet preferiu voltar-se para o magistério e o jornalismo. Foi professor de português, geografia e aritmética do Colégio Pedro II. Monarquista, Laet foi eleito deputado em 1889, mesmo ano em que foi proclamada a República, evento que interrompeu a carreira política do professor. Até a aposentadoria, em 1925, atuou no magistério no Externato de São Bento e no Seminário São José, tendo ocupado o cargo de diretor do Internato Pedro II. Colaborou como jornalista para o *Diário do Rio*, a *Tribuna Liberal*, o *Jornal do Brasil*, além do *Jornal do Commercio*, onde escreveu textos para a coluna “Microcosmo”. Deixou grande produção sobre arte, literatura, crítica de poesia e de costumes. Durante o modernismo, foi satirizado por Graça Aranha em três poemas, por conta da firme postura antimodernista de Laet. Deixou poucas obras publicadas, entre elas: *Poesias* (1873), *Em Minas* (1894) e *A descoberta do Brasil* (1900). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 7 de dezembro de 1927.

SIGLA: CLa

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, correspondência familiar, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, produção na imprensa, documentos diversos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Afonso Celso e Raimundo Correia, bem como originais de artigos do titular reunidos por Leopoldo Aires.

DIMENSÃO: 0,35 m

NOTAS: Guiomar de Menezes Aires era viúva de Leopoldo Aires, para quem Carlos Mafra de Laet, neto de Carlos de Laet, havia doado o acervo do avô. Há documentos de Carlos de Laet na Academia Brasileira de Letras.

B - I - D



"Microcosmo", coluna de jornal de Carlos de Laet



Carlos Mundi

CARLOS MUNDI nasceu em 1968. Foi poeta e autor de *Prelúdio do adeus* (1999). Faleceu em 1998.

SIGLA: CM

PROCEDÊNCIA: doado por Francisco José de Andrade Gomes em 5 de julho de 2000

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 1,70 m



Clarice Lispector

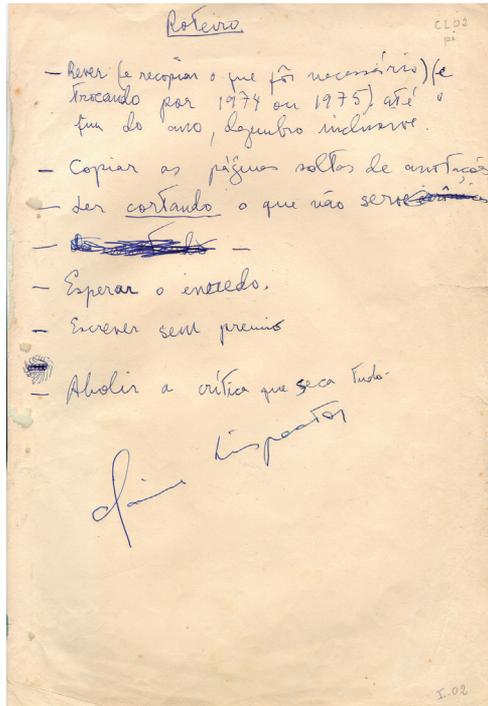
CLARICE LISPECTOR nasceu em Tchetchnik, Ucrânia, em 10 de dezembro de 1920. Filha de pais exilados da Rússia, passou a infância no Recife, PE, aonde chegou com dois meses, e onde fez os estudos primários e secundários. Aos doze anos, Clarice mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Com o auxílio de Álvaro Moreyra, publicou, ainda adolescente, no jornal literário *Dom Casmurro*, seu primeiro conto. Em 1941, quando começou a cursar direito na Faculdade Nacional de Direito, iniciou colaboração como redatora na Agência Nacional, ao lado de Antônio Callado, José Condé e Lúcio Cardoso. Trabalhou também como jornalista em *A Noite*, editora que publicou em 1944 seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*; em troca da publicação, Clarice abriu mão dos direitos autorais. Casou-se com o diplomata Mauri Gurgel Valente e viveu muitos anos no exterior, até fixar residência definitivamente no Rio de Janeiro, a partir de 1959. Antes disso, publicou a produção realizada no exterior, como os romances *O lustre* (1946) e *A cidade sitiada* (1949), e alguns contos lançados em periódicos, que mais tarde comporiam *Laços de família*. A partir dos anos 1960, ganhava cada vez mais renome e importância literária. Sua popularidade crescia com a atuação na imprensa ao escrever crônicas para o *Jornal do Brasil* e realizar as entrevistas publicadas em *Fato e Fotos*. Embora célebre, Clarice procurava a reclusão, o que facilitou a aura de mistério em torno de sua figura. A obra de Clarice é considerada a primeira, no Brasil, a testemunhar a crise de representação na arte moderna, instaurando questionamentos metafísicos e existenciais. É tida, junto com João Guimarães Rosa, como a inovadora da prosa brasileira, pela tensão entre a linguagem e a vida. Sua obra recebeu os



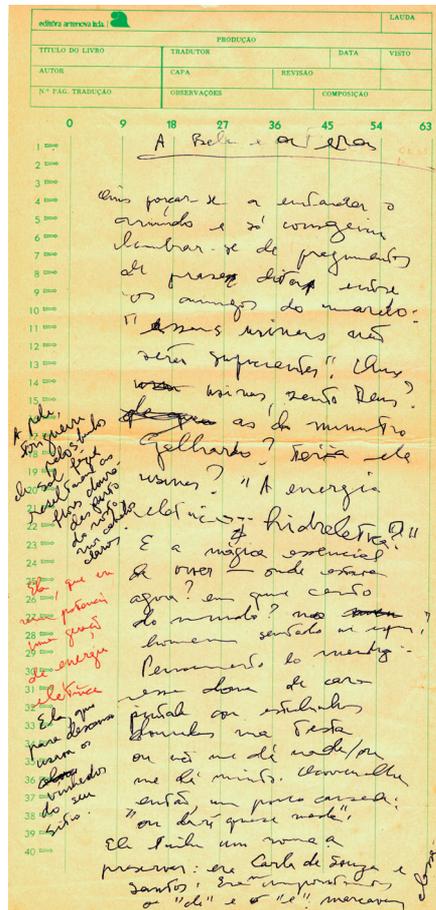
Máquina de escrever que pertenceu a Clarice Lispector



seguintes prêmios: Graça Aranha (1944), Carmen Dolores Barbosa (1956), Calunga (1967) e Golfinho de Ouro (1969). Foi romancista, contista, cronista, jornalista e redatora. Publicou, entre muitas obras, *Perto do coração selvagem* (1946, romance), *Laços de família* (1960, contos) e *A hora da estrela* (1977, romance). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 9 de dezembro de 1977.



Roteiro do romance *Água viva*, de Clarice Lispector



Conto "A bela e a fera", de Clarice Lispector



SIGLA: CL

PROCEDÊNCIA: doado por Paulo Gurgel Valente em 1º. de fevereiro de 1978

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: inventário analítico publicado em papel e na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, correspondência familiar, correspondência familiar de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Fernando Sabino, abrangendo o período de 1946 a 1959, e com Rubem Braga, entre os anos de 1945 e 1962. Merecem ainda destaque o datiloscrito de *Água viva*, o manuscrito do conto “A bela e a fera” e o material que serviu de base para a elaboração da coluna “Correio Feminino”, publicado no *Correio da Manhã*, sob o pseudônimo Helen Palmer. Devem ser mencionados também documentos, como carteira profissional, de identidade, título de eleitor, contrato de edições, diplomas, contracheques, recibos e extratos de contas, além de materiais de natureza variada, tais como boletins informativos, cadernos de endereços e telefones, menus, programação do Primeiro Congresso de Bruxaria e as mais variadas notas.

DIMENSÃO: 1,30 m

NOTAS: acompanha acervo museológico e bibliográfico. O Instituto Moreira Salles recebeu cerca de 800 volumes da biblioteca de Clarice, e a correspondência com suas irmãs encontra-se na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional.



Corina Coaraci

CORINA COARACI nasceu em Wyandotte City, hoje Kansas City, nos Estados Unidos, em 18 de abril de 1859. Filha da americana Mary Frances Lawe e do jornalista brasileiro Carlos Francisco Alberto de Vivaldi, Corina fez seus estudos no Colégio Brasileiro, no Brasil. Era dotada de uma bela voz meio-soprano; por esta razão, foi frequentemente convidada a participar de concertos beneficentes, muitos realizados em prol da campanha abolicionista. Casou-se com Visconti Coaraci em 15 de junho de 1880. Sua atuação em nossas letras se deu por meio do jornalismo. Estreou na imprensa em 1875, colaborando em periódicos fundados por seu pai no Rio de Janeiro: *Ilustração do Brasil* e *South American Mail*, escrevendo tanto em inglês quanto em português. Em 1877, passou a dirigir a *Ilustração Popular*. Foi correspondente do *Arauto*, de Petrópolis, manteve a seção “Modos e Modas / Usos e Costumes” na *Folha Nova*, do Rio de Janeiro, e escreveu com regularidade na *Gazetinha*. Foi correspondente especial do *The New York Herald* (1888-1889), onde publicou uma série de artigos sobre o movimento republicano brasileiro. Em 1891, regressou aos Estados Unidos para tratar de interesses da família. Ali atuou como correspondente de *O País*, para onde enviou seus últimos trabalhos, a série de crônicas “No país dos dólares”. Faleceu em 23 de março de 1892, em uma vila perto de Nova Orleans.¹

¹ Biografia elaborada por Eliane Vasconcellos e publicada no livro *Escritoras brasileiras do século XIX*, Vol. 1, p. 801



SIGLA: CCy

PROCEDÊNCIA: doado por Ada Maria Coaraci em 14 de março de 1996

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais e documentos diversos.

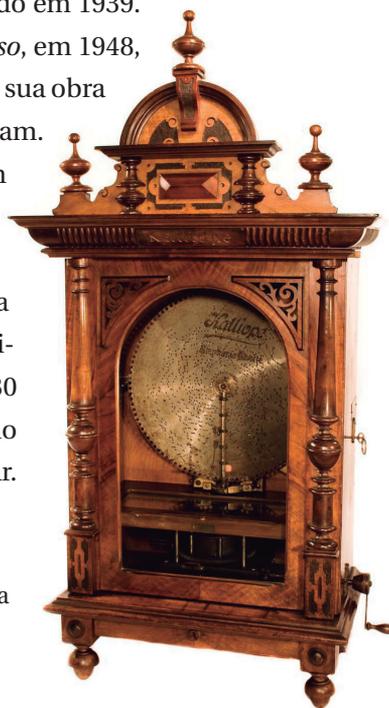
DIMENSÃO: 0,14 m

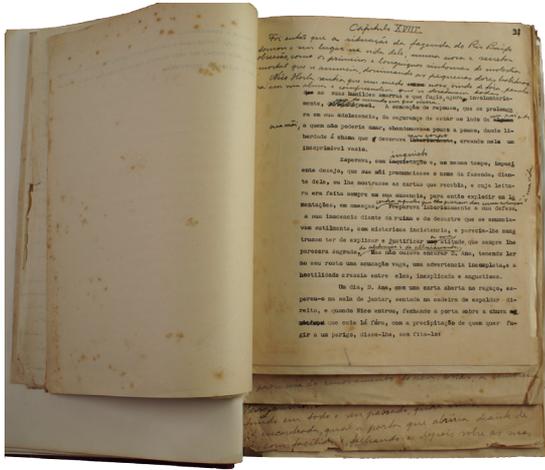
B - D

Cornélio Penna

CORNÉLIO DE OLIVEIRA PENNA nasceu em Petrópolis, RJ, em 20 de fevereiro de 1896. No entanto, foi a Itaboraí onde nasceu seu pai, o médico Manuel Camilo de Oliveira Penna, a cidade que mais profundamente marcou sua sensibilidade, embora tenham sido brevíssimas suas passagens por lá. Toda sua obra romanesca tornaria o decadente interior de Minas Gerais como eixo afetivo-geográfico. Foi funcionário público, jornalista, pintor, ilustrador, contista e romancista. Uma vez formado, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde começou a atuar na imprensa. Nessa mesma fase, trabalhou ativamente como ilustrador e acreditava ter encontrado sua verdadeira vocação nas artes visuais. Em 1928 realizou sua primeira exposição individual; no ano seguinte, convencido de que seu interesse pelas artes plásticas não havia passado de um equívoco, publicou em *A Ordem* um texto chamado “Declaração de insolvência”, no qual afirmava estar deixando totalmente a pintura para dedicar-se à literatura. Seu romance de estreia é *Fronteira*, de 1935. A este, segue-se *Dois romances de Nico Horta*, publicado em 1939. Antes de falecer, Cornélio publicou ainda os volumes *Repouso*, em 1948, e *A menina morta*, em 1954, este último tido como o ápice de sua obra literária por quase todos os críticos que sobre ela se debruçaram. Tanto nas artes gráficas quanto em literatura, Cornélio foi um mestre da criação de climas soturnos, de sugestões de pesadelos, nas quais o fato narrativo figura constantemente no segundo plano, para que se destaque a invencível angústia de seus personagens, o que faz com que a crítica situe o escritor comumente entre os romancistas católicos dos anos 1930 e 1940. Deixou incompleto o romance *Alma branca*, publicado no volume dos *Romances completos* lançado pela José Aguilar. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de fevereiro de 1958.

Caixa de música Kalliope, que pertenceu a Cornélio Penna





Página da 2ª. versão do livro *Dois romances de Nico Horta*, de Cornélio Penna



Pintura de
Cornélio Penna



Quadro *A menina morta*,
que pertenceu a Cornélio Penna

SIGLA: CPn

PROCEDÊNCIA: doado por Maria Odília Penna em 13 de agosto de 1974

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Cyro dos Anjos, Lúcio Cardoso, Manuel Bandeira, Livraria José Olympio Editora; originais dos romances *A menina morta*, *Dois romances de Nico Horta*, *Fronteira*, relatos de viagem, entrevistas, comentários críticos, narrativas curtas e considerações estéticas. Destaca-se ainda produção artística do titular com pinturas e desenhos.

DIMENSÃO: 0,55 m

NOTAS: acompanha acervo museológico. O acervo foi organizado no âmbito de projeto desenvolvido com financiamento da Faperj e coordenado por Marília Rothier Cardoso e Eliane Vasconcellos.



Cruz e Sousa

JOÃO DA CRUZ E SOUSA nasceu em Desterro, atual Florianópolis, SC, em 24 de novembro de 1861. Foi poeta, jornalista e professor. Filho de escravos alforriados pelo marechal Guilherme Xavier de Sousa, foi acolhido pelo marechal e sua esposa como filho. Tendo sido educado na melhor escola secundária da região, com a morte dos protetores, foi obrigado a largar os estudos e trabalhar. Foi perseguido por questões raciais, o que culminou com a proibição de assumir o cargo de promotor público em Laguna. Em 1881, conheceu Virgílio Várzea, com quem redigiu a *Tribuna Popular*, onde o poeta veiculou sua campanha abolicionista, e com quem publicou *Tropos e fantasias*. No Rio de Janeiro, conheceu, entre outros, o amigo e admirador Nestor Vitor, que lhe dedicaria estudos importantíssimos e cuidaria de sua obra póstuma. O convívio com Nestor Vitor, homem de cultura vasta, seria fundamental para o aprofundamento intelectual de Cruz e Sousa. Em 1890, após algumas tentativas, transferiu-se em definitivo para o Rio de Janeiro e, por intermédio de Emiliano Pernetta e Oscar Rosas, começou a colaborar em periódicos, como a *Folha Popular*, a *Cidade do Rio* e a *Revista Ilustrada*. Ganhou os epítetos de “Dante negro”, “Cisne negro”, entre outros. Em 1895 conheceu o jovem admirador que viera ao Rio de Janeiro somente para vê-lo: Alphonsus de Guimaraens, que mais tarde se tornaria outra referência do simbolismo brasileiro. Em 1893 publicou *Missal*, poemas em prosa, e *Broquéis*, poesias, obras definitivas para a poesia simbolista brasileira. Faleceu em Sítio, MG, em 19 de março de 1898.

Noite de terça-feira, 20 de
setembro, as 7 horas.

Milha adorada Nôiva

Saudades, saudades, muitas
saudades é o que eu sinto
por ti.

Acervo-te triste por não
te ver e tenho, na hora em
que te vejo, o teu querido
retrato diante de mim, en-
tre os meus livros, companhe-
ros dos meus sofrimentos.

Milha vivi estancada,
nunca me esquecerei do
dia 18 de setembro, anni
versário do dia em que
tive o prazer de ver-te pela
primeira vez, de admirar
os teus lindos olhos a gra-
ça de todo o teu corpo,
toda a tua pessoa amada.

Carta de Cruz e Sousa à Gavita,
sua futura esposa

Cárcere das almas

Abre-te a alma a um cárcere ainda fresca,
obrigando nas dobras, entre as grades
do calabouço, o humilde insensível, a
Musa, estrellas, tardes, natureza.

Vi-do se viste de uma igual grandura
quando a alma entre o pithon, as liberdades
Abre e compando, as immortales, fadas
Nossa nocturno de poço da Theresa.

De largas freixas, mudas e felpadas
nos preséios colossales e abandoadas,
De dor no calabouço atroz, fúnebre!

Apres silenciais soffixos, graves,
Ez abaqueiro de bel fôrças, as chaves
Para abrir-vos as portas do Mystério!

Cruz e Sousa.

Poema "Cárcere das almas",
de Cruz e Sousa

SIGLA: CS

PROCEDÊNCIA: doado por Andrade Muricy em 2 de dezembro de 1977

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, documentos pessoais, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência com Gonzaga Duque, Araújo Figueiredo, Martins Júnior, Virgílio Várzea, João Justino de Proença, Nestor Vitor, e originais de *Evocações* e *Últimos sonetos*.

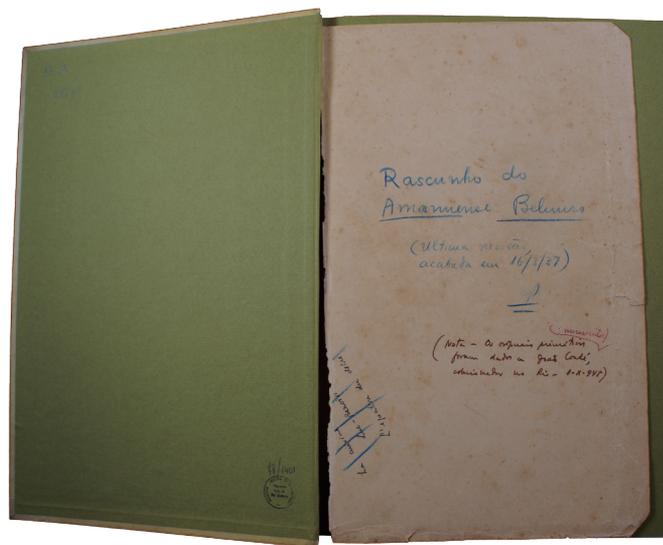
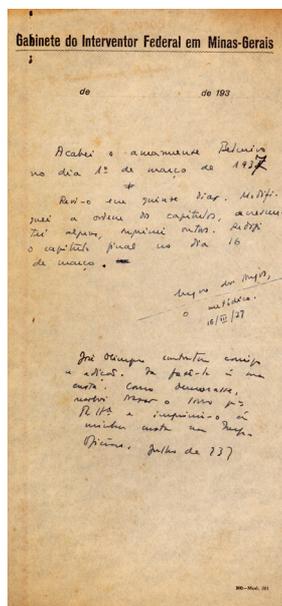
DIMENSÃO: 0,32 m

NOTAS: o acervo foi organizado por Gilza Martins Saldanha da Gama, no âmbito de projeto desenvolvido com bolsa de recém-doutor do CNPq.



Cyro dos Anjos

CYRO VERSIANI DOS ANJOS nasceu em Montes Claros, MG, em 5 de outubro de 1906. Em 1924 transferiu-se para Belo Horizonte, no intuito de terminar os estudos secundários. Findo o curso, começou a estudar direito. Em 1931, um ano antes de diplomar-se, já era oficial de gabinete da Secretaria de Finanças de Minas Gerais. De sua atividade jornalística, destaca-se uma série de crônicas publicadas em *A Tribuna* sob o pseudônimo Belmiro Borba, textos que serviriam de ponto de partida para seu primeiro romance, *O amanuense Belmiro*. Romance aclamado pela crítica, representante da geração de 30, a obra de estreia de Cyro dos Anjos fazia o público conhecer o fino construtor de uma escrita ao mesmo tempo lírica, que evocava o lirismo drummondiano, e psicológica, inscrevendo o romance na linhagem machadiana. *Abdias*, seu segundo romance, conquistou prêmio da Academia Brasileira de Letras. Uma vez instalado na então capital, assumiu a presidência do Ipase (cargo que ocuparia até 1951) e começou a lecionar teoria literária. Lançou também *Explorações no tempo*, páginas de reminiscência posteriormente integradas ao livro *A menina do sobrado*, de 1979. Transferiu-se para Brasília quando de sua inauguração e auxiliou na fundação do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Nos anos 1960, lançou pela Universidade de Brasília seu único volume de poemas, *Poemas coronários*. Romancista, ensaísta, poeta, memorialista, jornalista, tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, Academia Mineira de Letras e Academia Brasiliense de Letras. Cyro dos Anjos não possui uma obra vasta, porém composta de peças extremamente elaboradas e de alto valor poético. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 4 de agosto de 1994.



B - D

Página de originais do romance *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos

SIGLA: CA

PROCEDÊNCIA: doado pelo titular do arquivo em 30 de abril de 1984

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos diversos, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Carlos Drummond de Andrade, Carlos Castello Branco, Octávio de Faria, Mário Faustino, Juscelino Kubitschek, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, e originais de *O amanuense Belmiro*, *Explorações no tempo* e *Explorações no tempo 2ª. parte – Infância e mocidade*.

DIMENSÃO: 1,90 m

NOTAS: há documentos de Cyro dos Anjos na Academia Brasileira de Letras, e no Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais.

Dalcídio Jurandir

DALCÍDIO JURANDIR RAMOS PEREIRA nasceu em Vila de Ponta de Pedras, na Ilha do Marajó, PA, em 10 de janeiro de 1909. Era filho de Alfredo Nascimento Pereira e Margarida Ramos. Dalcídio resolveu tentar a vida no Rio de Janeiro, para onde viajou em 1928. Ali foi admitido como revisor da revista *Fon Fon*, embora sem remuneração. Por motivos financeiros, retornou a Belém. No ano seguinte, foi nomeado secretário do Tesouro Municipal de Gurupá, no Baixo Amazonas, para onde seguiu em outubro de 1929. Em 1931, retornou a Belém. A partir de então, exerceu alguns cargos públicos e tornou-se colaborador dos jornais *O Imparcial*, *Crítica e Estado do Pará* e secretariou a revista *Escola*. Escreveu artigos e poemas para as revistas *Guajarina*, *A Semana*, *Terra Imatura* e *Pará Ilustrado*. Em 1939, Dalcídio foi para Salvaterra, na ilha de Marajó, exercendo em comissão o cargo de inspetor escolar, onde terminou a segunda versão de *Chove nos campos de Cachoeira*, a definitiva, e também seu segundo romance, *Marinatambalo*, mais tarde publicado com o título de *Marajó* (1947). Em 1940, Dalcídio surgiu na literatura nacional por ter sido classificado em primeiro lugar no concurso de romances promovido pela editora Vecchi e pelo jornal literário *Dom Casmurro* com *Chove nos campos de Cachoeira* (1940). Com o prêmio, o escritor mudou-se para o Rio de Janeiro, onde desenvolveu intensa atividade intelectual como romancista e jornalista. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de junho de 1976.¹

¹ Resumo a partir de texto da pesquisadora Soraia Reolon Pereira em NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (orgs.). *Dalcídio Jurandir, romancista da Amazônia: literatura & memória*. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: FCRB, 2006.

SIGLA: DJ

PROCEDÊNCIA: doação iniciada em 9 de julho de 2003, e complementada em 19 de outubro de 2005, por Roberto Freire Pereira e Margarida Maria Pereira Benincasa

INSTRUMENTOS DE PESQUISA: inventário analítico a ser disponibilizado na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado parcialmente

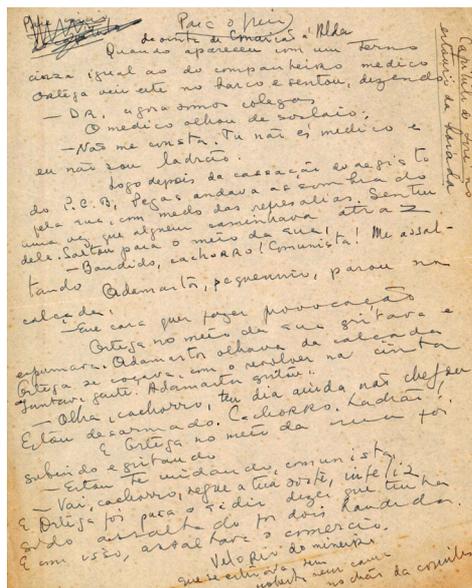
ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Jorge Amado, Portinari, Antônio Olinto, Nélida Piñon, Luís Carlos Prestes, Eneida e Bruno de Menezes; originais do romance *Os habitantes*, além de contos, diários, ensaios e poemas.

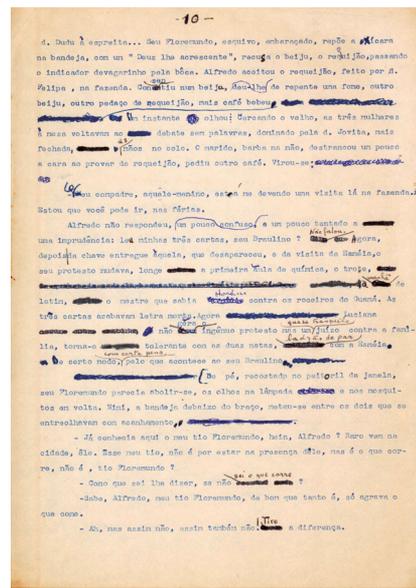
DIMENSÃO: 2,50 m

NOTAS: acompanha acervo museológico e bibliográfico. O acervo foi organizado no âmbito de projeto financiado pela Faperj e orientado por Soraia Farias Reolon Pereira.

B - I - D



Linha do parque, de Dalcídio Jurandir



Os habitantes, de Dalcídio Jurandir

Dunshee de Abranches

JOÃO DUNSHEE DE ABRANCHES MOURA nasceu em São Luís, MA, em 2 de setembro de 1867. Exerceu atividades de jornalista, professor e parlamentar. Foi também poeta, professor honorário da Universidade de Heidelberg, na Alemanha, e membro da Academia Maranhense de Letras. Escreveu sob os pseudônimos Abelhudo, Barão de São Bibiano, Cajulabrega e outros. Entre suas obras estão: *Selva* (1885-1892; 1923), *Cartas de um sebastianista* (1895), *Pela paz* (1895), *Como se faz o Jornal do Brasil* (1896) e *A setembro* (1933). Faleceu em Petrópolis, RJ, em 11 de março de 1941.

SIGLA: DA

PROCEDÊNCIA: doado por seus herdeiros no ano de 2006

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, documentos pessoais e produção na imprensa.

CONTEÚDO: destacam-se conferências, artigos e os manuscritos de “Pio X necrológico” (inédito), “Divórcio – resposta à consulta do líder da Câmara”, e “Sobre a morte de Eduardo VII”.

DIMENSÃO: 7 m



Carteira de identidade, de Dunshee de Abranches, 1912



Receita médica, de Dunshee de Abranches



E - J

Edilberto Coutinho

Eugênia Álvaro Moreyra

Fausto Wolff

Fernando Lobo

Fernando Py

Homero Homem

Fernando Sabino

Isabel do Prado

Francisco Bittencourt

João Cabral de Melo Neto

Francisco Inácio Peixoto

João Lyra Filho

Genolino Amado

Joaquim Inojosa

Gonzaga Duque

Joaquim Pedro de Andrade

Graça Aranha

Jorge de Lima

Guilherme Figueiredo

José de Alencar

Heitor Modesto

José de Araújo Vieira

Hélio Pellegrino

José Galante de Sousa

José Geraldo Vieira

Judith Grossmann

Julieta de Godoy Ladeira



Edilberto Coutinho

EDILBERTO COUTINHO nasceu em Bananeiras, PB, em 26 de setembro de 1933. Realizou os primeiros estudos em Recife, PE. Acompanhando o pai, que era funcionário do governo federal, passou pelos estados de Pernambuco e Paraná até seguir para os Estados Unidos, onde cursou jornalismo e se dedicou também à literatura. Diplomou-se jornalista pelo World Press Institute dos Estados Unidos. Atuou como correspondente no Brasil e no exterior para o *Jornal do Brasil* e a revista *Manchete*, entre outros periódicos. Era também diplomado em direito, embora nunca tenha exercido a profissão. A partir de 1970, estabeleceu-se no Rio de Janeiro e atuou em diversos periódicos. Destacou-se na literatura a partir dos anos 1970 com seus contos, exercitando a mescla entre a ficção e a reportagem, tendência marcante do arco temporal que compreende a ficção brasileira dos anos 1970 aos 1990. Sua produção ficcional foi motivo de importantes estudos críticos, incluindo o de Silviano Santiago sobre o narrador pós-moderno. Recebeu vários prêmios, dentre os quais se destacam o prêmio Afonso Arinos, da ABL, e o da Casa de las Américas, de Havana, Cuba. Entre suas obras estão: *Onda boiadeira e outros contos* (1954), *Rondon e a integração amazônica* (1968, ensaio), *Um negro vai à forra* (1977, contos), *Sangue na praça* (1979, contos), *Maracanã, adeus* (1980, onze histórias de futebol) e *O jogo terminado* (1983, contos). Faleceu em Recife, PE, em 1995.

SIGLA: EC

PROCEDÊNCIA: doado pelo próprio titular

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

DIMENSÃO: 0,10 m



Eugênia Álvaro Moreyra

EUGÊNIA ÁLVARO MOREYRA nasceu em Juiz de Fora, MG, em 1898. Considerada pioneira da reportagem no Brasil, teve sua matéria inicial veiculada na primeira página do jornal *Última Hora*. Foi esposa de Álvaro Moreyra. Nos anos 1920 participou ativamente do movimento feminista, da campanha pelo sufrágio universal e do movimento modernista. Durante o Estado Novo, integrou-se à campanha liderada por Leocádia Prestes, mãe de Luis Carlos Prestes, pela libertação de Anita Leocádia Prestes, sua neta, nascida em 1936, num campo de concentração nazista. Campanha vitoriosa, pois Anita foi entregue à sua avó pelo governo de Hitler. Em 1945, candidatou-se à deputada federal constituinte, mas não foi eleita. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de junho de 1948.

SIGLA: EMO

PROCEDÊNCIA: doado por Sandra Moreyra em 2008

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos diversos, documentos complementares e documentos suplementares.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Álvaro Moreyra, esposo da titular, Gustavo Capanema e Oscar Niemeyer.

DIMENSÃO: 0,14 m

Fausto Wolff

FAUSTIN VON WOLFFENBÜTEL nasceu em Santo Ângelo, RS, em 8 de julho de 1940. Foi jornalista, escritor, crítico teatral e poeta. Em 1968 exilou-se na Europa, devido à censura militar, onde permaneceu por dez anos. No retorno ao Brasil, fundou *O Pasquim* e escreveu em vários jornais. Sua obra ficcional é marcada pelo cotidiano, espelhando nos personagens comuns os acontecimentos do país. Afastando-se do puro relato, Wolff equilibra na sua ficção a realidade factual e a imaginação, produzindo questionamentos sobre o absurdo e a crueldade do cotidiano. Em 1996, publicou o romance *À mão esquerda*, aclamado pela crítica como o romance mais representativo de sua geração. Sua obra poética é pouco lembrada, mas se reconhece nela o lirismo direto, vivencial. Entre suas obras estão: *O acrobata pede desculpas e cai* (1966, romance), *Venderam a mãe gentil* (1985, crônicas), *Rio de Janeiro um retrato: a cidade contada por seus habitantes* (1990, reportagem) e *Cem poemas de amor e uma canção despreocupada* (2000, poemas). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 5 de setembro de 2008.

SIGLA: FW

PROCEDÊNCIA: doado em 2011

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, documentos pessoais, documentos diversos e publicação na imprensa.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Rubem Fonseca, Hélio Silva, Nelson Werneck Sodré e Ziraldo.

DIMENSÃO: 3,82 m



Fernando Lobo

FERNANDO DE CASTRO LOBO nasceu em Recife, PE, em 26 de julho de 1915. Criado em Campina Grande, PB, estudou piano com Capiba, pai do famoso compositor de mesmo nome. Voltou para Recife a fim de estudar direito. Teve aulas de violino e foi *crooner* e violinista da orquestra Jazz Band Acadêmica de Pernambuco. Compôs sua primeira música em 1936, o frevo-canção “Alegria”, que teve gravação de Nuno Rofand em 1940. Como cantor, gravou uma única música: “Pare, olhe, escute e goste”, frevo-canção de Nelson Ferreira. Atuou na imprensa pernambucana antes de vir, em 1939, para o Rio de Janeiro, onde continuou a carreira jornalística nas redações das revistas *Carioca*, *O Cruzeiro* e *A Cigarra*, e ocupou o posto de diretor da Rádio Tamoio. Em 1957 passou a trabalhar na televisão, além de continuar escrevendo na imprensa carioca. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de dezembro de 1996.

SIGLA: FL

PROCEDÊNCIA: doado por Maria do Carmo de Góis Cavalcanti Lobo em 25 de outubro de 2001

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se crônicas e programas de rádio, como “É preciso cantar” e “Conversa vai”, idealizados, produzidos e dirigidos por Fernando Lobo na Rádio MEC.

DIMENSÃO: 2,40 m

Fernando Py

FERNANDO ANTÔNIO PY DE MELO E SILVA nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 13 de junho de 1935. Formou-se em direito, em 1960, pela Universidade do Estado da Guanabara, atual UERJ. Poeta, jornalista e tradutor, Fernando Py viveu e atuou no Rio de Janeiro até sua mudança para Petrópolis, em 1967, onde reside até hoje. Colabora como jornalista literário em diversos periódicos. Py exerceu funções de redator e tradutor em enciclopédias, como a *Delta Larousse*, e verteu para a língua portuguesa obras de importantes escritores, como Marguerite Duras, Marcel Proust, Isaac Asimov e Saul Bellow. Foi encarregado da preparação de *Poesias completas*, de Joaquim Cardozo, com estudo crítico. Fez levantamento exaustivo da bibliografia da obra de Carlos Drummond de Andrade, sendo responsável pela descoberta de sonetos parnasianos do poeta modernista. É membro da União Brasileira de Escritores, UBE, Academia Petropolitana de Letras e da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni. Recebeu os prêmios Carauta de Souza, da Academia Petropolitana de Letras, em 1993, Lions de Cultura, em 1998 e Fernando Pessoa, da UBE, em 2000. Entre suas obras estão: *Aurora de vidro* (1962, poesia), *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade: 1918-1930* (2002, bibliografia), *Carlos Drummond de Andrade* (1994, crítica e organização antológica com Pedro Lyra) e *Sol nenhum* (1998, poesia).

SIGLA: FP

PROCEDÊNCIA: doação

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 1,26 m



Fernando Sabino

FERNANDO SABINO nasceu em Belo Horizonte, MG, em 12 de outubro de 1923. Foi jornalista, cronista, contista, romancista, novelista e ensaísta. No início dos anos 1940, começou sua atuação na *Folha de Minas* por indicação de Murilo Rubião. Em 1941, custeou a publicação de *Os grilos não cantam mais*. O promissor volume chamou a atenção de Mário de Andrade, que imediatamente lhe escreveu; iniciou-se, assim, uma correspondência de valor incalculável para o jovem escritor e que só viria a terminar com o falecimento de Mário. Quando residia em Belo Horizonte, a amizade com Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos tornou-se célebre, e o grupo ganhou a alcunha de “Os cavaleiros do apocalipse”. Em 1944, Sabino se transferiu definitivamente para o Rio de Janeiro, onde assumiu cargos públicos e começou a militar na imprensa local. Residiu em Nova Iorque, onde trabalhou no escritório comercial do Brasil e no consulado brasileiro. Voltou ao Brasil em 1948. Foi grande amigo de Clarice Lispector, com quem trocou correspondência sobre assuntos vivenciais e literários, cartas que comporiam o volume *Cartas perto do coração* (2001). Após os primeiros livros, em 1956 Fernando Sabino publicaria um romance aclamado pela crítica e pelo público, *O encontro marcado*. Seu renome foi confirmado com a atuação como cronista no *Jornal do Brasil* e na revista *Senhor*. Seguiram-se obras de sucesso, como *O homem nu* (1960), *A mulher do vizinho* (1962) e *O grande mentecapto* (1979), vencedor do prêmio Jabuti e do prêmio Golfinho de Ouro. Com Rubem Braga e Walter Acosta, fundou a Editora do Autor. Em 1967, de volta ao Rio, desfez a sociedade na Editora do Autor e, com Rubem Braga, fundou a Editora Sabiá. Em 1973 criou a Bem-Te-Vi Filmes Ltda. que produziria documentários importantes sobre a literatura brasileira. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 11 de outubro de 2004.

SIGLA: FS

PROCEDÊNCIA: doado por Pedro Sabino e Bernardo Sabino, filhos do titular, em 14 de outubro de 2005 e 10 de julho de 2007

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

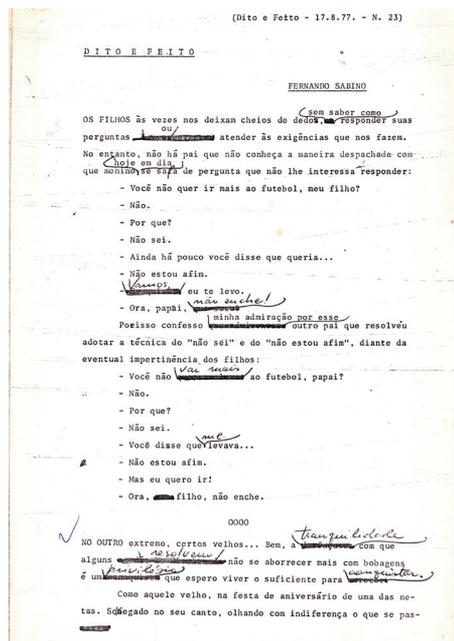
ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos diversos, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se crônicas publicadas na coluna "Dito e feito".

DIMENSÃO: 6 m

NOTAS: há documentos de Fernando Sabino no Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais.

E - J



Fotografia de Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Hélio Pellegrino e Fernando Sabino (da direita para a esquerda)

Coluna "Dito e feito", de Fernando Sabino, 1977



Francisco Bittencourt

FRANCISCO BADARÓ BITTENCOURT FILHO nasceu em Itaqui, RS, em 3 de julho de 1938. Poeta, tradutor, redator, locutor e crítico de arte, foi membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte, no Rio de Janeiro. Publicou artigos nos jornais *Tribuna da Imprensa*, no Rio de Janeiro, e *Correio do Povo*, em Porto Alegre, bem como em revistas e publicações de arte. Trabalhou na Seção de Imprensa da Embaixada Britânica como tradutor e redator de notícias, de 1970 a 1980. Fundou o jornal *Lampião de Esquina*, em 1979, que durou até 1981. Entre suas obras estão: *Vinho para nós* (1952, poesia) e *Jaula aberta* (1957, poesia).

SIGLA: FB

PROCEDÊNCIA: doado por Aristóteles Angheben Predebon em 4 de maio de 1998

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

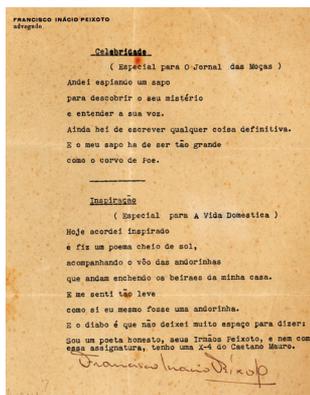
ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual e produção na imprensa.

CONTEÚDO: destacam-se originais de *O autor confidencial*, *O casamento da raposa* e *Gatos da redenção*.

DIMENSÃO: 0,25 m

Francisco Inácio Peixoto

FRANCISCO INÁCIO PEIXOTO nasceu em Cataguases, MG, em 5 de abril de 1909. Foi poeta, contista e cronista. Diplomou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1930. Participou da fundação da revista *Verde*, importante periódico que marcou o modernismo em Cataguases em 1927. Com Gulhermino César, parceiro de revista, publicou o livro de poemas *Meia pataca*, pela Verde Editora. Em 1937 lançou o livro de contos *Dona Flor*. Em 1942 empreendeu um projeto arquitetônico marcante para a cidade de Cataguases: a recuperação do ginásio que seu pai, Manuel Inácio Peixoto, havia fundado, e a posterior transformação do ginásio no Colégio Cataguases, projetado por Oscar Niemeyer. Publicou ainda: *Passaporte proibido* (1960, relato de viagem), *A janela* (1960, contos), *Erótica* (1981, poesia) e *Chamada geral* (1982, contos). Faleceu em Cataguases, MG, em 8 de janeiro de 1986.



Poemas "Celebriades" e "Inspiração", de Francisco Inácio Peixoto

SIGLA: FIP

PROCEDÊNCIA: doado pelo titular do arquivo, em janeiro de 1985, e posteriormente complementado por Francisco Inácio Peixoto Filho

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos, Manuel Bandeira, e com participantes da revista *Verde*, como Gulhermino César e Rosário Fusco.

DIMENSÃO: 2,24 m



Genolino Amado

GENOLINO AMADO nasceu em Itaporanga, SE, em 3 de agosto de 1902. Era diplomado em direito. Exerceu atividades de ensaísta, jornalista, tradutor e professor. Atuou no *Correio Paulistano*, tendo sido indicado por Menotti Del Picchia para substituí-lo na crônica diária. A atuação foi bastante elogiada, inclusive por Agripino Grieco. Somente em 1937 Genolino Amado publicou o seu primeiro livro, *Vozes do mundo*, em que analisou grandes escritores estrangeiros. Escreveu para a rádio Mayrink Veiga as “Crônicas da Cidade Maravilhosa”, apresentadas por César Ladeira. Sua participação no rádio ganhou maior popularidade apresentando “Biblioteca no Ar”, e, posteriormente, com a “Crônica da Cidade”, programa de grande audiência. Seguiu-se outro volume de ensaios, *Um olhar sobre a vida*, em 1939. Foi chefe da Censura Teatral e Cinematográfica de São Paulo, redator-chefe do Departamento de Propaganda do Rio de Janeiro, diretor da Agência Nacional e membro da Academia Brasileira de Letras. Escreveu sob os pseudônimos Geno e Tyronne. Entre suas obras estão: *Vozes do mundo* (1937, ensaio) e *Os inocentes do Leblon* (1946, crônicas). Faleceu em Itaporanga, MG, em 4 de março de 1989.



SIGLA: GeA

PROCEDÊNCIA: doado por Giuseppe Amado e Genne Amado

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com leitores e ouvintes do programa radiofônico “Crônicas da Cidade” e “Biblioteca no Ar”, bem como traduções de *Avatar*, comédia de Genolino Amado inspirada num conto de Théophile Gauthier (francês e inglês), trechos traduzidos de *Chave*, de Somerset Maughan, além de originais de *Um olhar sobre a vida*.

DIMENSÃO: 2,40 m

NOTAS: há documentos de Genolino Amado na Academia Brasileira de Letras.

E - J

Gilberto Amado

GILBERTO AMADO nasceu em Estância, SE, em 7 de maio de 1887. Foi poeta, romancista, memorialista, jornalista, ensaísta, professor, político e diplomata. Escreveu poesia, ensaio, romance, memórias e contribuiu para as áreas do jornalismo e do direito. Exerceu atividade na imprensa por meio de artigos, ensaios críticos, interpretativos e de caráter reformista da sociedade e vida intelectual brasileira. Seus trabalhos foram reunidos nos volumes *A chave de Salomão e outros escritos* (1914, ensaios), *Grão de areia* (1919, ensaios) e *Aparências e realidades* (1922, ensaios). Publicou dois romances, *Inocentes e culpados* (1941) e *Os interesses da companhia* (1942). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 27 de agosto de 1969.

SIGLA: GiA

PROCEDÊNCIA: doado por Madalaine Amado e Frederico Gilberto Amado em 21 de janeiro de 1975

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, documentos pessoais e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Manuel Bandeira, Genolino Amado, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Rodrigo Melo Franco, Antônio Callado, Otto Maria Carpeaux, Alceu Amoroso Lima, a Livraria José Olympio e Murilo Mendes.

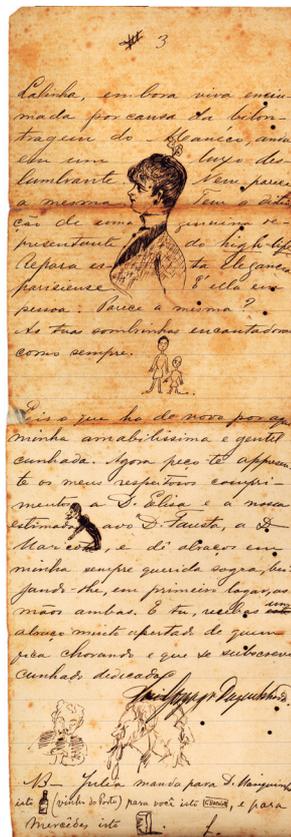
DIMENSÃO: 1,40 m

NOTAS: há documentos de Gilberto Amado na Academia Brasileira de Letras.



Gonzaga Duque

Luís GONZAGA DUQUE ESTRADA nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 junho de 1863. Foi contista, romancista e crítico de arte. Foi crítico de arte em *A Semana* e colaborou com diversos periódicos, entre eles o *Mercúrio* e a revista *Fon Fon*. Fez parte da primeira geração do simbolismo brasileiro e contava com a admiração de Cruz e Sousa. Todavia, participou do grupo intelectual em torno de figuras, como Mário Pederneiras e Lima Campos, ao qual se juntou mais tarde Álvaro Moreyra. É considerado o único representante, no Brasil, do romance simbolista com *Mocidade morta* (1899). A prosa de Gonzaga Duque prima pela pintura virtuosística de atmosferas decadentistas, caracterizadas pela passagem do naturalismo para o gosto excêntrico do final de século. Escreveu sob os pseudônimos Alfredo Palheta, Silvino Júnior, Diabo Roxo, Amadeu, O Risonho, André de Resende e Oliveira Gomes. Outras de suas obras são: *Arte brasileira* (1887, ensaio), *A dona de casa* (1893, sob pseudônimo Silvino Júnior), *Graves e frívolos* (1910, ensaio), *Horto de mágoas* (1914, contos e fantasias em prosa poética) e *Contemporâneos* (1929, ensaio e crônica). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 8 de março de 1911.



Carta de Gonzaga Duque à sua cunhada Judith, com ilustrações do autor, 1888

SIGLA: GD

PROCEDÊNCIA: doado por Maryssol Duque Araújo

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico a ser disponibilizado na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Cruz e Sousa, Emiliano Pernetá, Olavo Bilac; originais de artigos, crônicas, contos e do romance inacabado *O tio Lotério*.

DIMENSÃO: 0,42 m

NOTAS: acompanha acervo bibliográfico.

Graça Aranha

JOSÉ PEREIRA DE GRAÇA ARANHA nasceu em São Luís, MA, em 21 de junho de 1868. Diplomado em direito (1886), serviu em diversos postos no exterior como diplomata. Bastante próximo a Joaquim Nabuco, fez parte do grupo de membros fundadores da Academia Brasileira de Letras. Ingressou na carreira diplomática participando de diversas missões entre 1900 e 1920 na Inglaterra, Suécia, Noruega, Dinamarca e outras localidades. Em 1902, publicou *Canaã*, obra considerada, juntamente com *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e com a literatura de Lima Barreto, marco do pré-modernismo. Ao regressar ao Brasil, intentou renovar a cultura nacional com a adoção das novas tendências filosóficas que conheceu na Europa, como o intucionismo, o vitalismo, e das inovações estéticas do pós-simbolismo. Após a conferência “O espírito moderno”, em 1924, rompeu com a Academia marcando definitivamente sua posição modernista, antecipada pela participação de Graça Aranha na Semana de Arte Moderna. Escreveu *A estética da vida* (1920, ensaio), uma peça teatral, *Malazarte* (1911), e, em 1923, publicou livro em que reunia a correspondência entre Joaquim Nabuco e Machado de Assis, cujo prefácio, de sua autoria, foi bastante elogiado. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 26 de janeiro de 1931.



Fotografia de Graça Aranha

Tudo o que vê, todo o que ouve, todo o que sente,
tudo o que lê, todo o que escreve, tudo o que faz,
emante de mim. Temo expor-me aos
perigos, infelizes por não os ver
tempos, nem me parafrazeando o que
a alma se reserva... Eu não sei
tudo o que é vida, nem um pensamento eterno,
nem um sentimento, ou se é infinito e transmutável.
O meu olho, mas alho por o limite do calor.
Davi de infinito, a minha vida e con-
fina me volta de ti... Mas, se tu não se
vit tua de acabar para se repetir em
outra parte o ciclo da existência, ou se
me há um extirpamento com a última
onda do calor, que resta de mim material

de terra, ou a duração de um ser pedregoso
com ela no Universo, um tempo famoso
no, submerso na estrada do céu,
mas nos esperemos para sempre em de
outro mundo a todos de canções... Tu te supõe.
Co, a tua a tua vida resumida em poucas
abandono-me o nome, o ser de outros
dois, venho a mim mesmo antes de chegar
nos ao limiar ^{incauto} da Morte...

12, Lynton Road
Edinb' - London - 20 de Junho de 1911

Graça Aranha

Originais de *Canaã*, de Graça Aranha, 1901

SIGLA: GA

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Antônio Prado, Araripe Júnior, Joaquim Nabuco; notas de “O espírito moderno”, “O farol maranhense”, notas finais de discurso sobre Camões por ocasião do terceiro centenário de seu nascimento, em 1880, originais datilografados com emendas de “A estética da vida”, além de discursos da carreira diplomática.

DIMENSÃO: 0,42 m

NOTAS: na coleção de documentos avulsos, há os originais de *Canaã* (doação de Plínio Doyle). Há documentos de Graça Aranha na Academia Brasileira de Letras.



Guilherme Figueiredo

GUILHERME DE OLIVEIRA FIGUEIREDO nasceu em Campinas, SP, em 13 de fevereiro de 1915. Filho do general Euclides de Oliveira Figueiredo, um dos líderes da revolução paulista de 1932, era o primogênito de seis irmãos, sendo que um deles, João Figueiredo, chegou à presidência da República, no regime militar, em substituição ao general Geisel. Assim, saindo da tradição militar da família, dedicou-se à literatura e à dramaturgia. Publicou poesias e o romance *Vinte anos sem paisagem*, em 1939, antes de ganhar renome como autor teatral. Sua obra teatral de sucesso iniciou-se com *Greve geral ou Lisístrata*, de 1948, seguida de *Um deus dormiu lá em casa*, de 1949, que ganhou todos os prêmios da Sociedade Brasileira de Críticos Teatrais e o levou à carreira internacional. *A raposa e as uvas*, de 1953, obteve grande êxito, do Brasil à China, onde foi encenada por ocasião do décimo aniversário da República Popular e montada por várias companhias internacionais. Também fez sucesso *Os fantasmas*, de 1956, sobre Sócrates. O autor ainda produziu textos humorísticos, crônicas e traduções de Shakespeare, Molière e Bernard Shaw. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 24 de maio de 1997.

SIGLA: GF

PROCEDÊNCIA: doação do titular entre os anos de 1978 e 1980

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 0,28 m



Heitor Modesto

HEITOR MODESTO DE ALMEIDA foi tio de Pedro Nava, tendo sido figura influente na vida do memorialista.

SIGLA: HM

PROCEDÊNCIA: doado por Pedro Nava

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros e documentos diversos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Coelho Neto, além de depoimentos autobiográficos sobre fatos sociais, políticos e históricos do final do século XIX, e originais de poemas.

DIMENSÃO: 0,6 m



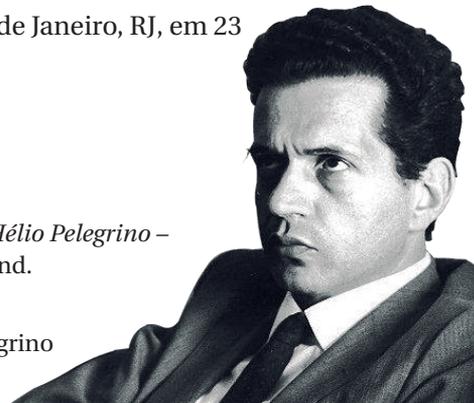
Hélio Pellegrino

HÉLIO PELLEGRINO nasceu em Belo Horizonte, MG, em 10 de janeiro de 1924. Filho de Brás Pellegrino e Assunta Magaldi Pellegrino, iniciou seus estudos em 1931, no Grupo Escolar Afonso Pena, de Belo Horizonte. Frequentou o Ginásio Mineiro de 1936 a 1939. Nessa ocasião, concorreu à I Maratona Intelectual, concurso que abrangia todo o Brasil, dividindo com Fernando Sabino o segundo lugar em gramática histórica. Em 1939 publicou, no jornal *O Diário*, de Belo Horizonte, seu primeiro poema, intitulado “O mar”. Em 1940 passou a trabalhar nesse jornal junto com Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e Autran Dourado. De 1942 a 1947 frequentou a Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais e interessou-se pela psiquiatria. Em 1952 entrou em contato com o pensamento da psicanalista Iraci Doyle e transferiu-se de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro. Ali iniciou sua formação psicanalítica no Instituto de Medicina Psicológica (IMP). Em 1957 desligou-se do IMP e iniciou sua formação na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Em 1973 participou da fundação da Clínica Social de Psicanálise Anna Kattrin Kemper. Em 1980 enfrentou uma crise na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), o que resultou num processo de expulsão e posterior reintegração à entidade. A partir de 1966 passou a colaborar nos periódicos *Correio da Manhã*, *Opinião*, *O Pasquim* e *Folha de S. Paulo*. Parte de seus artigos formou a coletânea *A burrice do demônio*, publicada em 1988 pela editora Rocco. Em 1993 a mesma editora lançou, postumamente, *Minérios domados*, livro com seus poemas. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 23 de março de 1988.¹

E - J

¹ Informações extraídas da Tese de Doutorado: *Hélio Pellegrino – um ensaio biográfico*, de Thaís Ferreira Drummond.

Fotografia de Hélio Pellegrino



SIGLA: HP

PROCEDÊNCIA: doado pela família de Hélio Pellegrino em 1988

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, produção na imprensa, documentos pessoais, documentos diversos e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Mário de Andrade, Murilo Mendes, Otto Lara Resende, Fernando Sabino; poemas e rascunhos de artigos sobre psicanálise.

DIMENSÃO: 3,60 m

NOTAS: o acervo foi organizado no âmbito de projeto financiado pela Faperj.

Canção
More por um esse que more
na mais sensível distração.
More por um esse que apaga
O sol de tarde com a mão.

More por um... No universo,
Há um resto de luz; cai de leve
sobre o salicórcio da noite:
- more por um esse que chora.

Por um que não more, more
que que amedronta calado.
Por um que não more... A certeza
do peso fatalizado,

vivo, evasendo no vivo.
Um pé caminha na terra,
outro pé a navegar
se fude... - E a cabeça imóvel
reporre sobre o mar.

Hélio Pellegrino

Poema "Canção", de Hélio Pellegrino

Homero Homem

HOMERO HOMEM DE SIQUEIRA CAVALCANTI nasceu em Engenho Catu, Canguaretama, RN, em 5 de janeiro de 1921. Era poeta, romancista, contista e teatrólogo. Foi sócio-fundador da Academia Nacional de Literatura Infantil e Juvenil, gênero a que também se dedicou. A poesia de Homero Homem é caracterizada pelos críticos como síntese de duas matrizes poéticas brasileiras: o lirismo *gauche* de Drummond, poeta admirado por Homero Homem, e a severidade formal cabralina. Na prosa homeriana, destacam-se *Cabra das Rocas*, livro de “vivências nordestinas”, que lança em 1966, e que seria traduzido para o italiano no final da década de 1970; e *Menino de asas*, lançado originalmente em 1969, fábula contemporânea em que Homero tematiza o desajuste e a injustiça social. Este último volume, adotado por escolas e universidades no país inteiro, teve numerosas reedições e é considerado um marco da literatura infantojuvenil brasileira. Publicou ainda *A cidade, suíte de amor e secreta esperança* (1954, poesia), entre diversas obras. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 17 de julho de 1991.

SIGLA: HH

PROCEDÊNCIA: doado por Alzira Figueiredo de Siqueira Cavalcanti em 28 de fevereiro de 1996

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Genolino Amado, Jorge Amado, Afonso Arinos, Raul Bopp, Câmara Cascudo, Afrânio Coutinho; poemas e originais do livro *Rio Grande do Norte: nosso estado*.

DIMENSÃO: 1,84 m



Isabel^{do} Prado

ISABEL DO PRADO atuou como jornalista na BBC de Londres e foi tradutora. Era amiga de Cecília Meireles, com quem manteve correspondência.

SIGLA: IP

PROCEDÊNCIA: doado pela titular do arquivo em outubro de 1982

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos diversos e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Cecília Meireles, crônicas lidas na Rádio Roquete Pinto e transmitidas para o Brasil pela BBC de Londres, bem como aulas dadas por Cecília Meireles na Universidade do Distrito Federal, no curso de técnica e crítica literárias.

DIMENSÃO: 0,16 m

João Cabral de Melo Neto

JOÃO CABRAL DE MELO NETO nasceu em Recife, PE, em 9 de janeiro de 1920. Filho de Luís Cabral de Melo e Carmem Carneiro-Leão Cabral de Melo, é, pelo lado paterno, primo dos poetas Manuel Bandeira e Mauro Mota, e, pelo lado materno, primo do sociólogo Gilberto Freyre. Passou a infância em São Lourenço da Mata, na propriedade Poço do Aleixo. Em 1930 mudou-se para o Recife. Fez os primeiros estudos no Colégio de Ponte d’Uchoa, dos irmãos maristas. No Recife, conheceu o círculo de intelectuais em torno de Willy Lewin. Em visita ao Rio de Janeiro, tornou-se amigo de Carlos Drummond de Andrade, poeta de admiração de Cabral, e Murilo Mendes, frequentadores do consultório médico de Jorge de Lima, com os quais inicia intenso diálogo fraterno e literário. Em 1942, publicou *Pedra do sono*, com boa recepção da crítica, especialmente a de Antônio Candido, que exaltou as qualidades do jovem poeta. Trabalhou no DASP e, em 1946, entrou para o corpo diplomático brasileiro. Em 1945, publicou o livro *O engenheiro*, pelo qual ficou conhecido como poeta lógico, o antilírico por excelência. Dois anos depois foi servir em Barcelona. Nessa época conheceu o pintor Joan Miró, sobre quem escreveu um ensaio, publicado em 1950 com gravuras do pintor. Durante sua estada na Espanha, adquiriu uma pequena tipografia artesanal, com a qual publicou livros de poetas brasileiros e espanhóis sob o selo O Livro Inconsútil. Entre as décadas de 1940 e 1960, tornou-se próximo dos artistas que integrariam o grupo vanguardista Dau al Set, na Catalunha. Foi grande divulgador da arte catalã, tendo preparado uma antologia de poesia catalã com tradução sua. A partir de 1950, Cabral empreenderia uma nova direção à sua poesia com a publicação de *O cão sem plumas*, orientando-se para as questões sociais. Afeiçoado à cidade de Sevilha, onde residiu durante a

vida diplomática, João Cabral tematizou a cidade em inúmeros poemas, assim como fez com a Recife de sua infância. Serviu como diplomata em Londres, Marselha, Berna, Assunção e Quito, entre outras localidades. Em 1968 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por Assis Chateaubriand. Entre suas obras estão: *Os três mal amados* (1943), *Quaderna* (1960) e *Morte e vida severina* (1965). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 9 de outubro de 1999.

Um pernambucano em Petrópolis
quando comprei esta casa em
Petrópolis, ^{onde} passei a passar as férias
algum jornal escreveu que eu
havia trocado o Capibaribe pelo
Petalanca. Realmente nasci e
vivi na frente do Capibaribe
como vivi na frente do Taja-
cua; e não posso negar que
o fato de o Petalanca passar
pela frente de minha casa
não tenha sido determinante

2
nessa compra. Como dizia T.S.
Elbiot, o rio está dentro de
nós enquanto o mar está em
volta de nós. Assim, sou muito
mais dos rios (os verdadeiros:
não o chamado de faneiro)
do que dos mares.
Mas quero dizer que não
troquei um rio por outro. O
Capibaribe do qual tanto es-
crevi e ^{que} contemplava horas
sentado no eixo de frente da

"Um pernambucano em Petrópolis", de João Cabral de Melo Neto

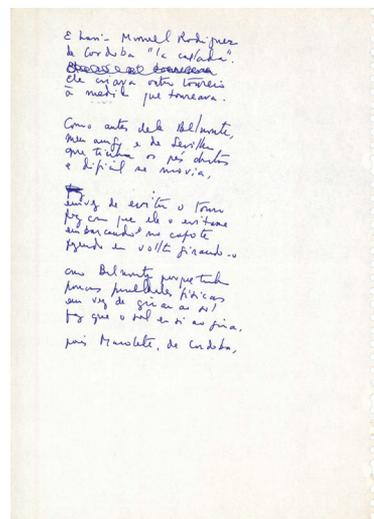
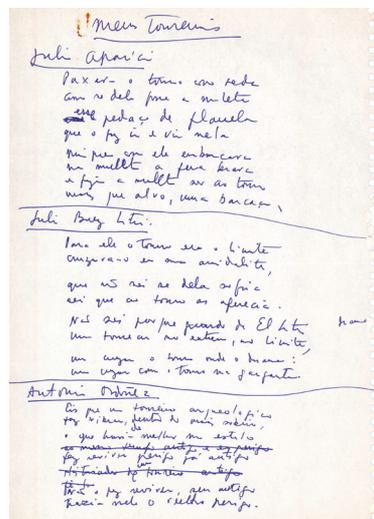
SIGLA: JCMN

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa e documentos complementares.



"Meus toureiros", de João Cabral de Melo Neto

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Lauro Escorel, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Lêdo Ivo, Clarice Lispector, Antônio Abujamra, Augusto de Campos; originais datilografados de ensaios e artigos sobre poesia e outros escritores, provas tipográficas com emendas de *Poesia partida em quatro* (mais tarde intitulado *Serial*), *Poemas pernambucanos*, *Auto do frade*, além das provas tipográficas de *Poesias completas*. Devem ser mencionados ainda discursos da carreira diplomática, por ocasião de recebimento de prêmios, versões de poemas e traduções realizadas pelo titular.

DIMENSÃO: 3,63 m

NOTAS: o acervo foi organizado no âmbito de projeto do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área de Cultura da Fundação Casa de Rui Barbosa. Há documentos de João Cabral de Melo Neto na Academia Brasileira de Letras.

João Lyra Filho

JOÃO DE LYRA TAVARES FILHO nasceu em João Pessoa, PB, em 24 de abril de 1906. Foi ensaísta, conferencista, cronista, contista, poeta, memorialista e historiador. Diplomou-se em direito (1926) e foi ministro do Tribunal de Contas do antigo estado da Guanabara. Muito jovem, tornou-se membro da Academia Carioca de Letras e colaborou em diversos periódicos, como *A Manhã*, *A Esquerda* e *O Diário Carioca*, nos quais escrevia rodapés literários. Integrou-se à vida acadêmica como professor catedrático de economia política e história das doutrinas econômicas da Universidade do Estado da Guanabara, atual UERJ, da qual também foi reitor. Ingressou na Caixa Econômica Federal em 1931, onde exerceu cargo de vice-presidente, entre outros. Foi também presidente do Botafogo de Futebol e Regatas e do Conselho Nacional de Desportos. Sua dedicação aos esportes confirma-se na autoria da maior parte dos textos da legislação desportiva brasileira. Suas principais obras são: *Voz das vozes* (1928, poesia), *O triângulo de fogo* (1931, contos) e *O barão* (1936, biografia). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 30 de novembro de 1988.

SIGLA: JLF

PROCEDÊNCIA: doado por Maria Isabel de La Rocque de Lyra Tavares em 2 de outubro de 2002

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 18,43 m

Joaquim Inojosa

JOAQUIM INOJOSA DE ANDRADE nasceu em São Vicente Férrer, PE, em 27 de março de 1901. Foi crítico literário, cronista, jornalista e historiador. Diplomado em direito pela Faculdade do Recife, foi nomeado promotor público. Por ocasião do movimento modernista, em 1922, em São Paulo, foi até a capital paulista, onde conheceu Menotti Del Picchia, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Guilherme de Almeida e outros responsáveis pela Semana da Arte Moderna. Seu primeiro artigo sobre o modernismo foi publicado em outubro de 1922, no jornal *A Tarde*. Em 1924, publicou o manifesto “A arte moderna”, conclamando o nordeste e o norte a se unirem ao movimento. Seu livro, em 4 volumes, *O movimento do modernismo em Pernambuco* (1968-1984), acompanha historicamente o movimento modernista no nordeste. Foi presidente perpétuo da Ordem dos Velhos Jornalistas e membro da Academia Carioca de Letras, Academia Luso-Brasileira de Letras e da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro. Faleceu em São Vicente Férrer, PE, em 12 de janeiro de 1987.

SIGLA: JI

PROCEDÊNCIA: doado pelo titular em testamento, e posteriormente por Evaldo Inojosa em 13 de fevereiro de 1974

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se documentos sobre o modernismo em São Paulo e a sua propagação pelo Brasil, especialmente no nordeste.

DIMENSÃO: 5,86 m

NOTAS: acompanha acervo bibliográfico.



Joaquim Pedro de Andrade

JOAQUIM PEDRO DE ANDRADE nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 25 de maio de 1932. Era filho de Rodrigo Melo Franco de Andrade e de Graciema Prates de Sá, sendo Manuel Bandeira seu padrinho de crisma. No início de sua carreira de cineasta, Joaquim rodou os clássicos curtas *O poeta do Castelo*, sobre Manuel Bandeira, e *O mestre de Apipucos*, sobre Gilberto Freyre. Com estes filmes no currículo (mais a produção de *Arraial do Cabo*, 1960), conseguiu uma bolsa para estudar no Institut des Hautes Études Cinématographiques, em Paris. Para lá, levou o copião de seu mais recente curta-metragem, *Couro de gato*, que seria incluído no filme *Cinco vezes favela*, produção do Centro Popular de Cultura da UNE, que colocaria em evidência o trabalho de outros jovens cineastas associados ao movimento, como Leon Hirzsmann e Cacá Diegues. Dirigiu também os filmes *Garrincha, alegria do povo* (1963), *O padre e a moça* (1965), sendo *Macunaíma* (1969) seu maior sucesso de crítica. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1988.

SIGLA: JPA

PROCEDÊNCIA: doado por seus filhos em 2010

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção na imprensa, documentos iconográficos, documentos pessoais e documentos diversos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Rodrigo Melo Franco de Andrade, pai do titular, com a Cinemateca Brasileira e Embrafilme, além de documentos relativos à produção filmográfica do titular, como *Macunaíma*, *Garrincha*, *alegria do povo* e *Casa grande, senzala e cia*.

DIMENSÃO: 3,98 m

Jorge de Lima

JORGE DE LIMA nasceu em União dos Palmares, AL, em 3 de abril de 1893. Tornou-se poeta, romancista, contista, jornalista, ensaísta e crítico. Formou-se em medicina e foi deputado estadual, em Alagoas, e vereador, no Rio de Janeiro. Seus primeiros estudos foram realizados em Alagoas. Na Bahia, diplomou-se em medicina, carreira que exerceu paralela a de escritor. Participou do movimento modernista no nordeste a partir de 1925. Como poeta, Jorge de Lima partiu de um lirismo neoparnasiano, acentuado pela escolha do soneto, como indica seu primeiro livro, *XIV alexandrinos* (1914). A partir de 1925, porém, aderiu ao modernismo, o que provocou uma reorientação da sua poesia para as novas formas e a brasilidade. É dessa fase o poema "Essa nega Fulô" (1928). Outra nova orientação de sua obra se deu a partir de 1935 com a conversão ao catolicismo. Em 1930, Jorge de Lima mudou-se para o Rio de Janeiro, passando a clinicar num escritório na Cinelândia, famoso por reunir intelectuais e amigos, como Murilo Mendes, com quem escreveu *Tempo e eternidade* (1935). Jorge de Lima foi também artista plástico, tendo publicado o álbum de fotomontagem *A pintura em pânico*. Em 1952, foi publicada aquela que seria considerada a obra maior de Jorge de Lima, *Invenção de Orfeu*, extenso poema de tom épico que traduz em heroicidade a tarefa do poeta. Entre suas obras estão ainda: *Calunga* (1935, romance), *Livro de sonetos* (1949, poemas) e *Guerra dentro do beco* (1950, romance). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de novembro de 1953.



SIGLA: JL

PROCEDÊNCIA: doação realizada em duas fases: a série produção na imprensa foi doada primeiramente em data não identificada. As demais séries foram doadas por Maria Thereza Alves de Lima em 23 de maio de 2012

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados apenas da série produção na imprensa; as demais séries ainda não foram descritas

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado parcialmente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção na imprensa, documentos pessoais e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se 28 volumes de recortes de jornais com artigos de e sobre o titular, devidamente encadernados.

DIMENSÃO: 4,22 m



José de Alencar

JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR nasceu em Mecejana, CE, em 1.º de maio de 1829. Foi advogado, jornalista, político, poeta, romancista, dramaturgo e crítico. Escreveu romances indianistas, urbanos, regionais, históricos, romances-poemas de natureza lendária, obras teatrais, poesias, crônicas, ensaios, polêmicas literárias, escritos políticos e estudos filológicos. A partir de 1854, iniciou colaboração na imprensa para o *Correio Mercantil*. Tornou-se redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*. Em 1856, publicou as *Cartas sobre a confederação dos Tamoios*, apreciação sobre o poema de Gonçalves de Magalhães apontando neste problemas de composição que incitaram à polêmica literária. Depois de sua estreia como romancista com *Cinco minutos*, Alencar publicou o aclamado *O guarani* (1857). Herdando do pai, José Martiniano de Alencar, a verve política, José de Alencar elegeu-se deputado em 1868. Contudo, decepcionado com o Imperador D. Pedro II, o escritor abandonou a política em 1870. Sua obra, imbuída do sentido de representar o Brasil em todos os seus aspectos, compreende romances urbanos, como *Lucíola* e *Senhora*, narrativas regionalistas, como *O sertanejo* e *As minas de prata*, além das incursões no indianismo com *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874), entre outros. Na dramaturgia, Alencar destacou-se com *As asas de um anjo* (1858) e *O demônio familiar* (1857). Considerado o patriarca da literatura nacional, a obra de Alencar é, além de diversa, fundamental para se compreender a formação das feições da literatura brasileira. Seu legado alcança todas as sucessivas gerações de escritores pela habilidade em construir personagens definitivos, sobretudo femininas, e obras-síntese da nacionalidade. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de dezembro de 1877.

SIGLA: JA

PROCEDÊNCIA: doado por Fábio de Alencar e Regina de Alencar em 13 de outubro de 1981

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

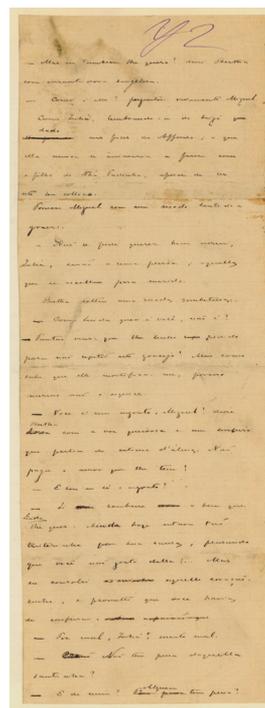
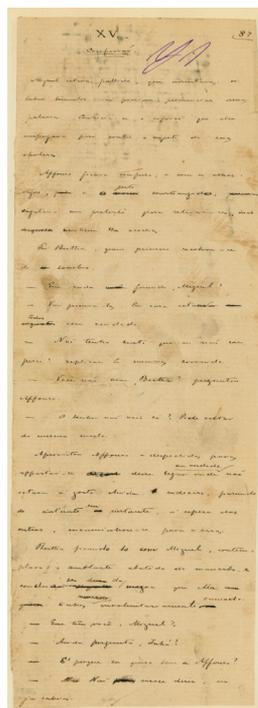
ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Diogo Antonio Feijó e Visconde de Itaboraí, e originais dos romances *Agéneto*, *Um aprendiz de ministro* e *Ex-homens*.

DIMENSÃO: 0,34 m

NOTAS: acompanha acervo museológico. Na coleção de documentos avulsos, há os originais de *Til* (doação da família Lúcio de Mendonça). Há documentos de José de Alencar na Academia Brasileira de Letras.



Til,
de José de Alencar

José de Araújo Vieira

JOSÉ DE ARAÚJO VIEIRA nasceu em Mamanguape, PB, em 23 de março de 1880. Fez seus estudos em Fortaleza, CE, onde trabalhou no comércio. Mudou-se para Belém, PA, tendo trabalhado na imprensa e em funções públicas. No Rio de Janeiro, continuou a atuar na imprensa. Escreveu crônicas, memórias e romances. Entre suas obras estão: *A cadeia velha* (1913, memória da Câmara dos Deputados), *Sol de Portugal* (1919, crônicas), *O livro de Tilda* (1923, romance), *Espelho de casados* (1938, romance) e *Ladrão de moças* (1948, novela). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 8 de julho de 1948.

SIGLA: JV

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, produção na imprensa e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com José Américo de Almeida, Monteiro Lobato, Manuel Bandeira, Andrade Muricy, Heitor Modesto, e documentos para livro sobre José Linhares.

DIMENSÃO: 0,40 m



José Galante de Sousa

JOSÉ GALANTE DE SOUSA nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1913. Coursou filosofia no Seminário de Mariana, MG, e bibliografia brasileira na Biblioteca Nacional. Foi professor do Colégio Pedro II, chefe da seção da Enciclopédia e Dicionário do Instituto Nacional do Livro, diretor substituto deste órgão e, por fim, chefe da Biblioteca do Centro de Documentação da Casa de Rui Barbosa e pesquisador do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da FCRB. Participou da comissão do Ministério da Educação para o preparo do texto definitivo das obras de Machado de Assis. Recebeu vários prêmios de instituições culturais do país. Foi coidealizador e coorganizador com Afrânio Coutinho da *Enciclopédia de literatura brasileira*. Pesquisador sobre assuntos literários, publicou livros fundamentais, como *Bibliografia de Machado de Assis* (1955), *Fontes para o estudo de Machado de Assis* (1958, 1969) e *O teatro no Brasil* (1960, 2 v.); também trabalhou na bibliografia de Euclides da Cunha e redigiu, em colaboração com Brito Broca, a *Introdução ao estudo da literatura brasileira* (1963). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1986.

SIGLA: JGS

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual do titular, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos e produção na imprensa.

DIMENSÃO: 3,32 m

José Vieira Geraldo

JOSÉ GERALDO MANUEL GERMANO CORREIA VIEIRA MACHADO DRUMMOND DA COSTA FORTUNA nasceu em Açores, Portugal, em 16 de abril de 1897, e foi registrado por seus pais no Rio de Janeiro, RJ. Formou-se em ciências e letras em 1911. Estudou também medicina, diplomando-se em 1919. No Rio de Janeiro, fundou a Academia dos Novos e frequentou a Livraria Garnier, ponto de encontro de intelectuais, onde conheceu o poeta Alberto de Oliveira. Fez alguns cursos de especialização em medicina no exterior e, de volta ao Brasil, a partir de 1922, dedicou-se à literatura, tendo escrito grande parte de seus romances mais importantes. Foi precursor do romance de prospecção psicológica, posteriormente cultivado por autores, como Octávio de Faria, Cyro dos Anjos e Lúcio Cardoso. O romance que o colocou definitivamente no rol dos grandes autores cariocas foi *A mulher que fugiu de Sodoma*; engavetado desde 1924, o romance só veio a lume em 1931, por intermédio do poeta e editor Augusto Frederico Schmidt. Seu romance seguinte, o fortemente autobiográfico *Território humano*, foi publicado em 1936 pela editora de José Olympio, mas não obteve o mesmo êxito. Tendo passado os últimos anos em São Paulo, dedicou-se à literatura, à tradução e à crítica de artes plásticas. Foi membro da Academia Paulista de Letras. Entre suas obras estão: *Triste epigrama* (1920, poema em prosa), *A ronda do deslumbramento* (1922, contos), *Ladeira da memória* (1950, romance) e *O albatroz* (1962, romance). Faleceu em São Paulo, SP, em 18 de agosto de 1977.

SIGLA: JGV

PROCEDÊNCIA: doado por Maria de Lourdes Teixeira, em 1 de setembro de 1981, e por Pedro Henrique Câmara Vieira em 2007

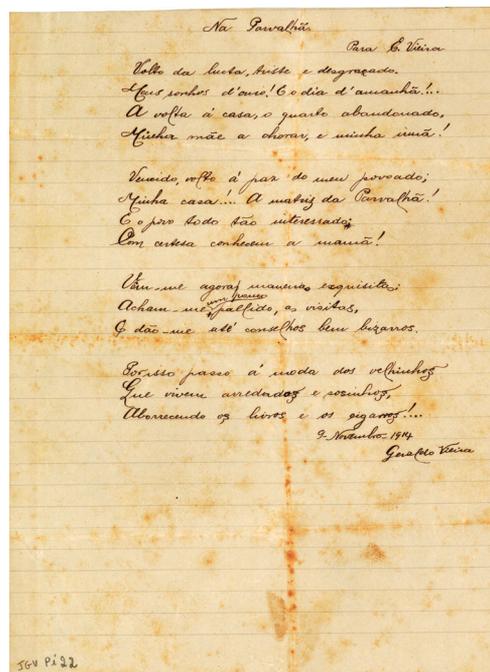
INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos diversos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Carlos Drummond de Andrade, Otto Maria Carpeaux, Lêdo Ivo, Cândido Mota Filho, Dalton Trevisan, e exemplar de trabalho da obra *Carta a minha filha em prantos*.

DIMENSÃO: 1,62 m



Poema "Na parvalhã", escrito por José Geraldo Vieira para sua irmã, Ermelinda Vieira

Judith Grossman

JUDITH GROSSMAN nasceu em Campos, RJ, em 4 de julho de 1931. É poetisa, contista, romancista, ensaísta, crítica literária, diplomada em letras e professora universitária. Tem destacada carreira acadêmica na Universidade Federal da Bahia, com atuações na área de dramaturgia e de teoria da literatura, tendo recebido o título de professora emérita dessa instituição em 1994. Estreou na poesia com o livro *Linhagem de rocinante* (1959), no qual apresentava uma poesia de reflexão sobre a palavra poética como inaugural da vida e das coisas. Nos anos 1960, colaborou em diversos suplementos literários, como *Cadernos Brasileiros*, *A Tarde Cultural* e *Letra Viva*. Em 1970, publicou seu primeiro livro de contos, *O meio da pedra*: nonas estórias genéticas, com destacada recepção crítica que ressaltou sua habilidade narrativa. Recebeu, em 1976, o prêmio Brasília de Ficção, da Fundação Cultura Distrito Federal. Participou de antologias e colaborou em periódicos. Publicou também *Temas de teoria de literatura* (ensaios, 1982), *Cantos delituosos* (1985, romance) e *Meu amigo Marcel Proust* (1997, romance).

SIGLA: JGr

PROCEDÊNCIA: doação iniciada pela titular do arquivo em 28 de setembro de 1992

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Jorge Amado, Laís Correa de Araújo, Maria Alice Barroso, Nelly Novaes Coelho, Rubem Fonseca, Osman Lins; o original do romance *Dueto no labirinto* e versões do romance *Nascida no Brasil* e de *A noite estrelada*.

DIMENSÃO: 3,54 m



Julieta Godoy Ladeira

JULIETA DE GODOY LADEIRA nasceu em São Paulo, SP, em 28 de maio de 1932. Foi romancista, contista e publicitária. Aos dezoito anos, no exterior, fez cursos ligados às letras. A partir dos anos 1950, passou a publicar contos em suplementos literários. Conquistou alguns prêmios literários, entre eles os do *Correio Paulistano* e do *Última Hora*. Sua estreia se deu com a reunião de contos *Passe as férias em Nassau* (1962). Mas foi em 1971 que a escritora marcou a dicção feminina na literatura brasileira com a publicação do romance *Entre lobo e cão*, cuja habilidade em compor a conjunção entre passado, presente e futuro, no depoimento fictício de uma mulher que recorda sua vida, foi exaltada pela crítica literária. Nos anos 1980, passou a escrever literatura infantojuvenil, tendo grande êxito. Tornou-se membro da União Brasileira de Escritores e recebeu o prêmio Jabuti. *Passe as férias em Nassau* (1962, contos), *Dia de matar o patrão* (1978, contos), *La Paz existe?, Era sempre feriado nacional* (1984, contos), *Até mais verde* (1989) e *O galo que perdeu o canto* (1990) são algumas de suas obras. Faleceu em São Paulo, SP, em 1997.

SIGLA: JGL

PROCEDÊNCIA: doado pela titular do arquivo em 29 de janeiro de 1997

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos diversos e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destaca-se o original do romance *O galo que perdeu o canto*.

DIMENSÃO: 1,20 m

NOTAS: acompanha acervo museológico.

Leme Lopes

Leon Eliachar

Leopoldo Aires

Livraria José Olympio

Lúcio Cardoso

Lúcio de Mendonça

Luís Camillo de Oliveira Netto

Luís Jardim

Luís Martins

Luís Viana Filho

Manuel Bandeira

Maria Clara Machado

Maria Helena Cardoso

L - M

Maria Isabel Ferreira

Maria Jacintha

Maria José de Queirós

Maria Julieta Drummond de Andrade

Marly Medalha

Marques Rebelo

Melo Nóbrega

Mendes Fradique

Moacyr Félix

Murilo Araújo

Murilo Mendes

Murilo Miranda





Leme Lopes

FRANCISCO LEME LOPES nasceu em 1902. Foi padre jesuíta e atuou como professor da Faculdade de Filosofia da PUC-RJ. Em 1963, publicou *Introdução à filosofia*. Faleceu em 1983.

SIGLA: LL

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 1,56 m

L - M



Leon Eliachar

LEON ELIACHAR nasceu no Cairo, Egito, em 10 de outubro de 1922. Foi humorista, jornalista, argumentista e produtor de rádio. Recebeu o prêmio Palma de Ouro, da IX Exposição Humorismo Internacional, em Brodighera, Itália. Publicou, entre outras obras, *O homem ao quadrado* (1960, humor), *O homem ao cubo* (1963, humor), *A mulher em flagrante* (1964, humor), *O homem ao zero* (1968, humor) e *O homem ao meio* (1979, humor). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1º de junho de 1987.

SIGLA: LEE

PROCEDÊNCIA: doado por Sérgio dos Santos Bello Eliachar em 24 de agosto de 1992

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, documentos pessoais, documentos diversos, documentos iconográficos e documentos sonoros e filmicos.

DIMENSÃO: 2,30 m

NOTAS: acompanha acervo museológico.

Livraria José Olympio Editora

A história da **LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA** se confunde com a do seu fundador, José Olympio Pereira Filho, nascido em Batatais, SP, em 10 de dezembro de 1902. Aos 16 anos José Olympio foi levado para a capital paulista a fim de trabalhar na seção de livros da Casa Garraux. Ali abriu em 1931, mais precisamente na Rua da Quitanda, a Livraria José Olympio Editora. Em 1934 mudou-se para o Rio de Janeiro, instalando a editora na Rua do Ouvidor. Em pouco tempo a José Olympio tornou-se ponto de encontro da inteligência nacional, tendo lançado importantes nomes da literatura brasileira, como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. Em 1964, a editora ganhou nova sede, à Rua Marquês de Olinda, em Botafogo. Ali, no quarto andar, foi criada a Cantina Batatais onde, às quartas-feiras, eram realizados almoços que contavam com as presenças de Gilberto Freyre, Jorge Amado, Afonso Arinos, Juscelino Kubitschek, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, dentre outros. Durante essas reuniões, eram realizadas atas as quais se encontram hoje no AMLB. Nos anos de 1960, a empresa decidiu entrar no mercado das grandes coleções, assinando contrato com a Time-Life. Entretanto, faltava à Editora José Olympio estrutura administrativa para obter êxito na venda de coleções. Assim, as incursões da José Olympio em outras áreas do mercado editorial podem explicar o início dos problemas da empresa. Com a queda da Bolsa de Valores, em 1971, a José Olympio perdeu sua principal fonte de recursos para capital de giro. Passou a buscá-lo no sistema bancário e financeiro, pagando altas taxas de juros. Apesar dessas dificuldades financeiras, comprou, em 1972, a Editora Sabiá, acreditando na integração e complementação da linha de livros avulsos de autores brasileiros, como também na recuperação

econômica por meio da venda de coleções por crediário. José Olympio foi muito homenageado em sua cidade onde recebeu o título de Cidadão Emérito de Batatais. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 3 de maio de 1990.¹

SIGLA: LJOE

PROCEDÊNCIA: doado por José Olympio Pereira Filho, em 1974, e, posteriormente, por Geraldo Jordão Pereira

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico a ser disponibilizado na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas seguintes seções: administração e José Olympio. A seção administração conta com as séries conselho de administração, conselho executivo, conselho consultivo e conselho editorial. Já a seção José Olympio foi subdividida nas séries documentos pessoais, relações familiares, relações sociais e relações com instituições.

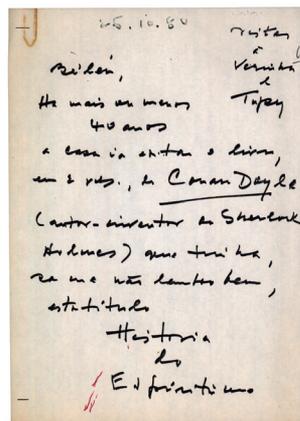
CONTEÚDO: o acervo da Livraria José Olympio Editora (LJOE) expressa as atividades da instituição integradas às ações do homem José Olympio Pereira. Destacam-se, na seção administrativa, as relações do editor com seus funcionários, colaboradores e seus editados. Na seção José Olympio o destaque maior é dado à série relações sociais, que reúne em dossiês os registros das relações de José Olympio com personalidades do meio artístico, empresarial e político do Brasil e exterior, estabelecidas ao longo de toda sua trajetória editorial.

DIMENSÃO: 5,10 m

NOTAS: o acervo foi organizado no âmbito de projeto do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área de Cultura da Fundação Casa de Rui Barbosa.



Fotografia de José Olympio



Bilhete de José Olympio sobre livro de Arthur Conan Doyle

¹ Informações extraídas do artigo de FONSECA, Elias Fajardo. “Nunca chamei presidente de excelência” In: *Revista do Brasil*, Ano 1 – n. 1, 1984, e do sítio <<http://www.batataisonline.com.br/batatais/olympio>>.

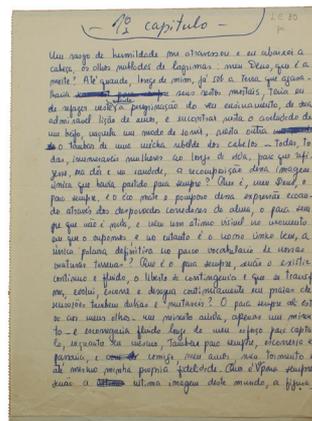
Lúcio Cardoso

JOAQUIM LÚCIO CARDOSO FILHO nasceu em Curvelo, MG, em 14 de agosto de 1912. Era filho de Joaquim Lúcio Cardoso e de Maria Venceslina Cardoso. Em 1913, transferiu-se com a família para Belo Horizonte. Em março de 1923, a família mudou-se para o Rio de Janeiro, e Lúcio Cardoso foi matriculado no Instituto Lafayette. Apesar de ser considerado um péssimo aluno, lia tudo que lhe caía às mãos: a obra de Eça de Queiroz, os romances de Conan Doyle, os contos de Hoffmann. Dessa época data sua primeira experiência de dramaturgo, a peça *Reduto dos deuses*, que mereceu elogios de Aníbal Machado, e que, segundo o próprio Lúcio Cardoso, era “pretensiosa e anarquista”. Matriculado no Instituto Superior de Preparatórios, ligou-se a Nássara e a José Sanz. Com este último redigiu o jornal *A Bruxa*, no qual publicou novelas policiais. Além dos romancistas russos, começou a ler Oscar Wilde e Lesage, entre outros. Iniciou então suas experiências como romancista e colaborador em jornais. Em 1930, começou a trabalhar na Companhia Equitativa de Seguros; aproximou-se de Augusto Frederico Schmidt quando seu tio Oscar Neto fundou com esta nova companhia de seguros, a Metrópole. Entusiasmado pela produção literária daquele jovem de 22 anos, produção esta que já abarcava poesia, teatro e prosa, Schmidt decidiu lançar por sua editora o primeiro romance de Lúcio, *Maleita* (1934). Em 1935, publicou-se *Salgueiro*, romance de temática social. O rompimento definitivo com a dicção regionalista veio com o introspectivo *A luz no subsolo*, de 1936. Durante as décadas seguintes, Lúcio foi aprofundando seu idioma de interiores, quase barroco, em diversos meios; inclusive crônicas policiais (como atesta seu trabalho no jornal *A Noite*, iniciado em 1947). Seguiram-se diversos volumes de novelas e poesias, além de romances, atingindo sua obra o ápice narrativo com *Crônica da casa assassinada* (1959). Lúcio Cardoso costumava dedicar-se à pintura e ao desenho paralelamente à atividade literária. Em 1966 re-

cebeu o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de setembro de 1968.



Pintura de Lúcio Cardoso



Versão do romance *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso

SIGLA: LC

PROCEDÊNCIA: doado por Maria Helena Cardoso em 4 de fevereiro de 1982

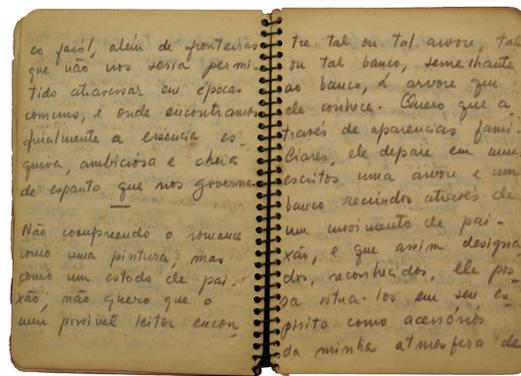
INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico publicado e disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, correspondência familiar de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Octávio de Faria, Walmir Ayala, Antônio Boto, Cornélio Penna, Vinícius de Moraes, Clarice Lispector, e originais das obras *Crônica da casa assassinada* e *Mãos vazias*.

DIMENSÃO: 1,56 m



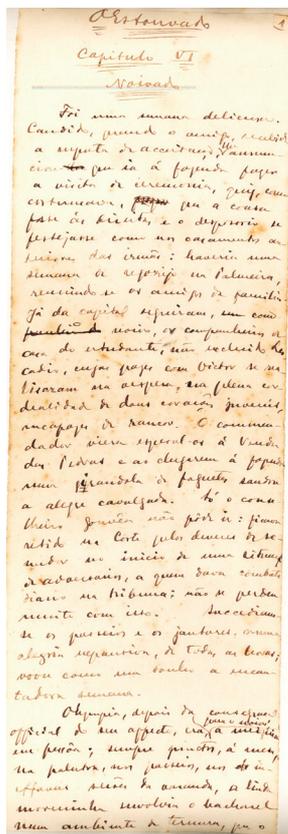
Folhas de "Diário do terror", de Lúcio Cardoso



Pintura de Lúcio Cardoso (sem título)

Lúcio e Mendonça

LÚCIO EUGÊNIO DE MENESES E VASCONCELOS DRUMMOND FURTADO DE MENDONÇA nasceu em Piraí, RJ, em 10 de março de 1854. Foi poeta, contista, jornalista e advogado. Tornou-se ministro do Supremo Tribunal Federal (1895) e procurador-geral da república (1901), aposentando-se em 1907. Foi idealizador e membro fundador da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira número 11. Atendendo a Salvador de Mendonça, seu irmão, foi para São Paulo, onde ingressou, em 1871, na Faculdade de Direito. Começou a praticar, nesse período, suas atividades poéticas e literárias, escrevendo um caderno de versos, *Risos e lágrimas*, e publicando trabalhos em *O Ipiranga*. Já no Rio de Janeiro, colaborou para o periódico *A República*, convivendo com figuras destacadas da época, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Serra, Francisco Otaviano, Machado de Assis e Joaquim Nabuco. Em 1872, publicou o primeiro livro, *Névoas matutinas*, prefaciado por Machado de Assis. Na sua atividade jornalística, foi propagador das ideias republicanas. Mesmo na época em que assumiu o ministério do Supremo Tribunal Federal, não deixou a atividade jornalística, publicando sátiras políticas na *Gazeta de Notícias* sob o pseudônimo Juvenal Gavarni. Em 1901, foi nomeado procurador geral da república. Em 1904, foi-lhe concedida licença para tratar da saúde. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 23 de novembro de 1909.



Página do romance inacabado *O estovado*, de Lúcio de Mendonça

SIGLA: LM

PROCEDÊNCIA: doado por Carlos Sussekind de Mendonça, Gilda Sussekind de Mendonça e Irene Sussekind de Mendonça Morais Rego no período compreendido entre 1974 e 1981

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário sumário disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência familiar de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos e produção na imprensa.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Júlia Lopes de Almeida, Manuel de Oliveira Andrade, Valentim Magalhães, Quintino Bocaiúva, Epitácio Pessoa, Campos Sales, Rui Barbosa, e originais dos poemas “A Capistrano de Abreu”, “Máximas para a vida” e “Nos funerais de Floriano Peixoto”.

DIMENSÃO: 0,46 m

NOTAS: há documentos de Lúcio de Mendonça na Academia Brasileira de Letras.

Luís Camillo de Oliveira Netto

LUÍS CAMILLO DE OLIVEIRA NETTO nasceu em Itabira de Nossa Senhora do Mato Dentro, MG, em 9 de setembro de 1904. Era filho de João Camillo de Oliveira Torres e de Rosa Assis de Oliveira Drummond. Casou-se em 2 de março de 1929 com Elza de Carvalho Malheiro. Formou-se em química industrial (1924), tendo trabalhado como perito-químico na Secretaria do Interior e Justiça de Minas Gerais na gestão de Gustavo Capanema. Cedo se voltou para os problemas historiográficos brasileiros, organizando e dirigindo a biblioteca da mesma secretaria e iniciando suas pesquisas no Arquivo Público Mineiro. Nomeado diretor da Casa de Rui Barbosa (24 de dezembro de 1934), elaborou o plano de publicação das obras completas do patrono, ali permanecendo até 1938. Foi professor de história do Brasil na Universidade do Distrito Federal, da qual foi reitor (1939), esforçando-se, sem êxito, para que o Estado Novo não a extinguisse. Seus trabalhos mais relevantes como historiador são soluções originais sobre os problemas controversos das navegações de Américo Vespúcio, sobre a obra *Cartas chilenas* e a cronologia e influência de João Gomes Batista (1940). Tornou-se membro do Conselho Nacional de Educação, diretor do Serviço de Documentação e da Biblioteca do Itamarati, e foi exonerado dessas funções por ter sido um dos signatários do Manifesto dos Mineiros, e por sua ativa participação na elaboração do texto fusão do mesmo Manifesto. Retomou suas funções em 1945 com a redemocratização do país. Foi diretor do Banco de Crédito Real de Minas Gerais e um dos fundadores e diretor da Metal Leve. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 3 de setembro de 1953.

SIGLA: LCON

PROCEDÊNCIA: doação iniciada em 26 de setembro de 1986, por Elza Malheiro de Oliveira, e posteriormente complementada por seus filhos nos anos de 2008 e 2010

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

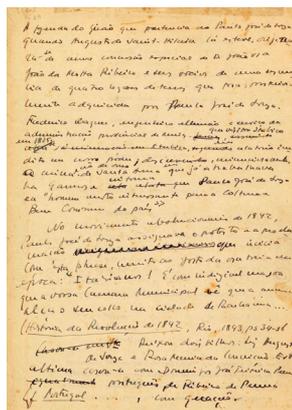
ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, José Mindlin, Gustavo Capanema, João Camillo de Oliveira Torres, irmão do titular; anotações diversas sobre história, arte e artistas, como Abraham Louis Bouvelot, bem como instruções preliminares para pesquisa de documentos existentes no Arquivo Público Mineiro e nos cartórios de Sabará, de interesse do Sphan.

DIMENSÃO: 4,18 m

NOTAS: acompanha acervo museológico. O acervo foi organizado no âmbito de projeto desenvolvido com financiamento da Faperj, sob orientação de Maria Luiza Penna Moreira, filha do titular, resultando no livro de sua autoria, *Luís Camillo*: perfil intelectual.

"O major Paulo José",
de Luís Camillo de
Oliveiro Netto



Luís Jardim



LUÍS INÁCIO DE MIRANDA JARDIM nasceu em Garanhuns, PE, em 8 de dezembro de 1901. Em 1918 mudou-se para Recife, empregou-se no comércio e passou a se interessar pelos livros e pelo desenho. No Rio de Janeiro, em 1936, fez exposição de aquarelas a convite da Sociedade Filipe d'Oliveira e passou a colaborar na imprensa carioca. Conquistou o prêmio Humberto de Campos com seu livro *Maria Perigosa*, no concurso do qual participaram Guimarães Rosa, concorrendo com *Sagarana*, e Graciliano Ramos no júri. Estreou no romance com *As confissões do meu tio Gonzaga*, em 1949. Em 1958, recebeu também o prêmio Cláudio de Sousa, pela Academia Brasileira de Letras, com a peça *Isabel do sertão*. Traduziu a peça teatral *A morte do caixeiro viajante* de Arthur Miller. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1º. de janeiro de 1987.

SIGLA: LJ

PROCEDÊNCIA: doado por Alice Jardim

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com José Américo de Almeida, Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Gilberto Freyre e Pedro Nava. Nos documentos pessoais há contratos de edição com a Livraria José Olympio Editora.

DIMENSÃO: 0,34 m



Desenhos de Luís Jardim



Luís Martins

LUÍS CAETANO MARTINS nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 5 de março de 1907. Era poeta, romancista, cronista, ensaísta, memorialista, crítico de arte, jornalista e técnico educacional. Diplomou-se em direito. Com 21 anos, publicou o primeiro livro de poemas, *Sinos*, elogiado pela crítica da época. Passou a escrever crônicas diárias para o *Diário Carioca*. Em 1933, transferiu-se para *O Jornal*, onde trabalhou como redator e cronista, além de ter, mais tarde, se tornado crítico de teatro. Em 1936, lançou o romance *Lapa*, alcançando inclusive repercussão no exterior. Em 1937 publicou outro romance, *A terra come tudo*, o pequeno ensaio “A pintura moderna no Brasil” e *Noturno da Lapa*, livro de memórias. Em 1938 passou a escrever crônica diária sobre artes plásticas no *Diário de S. Paulo*. Seu primeiro livro em São Paulo é o romance *Fazenda* (1940). Em 1945, deixou os *Diários Associados*, ingressando em *O Estado de S. Paulo* como cronista diário. Em 1953, apareceu o ensaio “O patriarca e o bacharel”, com prefácio de Gilberto Freyre, e hoje mencionado na bibliografia histórica sobre o Brasil. Em 1963, o Departamento de Estado dos Estados Unidos convidou-o a visitar aquele país em missão cultural, de março a maio de 1964, percorrendo museus, bibliotecas, universidades e dando aula sobre literatura brasileira na Universidade de Nova Iorque. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, eleito em 9 de outubro de 1969, para a vaga do jornalista Júlio de Mesquita Filho. Foi vice-presidente da Ordem dos Velhos Jornalistas de São Paulo e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Faleceu em São Paulo, SP, em 17 de abril de 1981.



SIGLA: LMa

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário sumário a ser disponibilizado na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Gilberto Amado, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade e Tarsila do Amaral, e originais da obra *Cinquenta anos de literatura e jornalismo*.

DIMENSÃO: 0,41 m

NOTAS: há documentos do titular no Centro de Estudos Luís Martins, do Museu de Arte Moderna de São Paulo, doados pela esposa e pela filha.

L - M



Luís Viana Filho

LUÍS VIANA FILHO nasceu em Paris, França, em 28 de março de 1908. Realizou os estudos secundários em Salvador, BA, onde se diplomou em direito, em 1929. Foi catedrático da Faculdade de Direito e Filosofia da Bahia, deputado nas constituintes de 1934 e 1946, deputado federal de 1949 a 1962, ministro-chefe da Casa Civil da presidência de Castelo Branco (1964-1967), ministro da Justiça (1966), governador da Bahia (1967-1971), senador e presidente do senado (1978-1980). Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, da Academia de Letras da Bahia, da Academia de Ciências de Lisboa, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras. Foi jornalista, historiador, biógrafo e ensaísta. Entre suas obras estão: *A sabinada* (1938, história), *A vida de Rui Barbosa* (1941, biografia), *A vida de Joaquim Nabuco* (1952, biografia), *A vida de Machado de Assis* (1965, biografia), *O culto da boa conversa* (1983, romance) e *Anísio Teixeira: a polêmica da educação* (1990, biografia). Faleceu em São Paulo, SP, em 5 de junho de 1990.

SIGLA: LV

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 0,15 m

NOTAS: há documentos de Luís Viana Filho na Academia Brasileira de Letras.

Manuel Bandeira

MANUEL CARNEIRO DE SOUSA BANDEIRA FILHO nasceu em Recife, PE, em 19 de abril de 1886. Era filho do Dr. Manuel Carneiro de Sousa Bandeira e D. Francelina Ribeiro de Sousa Bandeira. Fez humanidades no Colégio Pedro II iniciando o curso na Escola Politécnica de São Paulo. Foi poeta, professor do Colégio Pedro II e da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, e pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Passou a infância na cidade natal, transmitindo suas experiências dessa época na sua poesia. Por motivos de saúde, interrompeu os estudos na Escola Politécnica em 1904, quando iniciou tratamento em estações climáticas do Brasil e da Europa (em Clavadel, Suíça, onde se tornou amigo de Paul Éluard). De volta ao Brasil, contribuiu para diversos periódicos até publicar *A cinza das horas*, reunião de poemas compostos durante a doença, nos quais se evidenciava a dicção parnasiano-simbolista. Em 1919 publicou o segundo livro, *Carnaval*, caracterizado pela busca de uma liberdade rítmica. É neste livro que figura o famoso poema

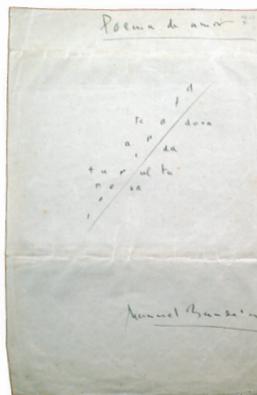
“Os sapos”, sátira ao parnasianismo, que veio a ser declamado, três anos depois, durante a Semana de Arte Moderna. Tornou-se amigo e confidente de Mário de Andrade, de quem publicou as *Cartas a Manuel Bandeira* (1958). Fixou-se no Rio de Janeiro, pas-

sando a viver ocasionalmente de jornalismo, traduções e ensino. Como crítico de literatura, primou pelo estudo sobre as *Cartas chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, pelo esboço biográfico de Gonçalves Dias, além de ter organizado várias antologias de poetas brasileiros e publicado o estudo *Apresentação da poesia brasileira* (1946). Em 1954 saiu *Itinerário de Pasárgada*, espécie de roteiro poético. Sua obra é das mais importantes da literatura contemporânea em diversos gêneros:

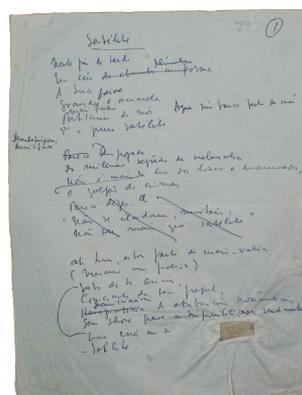


Poltrona forrada de veludo verde
que pertenceu a Manuel Bandeira

lirismo, crônica, crítica de literatura, artes, tradução, edição e didática. Sua obra poética é uma das matrizes da poesia brasileira, constituindo-se em legado definidor do lirismo em língua portuguesa. Foi também cronista e crítico de arte, ocupando-se da apreciação do barroco brasileiro. Publicou, entre outros títulos, *Libertinagem* (1930, poesia) e *Estrela da tarde* (1960, poesia). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 13 de outubro de 1968.



"Poema de amor",
de Manuel Bandeira



Poema "Satélite",
de Manuel Bandeira

SIGLA: MB

PROCEDÊNCIA: doado por Maria de Lourdes Heitor de Sousa em 3 de janeiro de 1978

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico publicado em papel e na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

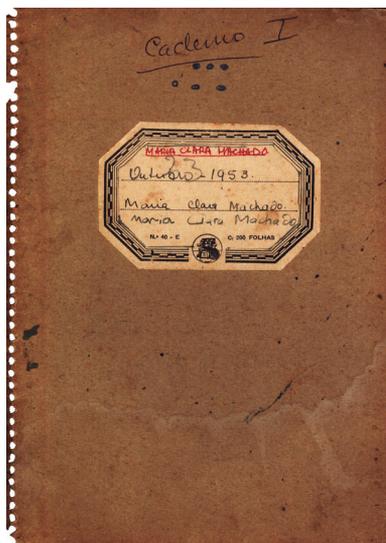
ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se versos de circunstâncias, dedicatórias e outros textos, que, em alguns casos, parecem não ter sido publicados; versões que registram ora simples alterações de títulos, ora pequenas modificações nos versos, e ora chegam até a profundas mudanças, que alcançam a quase totalidade do poema. Deve-se acrescentar que, acompanhando o acervo arquivístico, vieram algumas pinturas, inclusive uma aquarela assinada por M. Bandeira Filho.

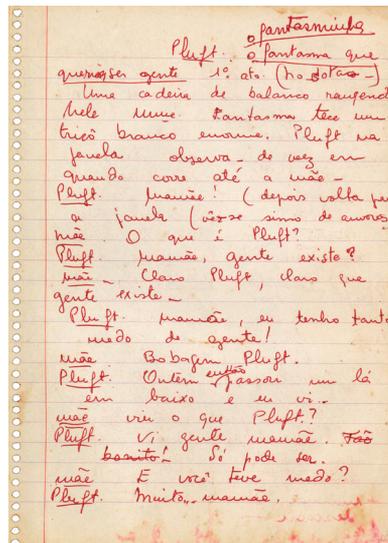
DIMENSÃO: 2,10 m

Maria Clara Machado

MARIA CLARA MACHADO nasceu em Belo Horizonte, MG, em 3 de abril de 1921. Ainda menina foi morar no Rio de Janeiro, RJ, em companhia do pai, o escritor Aníbal Machado, e de suas irmãs. Ali concluiu seus estudos no Colégio São Paulo e iniciou suas atividades teatrais no grupo de bandeirantes a que pertencia. Já adulta trabalhou na Panair e no Conselho Britânico, ao mesmo tempo em que se dedicava ao teatro de bonecos. Em 1950 solicitou e recebeu bolsa do governo francês para estudar teatro em Paris por dois anos. De volta ao Brasil, em 1952, fundou, com um grupo de amadores, o teatro Tablado que conheceu o apogeu durante a década de 1950 quando apresentou peças jamais encenadas e ganhou sucessivos prêmios. A partir dos anos 1960, o Tablado se tornou uma importante escola de formação de atores. O curso livre de teatro iniciou suas atividades em 1964, e o perfil do Tablado passou a se associar cada vez mais ao público infantil. Entre as peças da atriz, dramaturga, diretora e professora de teatro Maria Clara Machado, estão *Pluft, o fantasminha* (1955), *A bruxinha que era boa* (1959), *O cavalezinho azul* (1960), *Maria Minhoca* (1968), *Os cigarras e os formigas*, *João e Maria* (1980) e *O dragão verde* (1984). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 30 de abril de 2001.



Caderno I, de Maria Clara Machado, novembro de 1953



Pluft, o fantasminha, de Maria Clara Machado

SIGLA: MCM

PROCEDÊNCIA: doado por MCM - Maria Clara Machado Produções Artísticas Ltda. em 13 de novembro de 2006

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Carlos Drummond de Andrade, Maria Julieta Drummond de Andrade e fãs da titular, e originais das peças *Pluft, o fantasminha*, *O cavalinho azul* e *O aprendiz de feiticeiro*.

DIMENSÃO: 1,65 m

NOTAS: o acervo foi organizado no âmbito de projeto da Petrobrás.

Maria Helena Cardoso

MARIA HELENA CARDOSO nasceu em Diamantina, MG, em 24 de maio de 1903. Foi romancista, memorialista, farmacêutica, e colaborou em diversos periódicos. Era irmã do escritor Lúcio Cardoso. Na década de 1960, quando Lúcio necessitava de cuidados especiais por ter sofrido um acidente vascular cerebral, surgiu para Maria Helena a necessidade de expressar-se, o que fez com que iniciasse sua carreira como memorialista. Instada, em grande parte, pelo grupo de jovens intelectuais de que vivia cercada, como Walmir Ayala e Wilson Bueno, Maria Helena Cardoso organizou suas páginas de reminiscência e publicou, em 1967, o premiado *Por onde andou meu coração*. Recebeu os prêmios Fernando Chinaglia e Jabuti, ambos em 1967. Publicou ainda: *Vida — vida* (1973, memórias) e *Sonata perdida* (1979, romance). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 14 de março de 1997.

SIGLA: MH

PROCEDÊNCIA: doado pela titular do arquivo, em fevereiro de 1982, e posteriormente por Rafael Cardoso em 9 de junho de 1997

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Carlos Drummond de Andrade, Maria Alice Barroso, e originais de *Por onde andou meu coração*.

DIMENSÃO: 1 m



Maria Isabel Ferreira

MARIA ISABEL FERREIRA nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 2 de julho de 1913. Trabalhou como telefonista, servente de escola e, com dedicação aos estudos, tornou-se bibliotecária. Começou publicando em jornais escolares até publicar seu primeiro livro de poemas, *Dardo de vidro*, que veio a público em 1942. Seguiram-se *Rosa leve* (1944), *Visão de paz* (1948) e *O sol e o nada* (1961). Sua poesia alinha-se ao lirismo de Cecília Meireles. Seu livro publicado nos anos 1960 permanece a última publicação da poetisa.

SIGLA:

PROCEDÊNCIA: doado pela titular do arquivo

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos diversos.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Carlos Drummond de Andrade, Dom Marcos Barbosa, Cecília Meireles e Tiago de Melo.

DIMENSÃO: 0,15 m

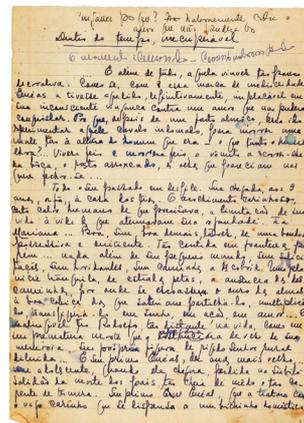
NOTAS: acompanha acervo museológico.

Maria Jacintha

MARIA JACINTA TROVÃO DA COSTA CAMPOS nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 25 de setembro de 1906. Foi contista, teatróloga, crítica, ensaísta, professora, membro da Academia de Letras do Rio de Janeiro. Atuou no meio teatral carioca, com destaque, na primeira metade do século XX. Lecionou língua portuguesa e, posteriormente, deu cursos sobre história do teatro e análise do texto dramático. Estreou na dramaturgia com *O gosto da vida*, encenada em 1937, chamando atenção da crítica pela qualidade do texto, embora tenha sido alvo da rejeição por ser considerada peça questionadora dos bons costumes da época. Colaborou para a imprensa carioca e paulista por muito tempo. Fundou a revista *Esfera*, onde mantinha coluna sobre teatro. Foi ainda diretora do Teatro do Estudante do Brasil. Seu talento de diretora revelou atores estreantes, como Cacilda Becker e Oswaldo Motta. Em 1959, recebeu a Medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pela sua obra. Entre suas obras há peças de teatro, como *A doutora Magda* (1938), *Conflito* (1939), *Convite à vida* (1945), *Já é manhã no mar* (1969) e *Intermezzo da imortal esperança* (1973). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 20 de dezembro de 1994.



Fotografia de Maria Jacintha



"Dentro do tempo irre recuperável", de Maria Jacintha

SIGLA: MJa

PROCEDÊNCIA: doado por Maria Jacintha Sauerbronn de Mello em 14 de julho de 1997

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário sumário a ser disponibilizado na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Abelardo Figueiredo, Cacilda Becker, Cecília Meireles, Conchita de Moraes, Diná Silveira de Queirós, Dulcina de Moraes, Érico Veríssimo, Ênio Silveira, Gustavo Capanema, Henriette Morineau, Nair Lacerda, Nicete Bruno, Oswaldino Marques, Paschoal Carlos Magno, Paulo Rónai, Ruth Escobar, Walter Avancini; artigos para o *Jornal do Commercio*, *A Manhã*, *A Tribuna*, *O Globo*, *O Homem Livre*, *O Mundo*, *Correio da Manhã* e nas revistas *Leitura* e *Esfera*, além de conferências, contos, crônicas, discursos, ensaios, resenhas, romances, com versões e cópias. Há ainda um número considerável de peças teatrais e de ensaios sobre escritores de renome, como Érico Veríssimo, Henriqueta Lisboa e Jorge Amado. Destacam-se também os projetos que falam da criação do Teatro de Arte de Niterói e do Teatro de Arte da Tijuca, além do anteprojeto para criação da Escola Nacional de Arte Dramática e para a criação do Teatro Nacional, as adaptações das peças de Maria Jacintha para rádio e TV, como *O gosto da vida*, *A confidente*, *Travessia* e *Uma história para uma canção*, adaptadas por Cauê Filho, além das adaptações de Janete Clair e Dias Gomes. Dentre muitos outros documentos, ainda devem ser destacados os artigos sobre crítica teatral e literária no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.

DIMENSÃO: 2,83 m

NOTAS: o acervo foi organizado no âmbito de projeto do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área de Cultura da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Maria José de Queirós

MARIA JOSÉ DE QUEIRÓS nasceu em Belo Horizonte, MG, em 29 de maio de 1936. Foi poetisa, romancista, ensaísta, contista, romancista. Diplomou-se em letras em 1955 na Universidade Federal de Minas Gerais e atuou como professora na mesma instituição até 1986 e em diversas universidades estrangeiras. Na poesia, estreou com o livro *Exercício de levitação* (1971). Na prosa, publicou seu primeiro romance, *Como me contaram... Fábulas e histórias* (1973), de fatura pós-moderna, investida na recriação da escrita da memória. Publicou em 1978 o romance *Invenção a duas vozes*, percebida como obra em diálogo com a peça *Huis clos*, de Jean-Paul Sartre. Em 1973, foi nomeada diretora do Departamento Cultural de Belo Horizonte, desenvolvendo projetos de incentivo à literatura e às artes. Colaborou como ensaísta em diversas revistas especializadas, como *Kriterion*, *Phasis* e *Colóquio Letras-Lisboa*. Tornou-se membro da Academia Mineira de Letras e do Pen Clube do Brasil. É ganhadora de diversos prêmios literários, como Sílvio Romero e Assis Chateaubriand, ambos da Academia Brasileira de Letras, em 1963 e 1975, respectivamente; Othon Lynch Bezerra de Mello, da Academia Mineira de Letras, em 1963; Pen Clube do Brasil, em 1978, e prêmio Jabuti.

SIGLA: MQ

PROCEDÊNCIA: doado pela titular do arquivo

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual e documentos diversos.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Cyro dos Anjos, Genolino Amado e Francisco de Assis Barbosa.

DIMENSÃO: 2,70 m



Maria Julieta Drummond e Andrade

MARIA JULIETA DRUMMOND DE ANDRADE nasceu em Belo Horizonte, MG, em 4 de março de 1928. Foi romancista, contista e cronista. Era filha única do poeta Carlos Drummond de Andrade. Estreou jovem na literatura, com a publicação da novela *A busca* (1946). Foi presidente do Centro de Estudos Brasileiros, em Buenos Aires, divulgando a língua portuguesa e a literatura brasileira. Colaborou em periódicos no Brasil e Argentina. Foi membro do Conselho Federal de Cultura a partir de 1985. Recebeu os seguintes prêmios: Personalidade do Ano – Literatura (1980), União Brasileira dos Escritores e a Associação Paulista de Críticos (1980). Foi membro da Academia Carioca de Letras. Entre suas obras estão: *Um buquê de alcachofras* (1980, crônica), *O valor da vida* (1982) e *Diário de uma garota* (1985). Colaborou em diversos periódicos. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 5 de agosto de 1987.

SIGLA: MJ

PROCEDÊNCIA: doado por Otávio de Melo Alvarenga e pelos filhos de Maria Julieta

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 0,40 m



Marly Medalha

MARLY MEDALHA nasceu em Niterói, RJ, em 22 de maio de 1934. É poetisa, contista, cronista, jornalista, membro da União Brasileira de Escritores-UBE. Entre suas obras estão: *A canção da ternura inútil* (1961, poesia), *Queima-sangue-de-narda* (1973, poesia) e *Lírica de Antonha do Céu por Raimundo Vira-Flor* (1975, cordel).

SIGLA: MM

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 0,45 m

L - M



Marques Rebelo

MARQUES REBELO, pseudônimo literário de Edi Dias da Cruz, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 6 de janeiro de 1907. Fez os primeiros estudos em Barbacena, MG. Fixando-se no Rio de Janeiro, tornou-se comerciante. Foi cronista, contista, romancista e memorialista. Publicou poemas nas revistas modernistas *Verde*, *Leite Crioulo* e outras, mas logo abandonou a poesia para dedicar-se à prosa. Escreveu seus primeiros contos por volta de 1927, quando fazia o serviço militar. O grande sucesso literário aconteceu em 1939 com *A estrela sobre*, que apresenta as desilusões de uma moça suburbana que ansiava se tornar estrela de rádio. Inserido na linha de denúncia social dos anos 1930, retratando personagens humildes e suburbanos da zona norte do Rio de Janeiro, Marques Rebelo é excelente pintor de tipos urbanos, afinando-se com as obras de Machado de Assis e Lima Barreto, escritores admirados por ele, e Manuel Antônio de Almeida, sobre quem escreveu um estudo. Publicou, em 1959, *O trapicheiro*, seguido de mais dois volumes: *A mudança* (1962) e *A guerra está em nós* (1968), que integram o romance cíclico *O espelho partido*, painel fragmentário da vida brasileira, especialmente carioca, na primeira metade do século XX. Entre suas obras mais conhecidas estão *Marafa* (1935, romance) e *Três caminhos* (1933). Em 1964 entrou para a Academia Brasileira de Letras. Entre os prêmios recebidos estão: Jabuti, Golfinho de Ouro e Alcântara Machado. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 26 de agosto de 1973.

SIGLA: MR

PROCEDÊNCIA: doado em 2009

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

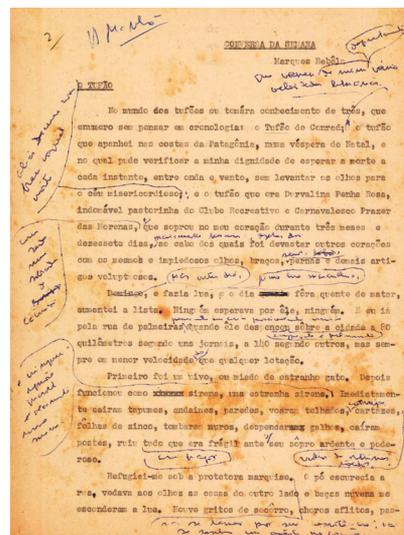
ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Domingos Paschoal Cegalla e com a Editora Civilização Brasileira, e notas relativas à obra *A guerra está em nós*.

DIMENSÃO: 0,84 m

NOTAS: há documentos de Marques Rebelo na Academia Brasileira de Letras.



"Conversa da Semana",
de Marques Rebelo

Melo Nóbrega

HUMBERTO GALIANO DE MELO NÓBREGA nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 9 de março de 1901. Foi poeta, ensaísta e biógrafo. Era diplomado em direito e funcionário público. Foi membro da Academia Carioca de Letras, do Pen Clube do Brasil, do Instituto Histórico e Geográfico-SP e do Instituto Histórico e Geográfico-Sorocaba. Recebeu os seguintes prêmios: comenda Afonso, el Sábio (Espanha), Cavaleiro de Corpus Christi (Espanha) e prêmio Academia Brasileira de Letras (1939, 1965). Entre suas obras estão: *O outro lado da montanha* (poesia), *História de um rio* (o Tietê) (1948, ensaio), *Situação literária de Anchieta*, (1966, ensaio) e *Memorial de Santa Luzia* (romance). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 31 de janeiro de 1978.

SIGLA: MN

PROCEDÊNCIA: doado por Míriam Nóbrega Barbosa da Fonseca em 3 de março de 1997

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal e produção intelectual.

DIMENSÃO: 2 m

Mendes Fradique

JOSÉ MADEIRA DE FREITAS, conhecido pelo pseudônimo Mendes Fradique, nasceu em Alfredo Chaves, ES, em 3 de abril de 1893. Foi poeta, humorista, romancista, cronista, jornalista, médico, caricaturista e membro da Academia Espírito-Santense de Letras. A partir de 1917, começou a sair na imprensa carioca sua versão sarcástica da história nacional com desenhos e caricaturas com traço de humor ferino. Nela, o humorista misturava épocas, fatos, porém deixando evidente o comentário crítico e irônico aos fatos e personalidades públicas do período, retratando o Brasil da República Velha. Publicado em 1920, *História do Brasil pelo método confuso* (1921) foi um êxito editorial. Entre suas obras estão *Hipocratéia* (1916, poesia), *História do Brasil pelo método confuso* (1921), *Contos do vigário* (1922, humor), *Feira livre* (1923), *A lógica do absurdo* (1925), *Doutor Voronoff* (1926, romance), *O bom senso da loucura* (1927, humor), *Gramática portuguesa pelo método confuso* (1928, humor) e *Idéias em ziguezague* (1928). Faleceu em 27 de fevereiro de 1944.

SIGLA: MF

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, documentos pessoais, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se originais manuscritos de “Detalhes da ordem política”, atribuído ao frei Antônio José do Sagrado Coração de Jesus, e originais de desenhos do titular.

DIMENSÃO: 0,12 m



Moacyr Félix

MOACYR FÉLIX nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 11 de março de 1926. Passou a infância em Juiz de Fora, MG. Realizou os estudos regulares no Rio de Janeiro, sendo o ginásio no Colégio Santo Inácio, e o curso de direito na Faculdade Católica, hoje PUC-MG. Coursou filosofia na Sorbonne, França. Na volta ao Brasil participou de programa sobre poesia na Rádio Ministério da Educação. Colaborou em várias revistas literárias, como a *Civilização Brasileira* e *Paz e Terra*. Juntamente com Ênio Silveira, e sob direção de Waldo A. César, fundou a editora Paz e Terra. Tornou-se membro da União Brasileira de Escritores e do Pen Clube do Brasil e foi sócio-fundador da Associação Brasileira de Críticos Teatrais. Conquistou vários prêmios literários, tais como Alphonsus de Guimaraens (1960, Instituto Nacional do Livro), Associação Paulista de Críticos de Arte (1982) e Poesia e Liberdade (1985, Centro Alceu de Amoroso Lima). Há poemas seus traduzidos no exterior em antologias, revistas e periódicos. Em homenagem ao escritor, a Funarte criou, em 1996, o Espaço Cultural Poeta Moacyr Félix. Publicou *Cubo de treva* (1948, poesia), *Itinerário de uma tarde* (1953, poesia), *Canto para as transformações do homem* (1964, poesia), *Canção do exílio aqui* (1977, poesia), *Encontros com a civilização brasileira* (1981), entre outras obras. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 25 de outubro de 2005.

SIGLA: MFx

PROCEDÊNCIA: doado por Pedro Lagerblad de Oliveira e Ragnar Lagerblad em 22 de fevereiro de 2007

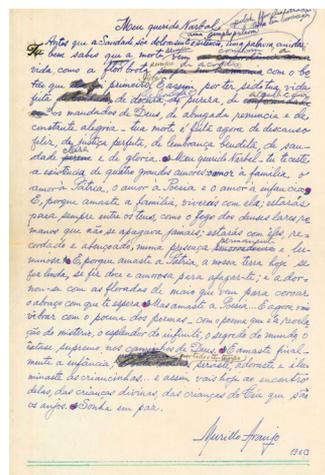
INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 3,24 m

Murilo Araújo

MURILO ARAÚJO nasceu em Serro Frio, MG, em 26 de outubro de 1894. Escreveu sob os pseudônimos Remy Torres, Dalva, Hamílcar Pompéia e Marinho Dalma. Participou do grupo modernista em torno da revista *Festa*. Recebeu prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1929. Como poeta, Murilo Araújo seguiu a tendência simbolista. Publicou, entre outras obras de poesia, *As sete cores do céu* (1941), *A escadaria acesa* (1941), *O palhacinho quebrado* (1946), *A luz perdida* (1952) e *O candelabro eterno* (1955). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 2 de agosto de 1980.



Carta de Murilo Araújo



Capa de Lp com poemas de Murilo Araújo

SIGLA: MA

PROCEDÊNCIA: doado por Marisol Duque Araújo em 10 de setembro de 1985

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 4,60 m

NOTAS: acompanha acervo bibliográfico.



Murilo Mendes

MURILO MEDINA CELI MONTEIRO MENDES nasceu em Juiz de Fora, MG, em 13 de maio de 1901. Aos 15 anos ingressou na Escola de Farmácia de Juiz de Fora, abandonando o curso um ano mais tarde. Depois de um período em Niterói para estudos, retornou a Minas Gerais. Muito jovem, Murilo Mendes já manifestava o gosto pelas artes, lendo e apreciando, como autodidata, a cultura francesa, italiana e espanhola. Admirava e foi profundo conhecedor de música clássica, artes plásticas e cinema. Cultivou uma grande amizade com o pintor Ismael Nery, cuja obra influenciou o poeta na busca de imagens poéticas afinadas com a estética surrealista. A influência de Ismael Nery foi decisiva na conversão de Murilo ao catolicismo. Em 1947, casou-se com Maria da Saudade Cortesão. Exerceu muitas atividades, como telegrafista, guarda-livros, funcionário de cartório, professor de francês e arquivista no Ministério da Fazenda. Estreou na poesia com *Poemas*, em 1930, agraciado com o prêmio da Fundação Graça Aranha e apontado por Mário de Andrade, no ensaio “A poesia em 1930”, como um dos grandes poetas, ao lado de Drummond, Bandeira e Augusto Frederico Schmidt, que definiriam o lirismo brasileiro. Sua poesia ficou conhecida por reinventar o lirismo de matiz onírica unido à dicção modernista e ao ideário cristão. Em 1957 Murilo Mendes foi para a Itália, a convite do Departamento Cultural do Itamarati, para lecionar na Universidade de Roma. Criou, na Universidade de Pisa, o curso de estudos brasileiros. Em 1972 conquistou o prêmio Internacional Etna-Taormina. Entre suas principais obras estão: *História do Brasil* (1932), *O visionário* (1941), *As metamorfoses* (1944), *Mundo enigma*, (1945), *Poesia liberdade* (1947, poesia), *A idade do serrote* (1968, prosa) e *Retratos-relâmpago* (1973, prosa). Faleceu em Lisboa, Portugal, em 15 de agosto de 1975.

SIGLA: MMe

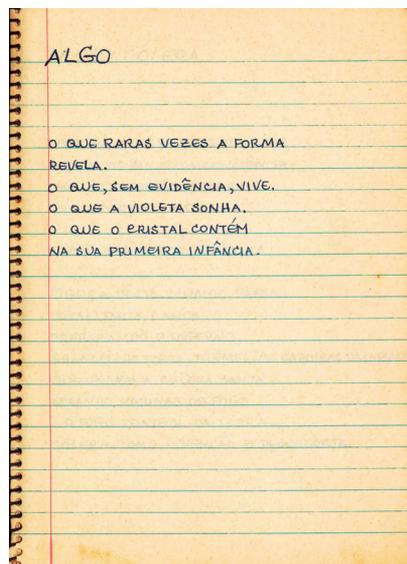
PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 0,16 m

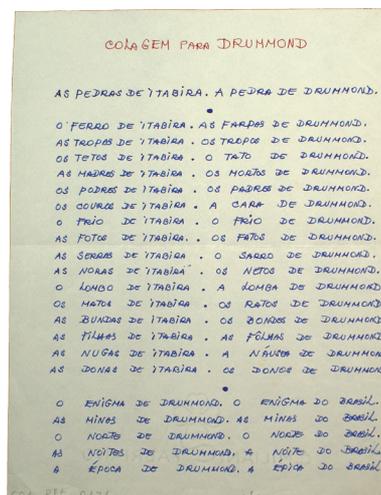
NOTAS: acompanha acervo bibliográfico.



Poema "Algo", de Murilo Mendes



Fotografia de Murilo Mendes, 1941



Poema "Colagem para Drummond",
de Murilo Mendes



Murilo Miranda

MURILO MIRANDA nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1912. Diplomou-se em direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Quando cursava o 2º. ano, fundou a *Revista Acadêmica*. Entre suas obras estão: *Cultura e alimentação*, *Biblioteca brasileira de nutrição* e *O livro dos transportes*. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 30 de abril de 1971.

SIGLA: MMi

PROCEDÊNCIA: doado por Yeda Miranda

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 2,18 m

N - R

Nestor Vítor

Nilo Bruzzi

Olga Savary

Olympio Monat

Osman Lins

Otto Maria Carpeaux

Paula Freitas

Paulo Rangel

Pedro Nava

Peregrino Júnior

Péricles Madureira de Pinho

Plínio Doyle

Povina Cavalcanti

Prudente de Moraes Neto

Raimundo Magalhães Júnior

Raul Lima

Renato Almeida

Ribeiro Couto

Rodrigo Melo Franco de Andrade

Rodrigo Otávio Filho

Rosário Fusco

Rubem Braga

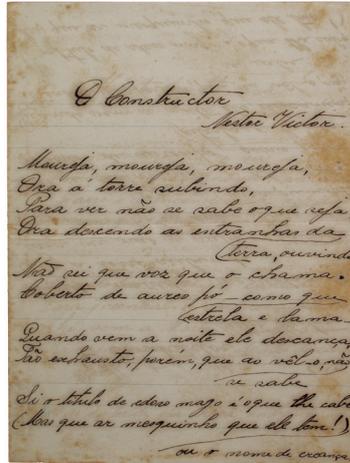


Nestor Vítor

NESTOR VÍTOR DOS SANTOS nasceu em Paranaguá, PR, em 12 de abril de 1868. Foi contista, poeta, ensaísta, romancista e crítico. Atuou como conferencista e professor. Em 1914, fundou, ao lado de Rui Barbosa e José Veríssimo, a Liga Brasileira pelos Aliados. Na sua atividade de crítico, Nestor Vítor desenvolveu uma análise de poetas baseada na biografia e no impressionismo. Contudo, sua crítica se abre à modernidade nas letras, ao optar por uma postura crítica contrafeita ao cientificismo e ao historicismo que marcaram sua época. Ficou conhecido como crítico do simbolismo, apresentando a obra de muitos dos poetas dessa tendência, em especial a de Cruz e Sousa, de quem foi amigo e a quem dedicou ensaios e testemunhos, como *Cruz e Sousa* (1899) e *O elogio do amigo* (1921), além de publicar a edição da obra completa do poeta em 1923. Foi correspondente do *Correio Paulistano* e de *O País* entre 1902 e 1905 quando estava em Paris. Nestor Vítor, além de exaltar os simbolistas, nos últimos anos de vida também se voltou para os novos poetas modernistas, como se percebe em *Cartas à gente nova* (1924) e *Os de hoje* (1938). Escreveu sob o pseudônimo Nunes Vidal. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 13 de outubro de 1932.



Fotografia de Nestor Vitor



Poema "O constructor",
de Nestor Vitor

SIGLA: NV

PROCEDÊNCIA: doado por Andrade Muricy em 2 de dezembro de 1977

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros e produção na imprensa.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Medeiros e Albuquerque, José Henrique de Santa Rita e Cruz e Sousa, e originais de *A fantasmagoria alemã*.

DIMENSÃO: 0,8 m

NOTAS: o acervo foi organizado por Gilza Martins Saldanha da Gama, no âmbito de projeto desenvolvido com bolsa de recém-doutor do CNPq.



Nilo Bruzzi

NILO DE FREITAS BRUZZI nasceu em Pomba, MG, em 21 de novembro de 1897. Era diplomado em direito. Foi poeta, crítico, ensaísta, contista, romancista, biógrafo, jornalista e professor. Faleceu em Pomba, MG, em 1978.

SIGLA: NBi

PROCEDÊNCIA: doado por Afrânio Coutinho em 1977

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, produção na imprensa, documentos pessoais e documentos diversos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Manuel Bandeira, Josué Montello, Afrânio Coutinho, Érico Veríssimo e Raimundo Magalhães Júnior, e originais de *Prólogo* (biografia de Gonçalves Dias), “Roteiro do Brasil” (conto) e “O mundo que há de vir” (conto).

DIMENSÃO: 0,35 m



Olga Savary

OLGA AUGUSTA MARIA SAVARY nasceu em Belém, PA, em 21 de maio 1933. Poeta, contista, ensaísta, crítica, jornalista, tradutora, é membro do Pen Clube. Participou de movimentos de poesias, como Expoesia 1 e 2 e Po-emAção. Estreou como poeta com o livro *Espelho provisório*, que reunia sua produção desde os anos 1940. Conheceu e foi amiga de Carlos Drummond de Andrade, reconhecidamente seu grande exemplo de poesia. A poesia de Olga Savary é fundamentalmente amorosa, feminina e erótica, embora também revele matizes de brasilidade na adoção de palavras da língua tupi na sua fatura poética, remetendo-a à região amazônica, à qual a poeta se sente ligada. Olga Savary é também renomada tradutora, tendo vertido para a língua portuguesa grandes escritores latino-americanos, como Octávio Paz, Carlos Fuentes e Júlio Cortázar. Sua obra poética foi reunida no livro *Repertório selvagem* (1998). Seus contos participam das mais importantes antologias nacionais e internacionais. É escritora reconhecida pelos maiores prêmios nacionais de literatura, como Jabuti (1971), APCA-Poesia, (1977), Odorico Mendes — Academia Brasileira de Letras, tradução (1980), União Brasileira dos Escritores-Poesia (1981), Olavo Bilac — Academia Brasileira de Letras (1983) e Assis Chateaubriand – ABL (1987).

SIGLA: OS

PROCEDÊNCIA: doação iniciada pela titular do arquivo em 2 de abril 1981

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção na imprensa e documentos diversos.

DIMENSÃO: 1,42 m

Olympio Monat

OLYMPIO HENRIQUE MONAT DA FONSECA nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 11 de julho de 1928. Fez os cursos secundário e superior na cidade natal e passou alguns anos na Europa. Atuou como poeta, romancista, ficcionista, crítico, ensaísta, tradutor e advogado. Tornou-se membro da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni e da Sociedade Eça de Queiroz. Recebeu os prêmios Litteris e União Brasileira dos Escritores. Pseudônimos: Arkadion e Amaro Saturno.

SIGLA: OM

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries produção intelectual e produção na imprensa.

DIMENSÃO: 0,28 m



Osman Lins

OSMAN DA COSTA LINS nasceu em Vitória de Santo Antão, PE, em 5 julho de 1924. Diplomou-se em ciências econômicas, no Recife, em 1946, e dramaturgia em 1960. Cedo se interessou pela literatura. Em 1955 saiu publicado o primeiro livro do autor, *O visitante*, vencedor de alguns prêmios literários. Dois anos depois, publicou *Os gestos*, livro de contos com o qual ficou conhecido como autor que cultivava um regionalismo introspectivo. Em 1960, Osman Lins concluiu o curso de dramaturgia na Escola de Artes da Universidade do Recife. Interessado pelo teatro, escreveu a peça *Lisbela e o prisioneiro*, que vem sendo encenada desde os anos 1960. Em 1961, com bolsa da Aliança Francesa, viajou para a Europa na mesma época em que saía no Rio de Janeiro seu romance *O fiel e a pedra*. De volta ao Brasil, atuou como professor de literatura na Universidade de Marília. Com *Avalovara*, romance publicado em 1973, Osman Lins avançou para o experimentalismo de cunho cerebral, construindo complexas estratégias narrativas. Essa experimentação marcou também as obras *Nove, novena* e *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976), seu último romance. Recebeu os seguintes prêmios: Fábio Prado (1955), Academia Pernambucana de Letras, Coelho Neto, Academia Brasileira de Letras (1955), Mário Sete (1962) e União Brasileira dos Escritores. Faleceu em São Paulo, SP, em 8 de julho de 1978.

SIGLA: OL

PROCEDÊNCIA: doado por Julieta de Godoy Ladeira no período compreendido entre novembro de 1985 e 29 de janeiro de 1997

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

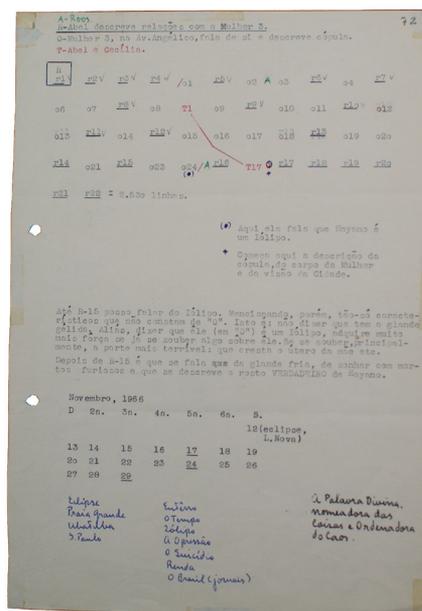
ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção na imprensa, documentos pessoais, documentos iconográficos e documentos diversos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Antônio Abujamra, Hermilo Borba Filho, Jorge Amado, Antônio Cândido, Afrânio Coutinho, e originais de *Avalovara*, *Evangelho na taba*; outros problemas inculturais brasileiros, *A ilha no espaço* e *O céu dos solitários*, além de obras de natureza diversa sobre arte, literatura brasileira e estrangeira.

DIMENSÃO: 2 m

NOTAS: acompanha acervo museológico.



Notas para *Avalovara*,
de Osman Lins



Otto Maria Carpeaux

Otto Karpfen, mais conhecido como **OTTO MARIA CARPEAUX**, nasceu em Viena, Áustria, em 9 de março de 1900. Estudou matemática, física e química, filosofia e letras, dedicando-se também à música. Veio para o Brasil em fins de 1939, já com alguns livros publicados na Europa, num momento de insegurança que a Europa atravessava com a ascensão do nazismo na Alemanha. Sua carreira jornalística e literária teve início no *Correio da Manhã*, quando se mudou de São Paulo para o Rio de Janeiro, escrevendo direta e espontaneamente em português. Naturalizou-se brasileiro em 1944. Seu primeiro livro no Brasil intitulou-se *Cinza do purgatório* e foi publicado em 1942. Foi diretor da biblioteca da Fundação Getúlio Vargas. Além de seus livros, fez crítica literária na imprensa, divulgando autores estrangeiros e brasileiros. A obra de Otto Maria Carpeaux alcança um amplo aspecto de formas, que vão desde artigos curtos, como os que foram veiculados na imprensa, até projetos monumentais, como a *História da literatura ocidental*. Amplo também é seu aspecto temático, que compreende literatura, filosofia, música, artes plásticas e história. Carpeaux é reconhecidamente um erudito, mas que conseguiu atingir o público com suas contribuições na imprensa, curtas, mas combinando clareza e acuidade crítica. Entre suas obras estão: *O Brasil no espelho do mundo* (1965, crônica), *Uma nova história da música* (1958) e *Livros na mesa* (1960). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 3 de fevereiro de 1978.

SIGLA: OC

PROCEDÊNCIA: doado por Helena Carpeaux

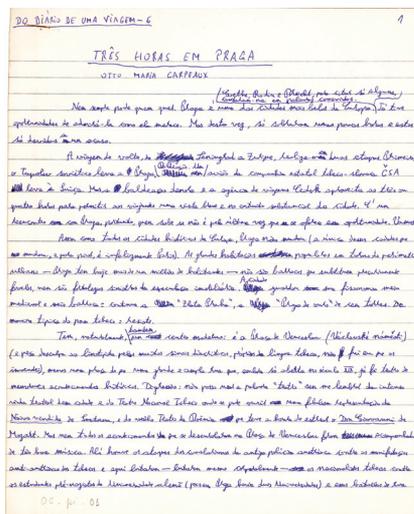
INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

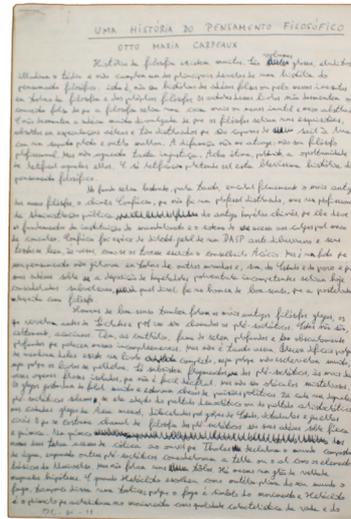
ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, produção na imprensa, documentos pessoais, documentos diversos, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Carlos Drummond de Andrade, e originais dos ensaios “Uma história do pensamento filosófico” e “A educação moral do combatente: a lição de Canudos, sempre atual”.

DIMENSÃO: 0,56 m



"Diário de uma viagem",
de Otto Maria Carpeaux



"Uma história do
pensamento filosófico",
de Otto Maria Carpeaux

N - R

Paula Freitas

LUÍS DE ABREU PAULA FREITAS nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de janeiro de 1909. Foi contista, biográfico e ensaísta. Atuou como professor universitário, advogado, revisor e jornalista. Diplomou-se em direito em 1930. Tornou-se membro da Academia de Letras do RS. Escreveu, entre outras obras, *A árvore de flores de luz* (1926, contos), *A cortina de renda* (1930, contos) e *A poesia satírica no Brasil* (1932, ensaio). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de agosto de 1982.

SIGLA: PF

PROCEDÊNCIA: doado por sua filha, Ayêscá Paula Freitas de Lacerda, em maio de 1987

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Jorge Amado, Cyro dos Anjos, José Américo de Almeida, Carlos Drummond de Andrade, Osman Lins, Manuel Bandeira, e originais de poemas de Murilo Araújo e Manuel Bandeira.

DIMENSÃO: 0,32 m

Paulo Rangel

PAULO CELSO NOGUEIRA RANGEL nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 15 de outubro de 1931. Foi romancista, teatrólogo, contista, comerciário, industrial, bancário, aviário, ator, jornalista e advogado. Entre suas obras estão: *A verdade* (1968, romance), *Folia dos tempos* (1972, contos), *Alucinação* (1976, alegoria) e *O irreverente punhal da subversão* (1987, contos). Faleceu em 19 de novembro de 1996.

SIGLA: PR

PROCEDÊNCIA: doado por Sílvia Rangel em 28 de maio de 1997

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries produção intelectual, produção intelectual de terceiros, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destaca-se datiloscrito de *Assassinato na floresta*.

DIMENSÃO: 1,52 m

Pedro Nava

PEDRO DA SILVA NAVA nasceu em Juiz de Fora, MG, em 5 de junho de 1903. Filho de Diva Mariana Jaguaribe e José Pedro da Silva Nava, foi poeta, memorialista, diplomado em medicina (1927) e professor. Fez seus primeiros estudos em Belo Horizonte, depois, no Rio de Janeiro, estudou humanidades no Colégio Pedro II, concluindo o curso em 1920. De volta a Belo Horizonte, diplomou-se em medicina e tornou-se amigo de Juscelino Kubitschek. Pedro Nava manteve amizade com figuras importantes do modernismo brasileiro, como Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault e outros. Um evento relevante foi seu encontro com a famosa caravana de modernistas que percorreu as cidades mineiras entre 1924 e 1925, da qual participavam Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Além de poeta e memorialista, Nava também transitou pelas artes plásticas, ficando conhecido como o ilustrador de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, lançado em 1928. A partir de 1972, deu-se o início de seu conhecido ciclo memorialístico com *Baú de ossos*, seguido de *Balão cativo*, *Chão de ferro*, *Beira-mar*, *Galo-das-trevas* e *O círio perfeito*, livros que tiveram grande receptividade do público e da crítica, agraciados com diversos prêmios. Como poeta, participou da *Antologia de poetas bissextos contemporâneos*, organizada por Manuel Bandeira, com o poema “O defunto”, ficando conhecido como um dos mais notórios poetas bissextos. A carreira médica contribuiu para os avanços da medicina no Brasil, principalmente na área da reumatologia, tendo sido Nava autor de importantes artigos na revista *Brasil Médico Cirúrgico*. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 13 de maio de 1984.



Fotografia de Pedro Nava em seu escritório



Peregrino Júnior

JOÃO PEREGRINO DA ROCHA FAGUNDES JÚNIOR nasceu em Natal, RN, em 12 de março de 1898. Escreveu literatura na imprensa, no Rio de Janeiro, onde residiu a partir de 1920. Exerceu atividade de médico e de professor universitário. Foi cronista, crítico e novelista. Tornou-se membro, em 1945, da Academia Brasileira de Letras. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de outubro de 1983.

SIGLA: PJr

PROCEDÊNCIA: doado por Vanda Peregrino e Helena Peregrino em janeiro de 1996

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal e documentos pessoais.

DIMENSÃO: 0,36 m

NOTAS: há documentos de Peregrino Júnior na Academia Brasileira de Letras.



Péricles Madureira de Pinho

PÉRICLES MADUREIRA DE PINHO nasceu em Salvador, BA, em 1908. Foi cronista e historiador. Atuou como pesquisador, advogado e funcionário da Câmara de Reajustamento Econômico, do Ministério da Educação e Cultura e do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 27 de outubro de 1978.

SIGLA: PP

PROCEDÊNCIA: doado por Bernardino Madureira de Pinho

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual e produção na imprensa.

DIMENSÃO: 1,20 m

N - R



Plínio Doyle

PLÍNIO DOYLE SILVA nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1º de outubro de 1906. Foi pesquisador e bibliófilo. Diplomou-se em direito na Faculdade do Rio de Janeiro (1931). Fundou, em 1958, a Sociedade dos Amigos de Machado de Assis. Atuou como procurador da Fazenda Nacional (1962-1976). Em 1964 iniciou em sua residência reuniões aos sábados, com amigos ligados às letras e aos livros, chamadas de Sabadoyle. Tornou-se membro do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, de que foi tesoureiro, primeiro secretário, bibliotecário e vice-presidente; e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (a partir de 1971). Fundou e dirigiu o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa e foi diretor da Biblioteca Nacional (1979-1982). Foi ainda membro do Conselho Federal de Cultura (1981). Foi cofundador da Associação Profissional dos Escritores, que transformou, quando presidente, no Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro. Recebeu da Academia Brasileira de Letras as medalhas Machado de Assis e João Ribeiro em homenagem à sua participação na cultura brasileira. Formou uma das melhores bibliotecas particulares de literatura brasileira, que hoje se encontra na Fundação Casa de Rui Barbosa. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 26 de novembro de 2000.

SIGLA: PD

PROCEDÊNCIA: doado pelo titular a partir de 1972 e posteriormente por Sonia Doyle

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, produção na imprensa, documentos iconográficos, documentos fílmicos, documentos sonoros e documentos complementares.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Carlos Drummond de Andrade, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Cyro dos Anjos. Na correspondência de terceiros, destacam-se cartas de Graça Aranha, Jorge Amado, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Júlio Ribeiro e Manuel Bandeira. Há ainda notas de trabalhos jurídicos, artigos e as atas do Sabadoyle.

DIMENSÃO: 33,37 m

NOTAS: acompanha acervo museológico e bibliográfico.

ATA Nº 1.269 de 26 de dezembro de 1998.

O Sabadoyle está completando nesse fim de ano, quase fim de século, 34 anos de existência, fundado que foi no Natal de 1964, com a minha presença, a de Drummond e de Esmeralda. Como todo ano do calendário tem 52 sábados, fácil é calcular o número de sábados nesse período: 34 vezes 52 são 1.768. Mas não houve reuniões em todos eles, pois devemos descontar os períodos de férias, no exterior e em Poços de Caldas, de doações e de recesso, que atingem o total aproximado de 60 sábados, restando 1.708 sábados de reuniões do Sabadoyle, que com uma média de presença de 15, dão um total de 25.620; esse número representa apenas que no período de existência do Sabadoyle,

25.620 Sabadoylios cruzaram as portas de Barão de Jaguaripe 62, de Barão de Jaguaripe 74, 29 e de Epitácio Pessoa 344, 19; são amigos Sabadoylios que se mantiveram e mantêm firmes nesse longo período. Apresentada essa pequena mas importante estatística, convém repetir o ditado popular, que o melhor da festa é esperar por ela; assim todos nós passamos a semana pensando no Sabadoyle, e eu mais ainda pois tenho de pensar no ateu e sua ata, e no Sabadoylio que faltou, para telefonar indagando o motivo.

Mas para alegria nossa o Sabadoyle, em cada reunião, termina com risos e bem-querer; assim foram todos eles, como terminará o de hoje; nunca pensei, nem penso, em fechar as portas do Sabadoyle com tristeza, pranto e ambiente tumular.

Mas vocês todos sabem a minha idade, pois vêm se acompanhando há tempos, sabendo do dia primeiro de outubro, e os 92

Ata de encerramento do Sabadoyle, escrita por Plínio Doyle

Assinaturas em ata do Sabadoyle

N - R

Povina Cavalcanti

CARLOS POVINA CAVALCANTI nasceu em União dos Palmares, AL, em 14 de agosto de 1898. Atuou como advogado e jornalista. Foi poeta, escritor e político. Era membro fundador da Academia Alagoana de Letras. Foi consultor jurídico da Prefeitura de Brasília (DF). Entre suas obras estão: *Telhado de vidro*, *Ausência da poesia*, *Vida e obra de Jorge de Lima* e *Hermes Fontes (vida e poesia)*. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 4 de dezembro de 1974.

SIGLA: PC

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção na imprensa e documentos iconográficos.

DIMENSÃO: 0,15 m

Prudente de Neto Morais

FRANCISCO DE PAULA PRUDENTE DE MORAIS NETO nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1904. Estudou no Colégio Pedro II e formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil em 1926. Dedicou-se ao magistério, à literatura e ao jornalismo. Dirigiu redações de jornais importantes, como o *Diário Carioca* e a sucursal de *O Estado de S. Paulo* no Rio de Janeiro. Nos anos 1960, foi crítico ferrenho do governo de João Goulart. Posicionando-se a favor da derrubada de Goulart, apoiou intelectuais esquerdistas após a revolução de 1964. Em 1975 foi eleito presidente da Academia Brasileira de Imprensa. Foi fundador da revista *Estética*, ao lado de Sérgio Buarque de Holanda. Não deixou obra publicada, embora mantivesse seção diária em diversos periódicos. Participou como poeta da *Antologia dos poetas bissextos contemporâneos*, organizada por Manuel Bandeira, com o pseudônimo literário Pedro Dantas. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de dezembro de 1977.

SIGLA: PM

PROCEDÊNCIA: doado por Emanuel de Moraes, Lucie de Moraes e Maria de Moraes

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, documentos pessoais, documentos iconográficos e documentos diversos.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com a Associação Brasileira de Imprensa, Gilberto Amado, Carlos Drummond de Andrade, Francisco de Assis Barbosa, Raul Bopp, Afonso Arinos de Melo Franco, Wladimir Herzog, Livraria José Olympio Editora e Américo Jacobina Lacombe.

DIMENSÃO: 1,55 m



Raimundo Magalhães Júnior

RAIMUNDO MAGALHÃES JÚNIOR nasceu em Ubajara, CE, em 12 de fevereiro de 1907. Iniciou sua carreira jornalística aos 16 anos, em Campos. Chegando ao Rio de Janeiro em 1930, atuou na imprensa e escreveu diversas peças, contos, poesias, crônicas, biografias e história. Foi casado com a escritora Lúcia Benedeti. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) e membro da Academia Brasileira de Letras. Atuou na política, assinando o Manifesto da Esquerda Democrática, que se converteu, em seguida, no Partido Socialista Brasileiro, pelo qual, em 1949, foi eleito vereador à Câmara do Distrito Federal. Foi poeta presente na *Antologia dos poetas bissextos contemporâneos*, de Manuel Bandeira. Como contista, participou de antologias nacionais e estrangeiras. Foi vencedor de vários prêmios literários, entre os quais o prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal (1972) e o prêmio Juca Pato, como o “Intelectual do Ano”. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Escreveu a importante obra *Artur Azevedo e sua época* (1955), fruto de sua intensa e importante pesquisa sobre as manifestações teatrais. Foi comediógrafo, tradutor de textos teatrais e biógrafo. Escreveu revistas teatrais e peças dramáticas, sendo as mais conhecidas *Carlota Joaquina*, *O imperador galante*, *Vila Rica* e *Essa mulher é minha*. Escreveu também uma biografia de Machado de Assis, considerada referência para os estudos machadianos. Colaborou em diversos periódicos, como *Diário de Notícias*, *A Noite Ilustrada*, *Carioca* e *Vamos Ler*. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de dezembro de 1981.

SIGLA: RM

PROCEDÊNCIA: doado por Lúcia Benedeti Magalhães e Rosa Magalhães em 6 de junho de 1991

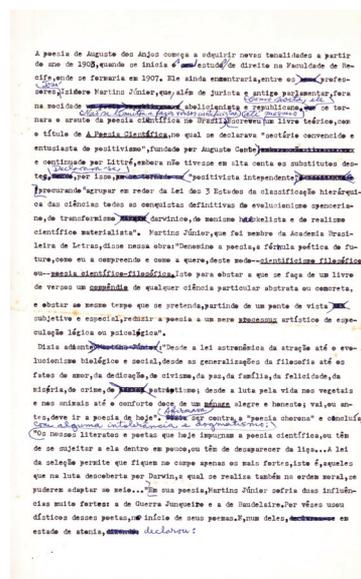
INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual e produção na imprensa.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Adonias Filho, Jorge Amado, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Alceu Amoroso Lima, e notas para estudos biográficos sobre Augusto dos Anjos, José de Alencar e Luís Guimarães Júnior.

DIMENSÃO: 1,60 m



Notas para livro sobre Augusto dos Anjos, de Raimundo Magalhães Júnior

N - R

Raul Lima

RAUL DE REGO LIMA nasceu em Passo do Camaragibe, AL, em 3 dezembro de 1911. Atuou como cronista, memorialista, ensaísta, jornalista, tradutor, professor, redator e advogado. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e da Academia Alagoana de Letras. Foi promotor público, juiz de direito de Maceió, secretário de ministros de estado e de senadores. Colaborou para o *Diário de Notícias*. Foi diretor do Arquivo Nacional de 1970 a 1980. Publicou, entre outras obras, *Cartas do historiador Washington Luiz*, *A vida desconhecida do revolucionário alagoano Pe. José Antonio Caldas*, *Madame de Sevigné brasileira*, entre outras obras. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 18 de novembro de 1985.

SIGLA: RL

PROCEDÊNCIA: doado pelo titular em 23 de janeiro de 1984

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

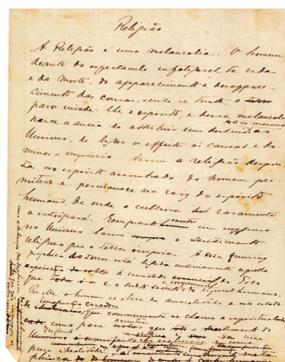
ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Carlos Drummond de Andrade, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Austregésilo de Ataíde e Francisco de Assis Barbosa.

DIMENSÃO: 0,55 m

Renato Almeida

RENATO COSTA ALMEIDA nasceu em Santo Antônio de Jesus, BA, em 6 de dezembro de 1895. Atuou como advogado e professor. Foi chefe do Serviço de Documentação do Ministério das Relações Exteriores e secretário-geral da Comissão Nacional do Folclore. Foi, ainda, ensaísta, folclorista, membro da Academia Brasileira de Música, Academia Brasileira de Filologia, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Sociedade Felipe d'Oliveira e outras associações culturais. Tornou-se cidadão carioca honorário, com várias condecorações estrangeiras. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em fevereiro de 1981.



Ensaio "Religião",
de Renato Almeida

SIGLA: RA

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Rui Barbosa, Machado de Assis, Alcindo Guanabara, Joaquim Nabuco e Silvio Romero, e originais manuscritos de Graça Aranha sobre correspondência entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

DIMENSÃO: 0,19 m

NOTAS: acompanha acervo museológico.



Ribeiro Couto

RUI RIBEIRO COUTO nasceu em Santos, SP, em 12 de março de 1898. Diplomou-se em direito, no Rio de Janeiro, em 1919. Promotor público, em 1928 entrou para a diplomacia, chegando a embaixador, servindo em vários postos, como Marselha, Paris, Holanda, Lisboa e Iugoslávia. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Estreou na carreira literária com o livro *O jardim das confidências* (1921). Em 1958 conquistou o Prêmio Internacional de Poesia, em Paris. Tal como Manuel Bandeira, Ribeiro Couto vinha de um período em que a retórica parnasiana, sob os efeitos da linguagem poética simbolista, se abrandava e permitia o convívio com uma realidade nova no sentido de uma linguagem e de uma matéria mais propriamente nacional. O poeta e o ficcionista Ribeiro Couto soube situar-se nessa confluência estética, cuja síntese estilística foi, antes do modernismo, a rápida experiência penumbrista, espécie de simbolismo informal, de sugestões e tonalidades vagas como no neoimpressionismo da pintura. Apesar de inicialmente ligado aos novos de 22, Ribeiro Couto não participou das experimentações da vanguarda modernista, preferindo evoluir dentro da sua concepção inicial. Daí porque sua poesia é a das confidências, da simplicidade, da simpatia pelo cotidiano, pelas cidadezinhas do Brasil, pelo lirismo das canções populares, pelos ritmos que se estendem de metros antigos aos versos livres quase prosaicos. Uma linguagem despida de eloquência que faz dele um dos autênticos poetas deste século. Entre suas obras, estão *Noroeste e outros poemas do Brasil* (1932), *A cidade do vício e da graça* (1924, crônicas) e *Cabocla* (1931, romance). Faleceu em Paris, França, em 30 de maio de 1963.

SIGLA: RC

PROCEDÊNCIA: doado por João Rennó (testamenteiro de Ribeiro Couto), por intermediação de Francisco de Assis Barbosa

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

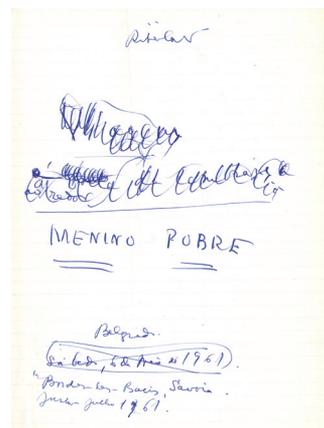
ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos complementares.

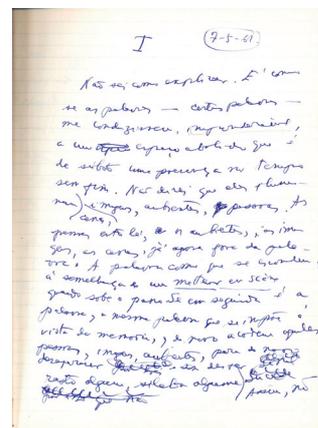
CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Manuel Bandeira, abrangendo cerca de 480 documentos, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Vinícius de Moraes, Raul Bopp, João Neves da Fontoura, Ante Cettineo, Valéry Larbaud, Blaise Cendrars, Stefan Baciu; originais de obras de sua autoria traduzidas para vários idiomas, como, por exemplo, a tradução de *Cabocla* para o italiano e para o espanhol, além de traduções realizadas pelo autor de poemas de Alfonso Reyes, Manuel Bandeira, e outros poetas, para o francês e o italiano.

DIMENSÃO: 4,58 m

NOTAS: acompanha acervo museológico e bibliográfico. O acervo foi organizado no âmbito de projeto desenvolvido com financiamento da Faperj e coordenado por Júlio Castañon Guimarães e Eliane Vasconcellos. Há documentos de Ribeiro Couto na Academia Brasileira de Letras.



Rascunho de folha de rosto para *Menino pobre*, de Ribeiro Couto, 1961



Menino pobre, de Ribeiro Couto, 1961

Rodrigo Melo Franco de Andrade

RODRIGO MELO FRANCO DE ANDRADE nasceu em Belo Horizonte, MG, em 17 de agosto de 1898. Foi contista e ensaísta. Exerceu atividade de jornalista e advogado. Fundou e dirigiu ao longo de 30 anos o então denominado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Sphan, atual Iphan. Deu apoio ao modernismo de 22, cercando-se de artistas mais ligados ao movimento, como Aníbal Machado, Milton Campos, Pedro Nava, Mário de Andrade e outros. Tornou-se redator-chefe da *Revista do Brasil*. Em 1930, ocupou o cargo de chefe de gabinete do Ministério da Educação e Saúde. Publicou *Velórios* (1936) e *Rio Branco e Gastão da Cunha* (1953). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 11 de maio de 1969.

SIGLA: RMF

PROCEDÊNCIA: doação da família Rodrigo Melo Franco de Andrade em 2003

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

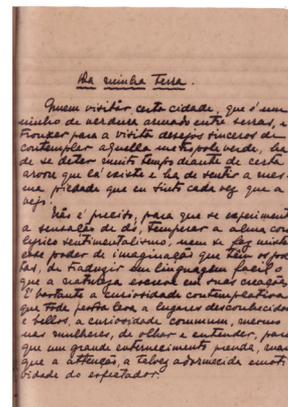
ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com aqueles que foram seus colaboradores, na época em que foi diretor do Sphan, tais como Carlos Drummond de Andrade, Ribeiro Couto, Lúcio Costa, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Luís Jardim, Augusto Meyer e Vinícius de Moraes.

DIMENSÃO: 1,28 m

NOTAS: acompanha acervo bibliográfico.



"Da minha terra",
de Rodrigo Melo Franco
de Andrade

Rodrigo Otávio Filho

RODRIGO OTÁVIO DE LANGGAARD MENESES FILHO nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 8 de outubro de 1892. Foi poeta, ensaísta e conferencista. Atuou como advogado. Diplomou-se em direito em 1914. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Fundou a *Revista Jurídica* juntamente com seu pai, o jurista e escritor Rodrigo Otávio. Como poeta, filiou-se à linha do penumbrismo, herdeiro do simbolismo, atuante no começo do século XX. Fez parte do grupo de colaboradores da revista *Fon Fon*, privando da amizade de Álvaro Moreyra. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 20 de abril de 1969.

SIGLA: ROF

PROCEDÊNCIA: doado por Laura Rodrigo Otávio, Stela Moutinho e Ruth Rodrigo Otávio a partir de 1972

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário sumário disponível na base de dados

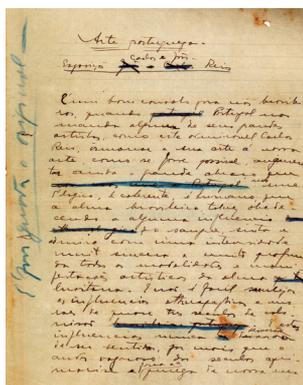
ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual do titular, produção intelectual de terceiros, documentos diversos, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Plínio Doyle; ensaio intitulado "Gonzaga Duque, crítico e poeta" e a biografia *Figuras do Império e da República*.

DIMENSÃO: 1,32 m

NOTAS: há documentos de Rodrigo Otávio Filho na Academia Brasileira de Letras.



Artigo "Arte portuguesa",
de Rodrigo Otávio Filho

Rosário Fusco

ROSÁRIO FUSCO nasceu em São Geraldo, município de Rio Branco, MG, em 1910. Diplomou-se em direito pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Foi poeta, romancista e teatrólogo. Fundou com José Spíndola Santos a livraria-editora Spíndola-Fusco e editou o periódico *Itinerário*. Participou da revista *Verde*, de Cataguases, juntamente com Ascânio Lopes e Guilhermino César. No Rio de Janeiro, para onde se mudou em 1932, atuou como publicitário, cronista de rádio, redator e crítico literário. Foi procurador do estado da Guanabara e adido cultural no Chile. A obra de Rosário Fusco é pioneira na dicção surrealista e na incursão pelo realismo fantástico, além de dar destaque ao erotismo, marcadamente no seu segundo romance, *Carta à noiva*, sucessor de *O agressor* (1943). Atualmente, a obra de Rosário Fusco vem sendo descoberta, principalmente pela associação com escritores do alto modernismo, como Kafka e Dostoiévski. Seus personagens são habitantes de um mundo desajustado, anárquico. Entre suas obras, destacam-se *Anel de Saturno* (1949, teatro) e o postumamente publicado *A.S.A.* (2000, romance). Faleceu em Cataguases, MG, em 17 de agosto de 1977.

SIGLA: RF

PROCEDÊNCIA: doado por François Fusco

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

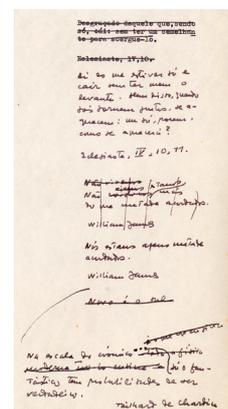
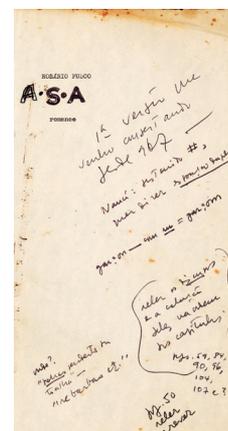
ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual do titular, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais e produção na imprensa.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Carlos Drummond de Andrade, Cyro do Anjos, Mário de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade; trecho manuscrito de *O agressor* e textos datilografados com correções manuscritas de *A.S.A.*

DIMENSÃO: 0,23 m

Guia do Acervo Arquivo-Museu de Literatura Brasileira



Primeira versão
do romance *A.S.A.*,
de Rosário Fusco



Rubem Braga

RUBEM BRAGA nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, ES, em 13 de janeiro de 1913. Foi advogado, jornalista e cronista. Iniciou a faculdade de direito no Rio de Janeiro, mas diplomou-se em Belo Horizonte, MG, em 1932. Participou, como repórter dos *Diários Associados*, da Revolução Constitucionalista, em Minas Gerais, quando conheceu Juscelino Kubitschek e Adhemar de Barros. Foi correspondente de guerra do *Diário Carioca*, na Itália. De volta ao Brasil morou em Recife, Porto Alegre e São Paulo, antes de vir definitivamente para o Rio de Janeiro, primeiro morando numa pensão do Catete, onde foi companheiro de Graciliano Ramos. Durante o Estado Novo, foi preso algumas vezes. Como escritor, Rubem Braga veio a se tornar reconhecido exclusivamente por meio de um único gênero, a crônica, gênero que recriou e ajudou a redefinir. Com Fernando Sabino e Otto Lara Resende, fundou, em 1968, a editora Sabiá, responsável pelo lançamento no Brasil de escritores, como Gabriel García Márquez, Pablo Neruda e Jorge Luis Borges. Sua crônica é poética, instalando no cotidiano a visão lírica do mundo e das coisas. É considerado um dos maiores cronistas brasileiros, tendo dado definitivamente um caráter literário à

crônica escrita no Brasil. Como jornalista, exerceu as funções de repórter, redator, editorialista e cronista em jornais e revistas do Rio, de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife. Foi correspondente do jornal *O Globo* em Paris, em 1947, e do *Correio da Manhã* em 1950. Exerceu chefia no Escritório Comercial do Brasil no Chile e foi embaixador no Marrocos. De sua extensa obra, destacam-se *Cem crônicas escolhidas* (1958), *Ai de ti, Copacabana* (1960) e *As boas coisas da vida* (1988). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 19 de dezembro de 1990.



Máquina de escrever que pertenceu a Rubem Braga

SIGLA: RB

PROCEDÊNCIA: doado por Yeda Miranda em 21 de julho de 1997

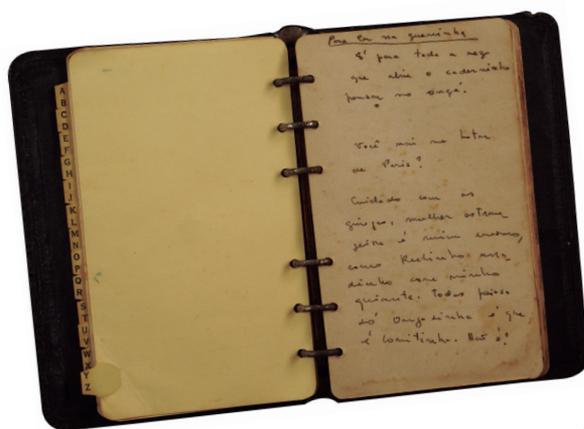
INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

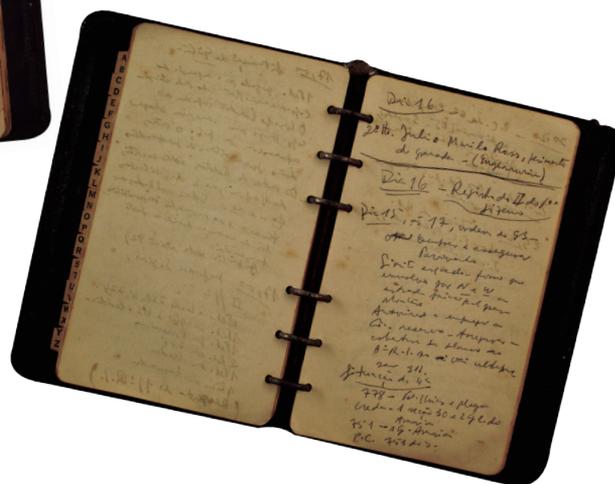
ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, documentos pessoais e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Mário Quintana, e crônicas publicadas em diversos periódicos, algumas com anotações e emendas.

DIMENSÃO: 6,72 m



Caderno de Rubem Braga



S - Z

Salvador de Mendonça

Sérgio Porto

Silveira Neto

Sílvio Meira

Sílvio Miraglia

Simões Lopes Neto

Trudi Landau

Stella Leonardos

Vasco Mariz

Tânia Serra

Vicente de Azevedo

Tasso da Silveira

Vinícius de Moraes

Tetrá de Tefé

Visconti Coaraci

Thiers Martins Moreira

Waldemar Cavalcanti

Tite de Lemos

Walmir Ayala

Walter Benevides

Wilson Martins



Salvador de Mendonça

SALVADOR DE MENESES DRUMMOND FURTADO DE MENDONÇA nasceu em Itaboraí, RJ, em 21 de julho de 1841. Foi poeta, romancista, contista, teatrólogo, tradutor e diplomata. Frequentou a Faculdade de Direito de São Paulo, tendo interrompido o curso em 1860, ao atravessar dificuldades financeiras. Exerceu atividade de professor e atuou na imprensa no Rio de Janeiro. Em 1867 voltou a São Paulo, formou-se em direito em 1869. Foi um dos redatores do Manifesto Republicano de 1870. Em 1875, ocupou, em Baltimore, o posto de cônsul privativo do Império, transferindo-se em seguida para Nova Iorque. Aposentou-se em 1911, quando já enfrentava problemas com a visão. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº 20, que tinha como patrono Joaquim Manuel de Macedo. Escreveu sob o pseudônimo Demophilo, Imparcial, Samuel Vernon, Tacitus. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 5 de dezembro de 1913.



"A rebelião no Brasil", de Salvador de Mendonça

SIGLA: SM

PROCEDÊNCIA: doado por Gilda Sussekind de Mendonça, a partir de 1974, com finalização em 11 de maio de 1981

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário sumário disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, produção intelectual, produção intelectual de terceiros e documentos pessoais.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Medeiros e Albuquerque, Mário de Alencar, Rui Barbosa e Lúcio de Mendonça, seu irmão, e os poemas "Manes tutelares", "Versos a Lúcio" e "O último porto".

DIMENSÃO: 0,8 m

NOTAS: há documentos de Salvador de Mendonça na Academia Brasileira de Letras.

Sérgio Porto

SÉRGIO MARCUS RANGEL PORTO nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 11 de janeiro de 1923. Foi cronista, humorista, teatrólogo, contista e ensaísta. Exerceu inúmeras atividades, como jornalista, radialista, telejornalista, compositor, crítico de música popular, roteirista, locutor, comentarista esportivo e ator. Ficou conhecido escrevendo sob o pseudônimo Stanislaw Ponte Preta. Entre suas obras estão: *A pequena história do jazz* (1953, ensaio), *O homem ao lado* (1958, crônica), *Tia Zulmira e eu* (1961, humor), *Primo Altamirando e elas* (1962, crônica), *As cariocas* (1967, contos), *O show do crioulo doido* (1968, teatro). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 30 de setembro de 1968.

SIGLA: SP

PROCEDÊNCIA: doado por Ângela Porto em 30 de janeiro de 1996

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Raul Fernandes Sobrinho, Luís Jardim, Gabriel Athos Pereira; crônicas e roteiros para programas de rádio.

DIMENSÃO: 0,50 m

Silveira Neto

SILVEIRA NETO nasceu em Morretes, PR, em 4 de janeiro de 1872. Pai de Tasso da Silveira, é tido como grande figura do simbolismo paranaense. Além de poesias, foi autor de estudos sobre o simbolismo. Ao seguir a corrente simbolista, Silveira Neto destacou-se por oferecer soluções diferentes do simbolismo de Cruz e Sousa, maior expressão dessa escola no Brasil. Publicou, em 1900, *Luar de inverno*, livro de poemas que lhe deu projeção. Escreveu ainda: *Brasília Itiberê* (1913), *Do Guairá aos Saltos do Iguaçu* (1914), *Ronda crepuscular* (1923), *Cruz e Sousa* (1924, ensaio) e *O bandeirante* (1927). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 19 de dezembro de 1942.

SIGLA: SN

PROCEDÊNCIA: doado por Andrade Muricy em 2 de dezembro de 1977

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, produção intelectual, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Dunshee de Abranches, Vitor E. do Amaral, Gonzaga Duque, Manuel Bandeira, Henriqueta Lisboa, Abgar Renault e Nestor Vítor.

DIMENSÃO: 0,27 m

NOTAS: o acervo foi organizado por Gilza Martins Saldanha da Gama, no âmbito de projeto desenvolvido com bolsa de recém-doutor do CNPq.



Sílvio Meira

SÍLVIO AUGUSTO DE BASTOS MEIRA nasceu em Belém, PA, em 14 de maio de 1919. Foi poeta, biógrafo, tradutor e ensaísta. Atuou como advogado e professor universitário. Foi membro da Academia Carioca de Letras, Academia de Letras do Pará, Academia de Letras de Alagoas, dentre outras entidades. Recebeu os prêmios Odorico Mendes, Alfredo Jurzikowski e a Medalha Machado de Assis. Destacou-se pelas traduções de Goethe e de Schiller para o português. Escreveu, entre outros livros, *O ouro do jamanxim* (1947, romance), *Os naufragos de Carnapiijó* (1977, romance) e *Os balateiros do Maicuru* (1984, romance). Faleceu em Londres, Inglaterra, em 31 de dezembro de 1995.

SIGLA: SMe

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries produção intelectual, produção intelectual de terceiros e documentos pessoais.

CONTEÚDO: destacam-se os artigos “O germanismo precursor de Tobias Barreto”, “A legislação romana do divórcio”, e traduções dos poetas de língua alemã.

DIMENSÃO: 0,46 m

Sílvio Miraglia

SÍLVIO MIRAGLIA nasceu em San Nicola Arcella, Itália, em 4 de março de 1900. Naturalizou-se brasileiro quando jovem. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi poeta, memorialista e ensaísta. Escreveu muitos trabalhos científicos e literários publicados em periódicos importantes de Belo Horizonte. Foi membro da Academia Mineira de Letras, Academia Mineira de Trovas, Academia Municipal de Letras, Academia Carioca de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Em 1976 recebeu o título de Fellow of International College of University of Georgetown. Em 1980 foi agraciado com a Medalha da Inconfidência. Faleceu em Belo Horizonte, MG, em 28 de maio de 1994.

SIGLA: SMi

PROCEDÊNCIA: doado pelo titular

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Cyro dos Anjos, Milton Campos, Gustavo Capanema e Abgar Renault.

DIMENSÃO: 0,37 m



Simões Lopes Neto

JOÃO SIMÕES LOPES NETO nasceu em Pelotas, RS, em 9 de março de 1865. Na juventude, estudou no Rio de Janeiro no Colégio Abílio, dirigido pelo Barão de Macaúbas, mais tarde retratado por Raul Pompéia como o Aristarco de *O ateneu*. No retorno ao sul, envolveu-se em diferentes iniciativas de comércio, porém tais iniciativas se mostraram infrutíferas, empobrecendo Simões Lopes Neto. A partir de 1895, manteve a coluna “Balas d’Estalo” no *Diário Popular* até 1913; em 1913-1914, sob o pseudônimo João do Sul, assinou as crônicas de “Inquéritos em Contraste” no periódico *A Opinião Pública*; de 1914 a 1915 dirigiu o *Correio Mercantil*; finalmente, em 1916, ano de sua morte, voltou-se para *A Opinião Pública* com a coluna “Temas Gastos”. Como escritor, Simões Lopes Neto tematizou a vida e a história do gaúcho. Sua obra publicada em vida é reduzida a quatro livros: *Cancioneiro guasca* (1910), *Contos gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913) e *Casos do Romualdo* (1914). Ao se publicar *Contos gauchescos e lendas do sul*, em 1949, organizado por Augusto Meyer, sua obra alcançou repercussão junto ao público e à crítica. Sua produção teatral, quase toda dedicada à comédia, foi pouco editada e era, assim como seus contos, produção circunstancial. Faleceu em Pelotas, RS, em 14 de junho de 1916.



SIGLA: SL

PROCEDÊNCIA: doação do Arquivo Central da Fundação Getúlio Vargas em 20 de novembro de 1987

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico a ser disponibilizado na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos suplementares.

CONTEÚDO: destaca-se o texto *Valsa branca*, escrito sob o pseudônimo Serafim Bemol.

DIMENSÃO: 0,36 m



Stella Leonardos

STELLA LEONARDOS DA SILVA LIMA CABASSA nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1º de agosto de 1923. Foi poetisa, ensaísta, teatróloga, tradutora e romancista. Ficou popularmente conhecida como autora de livros infantojuvenis. Formou-se em línguas neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde cedo se inclinou pelo movimento teatral, com o qual contribuiu com a peça em versos *Marabá* (1942), e em seguida teve sua peça *Palmares* encenada sob direção de Paschoal Carlos Magno. Escreveu textos poéticos para revistas musicais e participou como atriz das peças *Guisos e clarins* (1943), *Muiraquitã* (1944) e *Festa de vitória* (1945). A partir dos anos 1950, iniciou sua atividade como autora de peças infantis. Como poeta, escreveu *Amanhecência* (1974), considerado um cancionário luso-brasileiro por remeter ao trajeto poético da língua portuguesa desde o século XII. Ocupou diversos cargos, como secretária-geral da União Brasileira dos Escritores, seção do Rio de Janeiro; sócia titular do Pen Clube; membro da Sociedade Brasileira de Atores Teatrais; da Academia Carioca de Letras e da International Writers and Artists Association. Foi agraciada com diversos prêmios, entre os quais se destacam prêmios da Academia Brasileira de Letras: Coelho Neto (1945), Olavo Bilac (1957), Júlia Lopes de Almeida (1960), Odorico Mendes (1978), Monteiro Lobato (1979), João Ribeiro (1980), Roquete Pinto (1986), Artur Azevedo, (1987) e Coelho Neto (1994); da União Brasileira dos Escritores: Fernando Chinaglia (1970) e do Pen Clube: Luiza Cláudio de Sousa (1976).

SIGLA: SLe

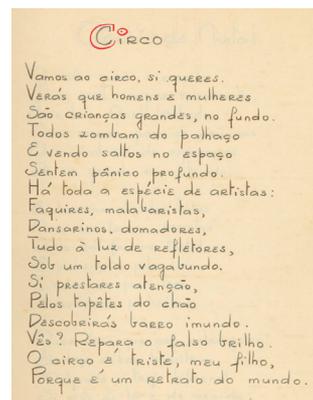
PROCEDÊNCIA: doado pela titular em 10 de agosto de 1985, e em 28 de fevereiro de 2008

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: não organizado

DIMENSÃO: 2,39 m

Guia do Acervo Arquivo-Museu de Literatura Brasileira



Poema "Circo",
de Stella Leonardos

Tânia Serra

TÂNIA REBELO COSTA SERRA nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 10 de janeiro de 1950. É ensaísta e crítica. É diplomada em Letras (1979), mestre (1982) e doutora em Literatura Brasileira (1992), atuando como professora universitária. Tem trabalhos dedicados ao romance-folhetim do Brasil, tendo publicado *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos* (1994) e a *Antologia do romance-folhetim brasileiro* (1997). Recebeu os prêmios Luiz Estevão da Cultura (1996), prêmio Crítica e Interpretação do concurso Alejandro José Cabassa da União Brasileira de Escritores (1996). É membro da Academia Brasiliense de Letras desde 1995.

SIGLA: TSs

PROCEDÊNCIA: doado pela titular do arquivo

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, documentos diversos, produção intelectual e produção na imprensa.

CONTEÚDO: destacam-se cópias de obras de Joaquim Manuel de Macedo publicadas na imprensa e o material resultante da pesquisa que a titular realizou sobre o romancista.

DIMENSÃO: 1,28 m

Tasso da Silveira

TASSO DA SILVEIRA nasceu em Curitiba, PR, em 11 de março de 1895. Filho do poeta simbolista Silveira Neto, acumulou, ao longo da vida, funções de jornalista, político, ensaísta e professor. Bacharelou-se em direito em 1918 pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, mesmo ano em que lançou seu primeiro livro de poemas, *Fio d'água*. A partir de então, envolveu-se com a administração de uma série de revistas literárias, como *Os Novos*, *Árvore Nova*, *Terra do Sol* e *América Latina*; porém, a publicação que mais repercutiu foi o mensário *Festa*, fundado em 1927 em parceria com o amigo Andrade Muricy, no qual o ideário espiritualista que há tanto cultivava ganhou expressão plena, reforçada pelas contribuições de autores, como Cecília Meireles e Adonias Filho. Nas páginas de *Festa*, Tasso polemizou aberta e ironicamente com Mário de Andrade e Alceu Amoroso Lima. Desde cedo associado a movimentos políticos ultraconservadores, Tasso foi integralista, tendo inclusive fundado, com Rui de Arruda, o periódico *Cadernos da Hora Presente*, após o desmantelamento da Frente Integralista Brasileira (FIB) pelo governo getulista. Nas décadas seguintes, lecionou literatura portuguesa na Universidade Católica e literatura brasileira na Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro; porém nunca abandonou a poesia, sendo até o fim da vida ferozmente coerente ao programa ético-estético de sua juventude. De sua extensa obra poética, destacam-se *As imagens acesas* (1928), *Contemplação do eterno* (1952) e *Puro canto* (1962). Foi agraciado com o prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra, em 1956. Faleceu em 3 de dezembro de 1968.



SIGLA: TS

PROCEDÊNCIA: doado por Andrade Muricy em 2 de dezembro de 1977

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico a ser disponibilizado na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, documentos pessoais e documentos diversos.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Cyro dos Anjos, Andrade Muricy, Abgar Renault e Érico Veríssimo.

DIMENSÃO: 1,10 m

NOTAS: o acervo foi organizado por Gilza Martins Saldanha da Gama, no âmbito de projeto desenvolvido com bolsa de recém-doutor do CNPq.



Tetrá de Tefé

TETRASINI DE ALMEIDA NOBRE TEFÉ nasceu em São Paulo, SP, e vive no Rio de Janeiro. Foi colaboradora constante de periódicos, destacadamente a revista *Dom Casmurro*. Foi romancista de sucesso junto ao público na primeira metade do século XX. Dedicou-se aos estudos de filosofia. Era irmã de Ibraim Nobre, destacado político paulista, exilado pela ditadura Vargas. Sua estreia se deu com o romance *Bati à porta da vida*, premiado pela Academia Brasileira de Letras, em 1944. Outras de suas obras são: *Palco giratório* (1937, romance), *Destinos de um destino* (1945) e *Barão de Tefé, militar e cientista* (1977, biografia).

SIGLA: TT

PROCEDÊNCIA: doado pela titular do arquivo em 22 maio de 1985, e complementado por Sérgio Celso da Silva em 7 de dezembro de 1995

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

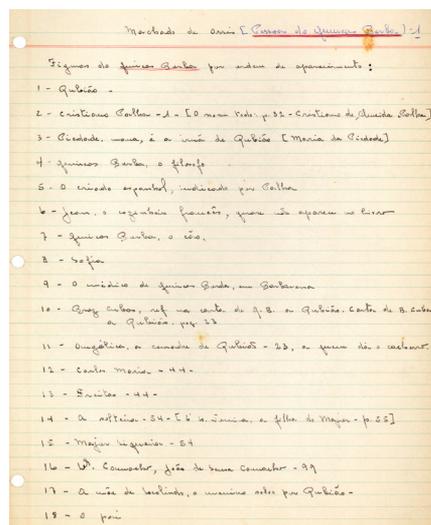
ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com o Barão de Tefé, Adhemar de Barros e Pedro Nava; notas para biografia do Barão de Tefé e caderno de pensamentos.

DIMENSÃO: 0,58 m

Thiers Martins Moreira

THIERS MARTINS MOREIRA nasceu em Campos, RJ, em 16 de dezembro de 1904. Filho de Antônio Moreira da Silva e Teresa Martins Moreira, fez seus estudos elementares na cidade natal e diplomou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade Nacional de Direito (1932). Em 1947 obteve o título de doutor em letras neolatinas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Foi criador e diretor do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa. Integrou diversas comissões examinadoras de concursos em universidades e no Itamarati. No Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, promoveu a elaboração e publicação de obras jurídicas e literárias, como as *Obras completas de Casimiro de Abreu*, *Obra crítica de Araripe Júnior*, *Dicionário de fatos gramaticais*, *Livro de Vita Christi*, *Bibliografia constitucional brasileira*, *Pensamentos e máximas do Marquês de Maricá* e *Mandado de segurança e sua jurisprudência*. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 19 de maio de 1970.



Anotação para estudo sobre
Machado de Assis,
de Thiers Martins Moreira

SIGLA: TM

PROCEDÊNCIA: doado por Rosita Martins Moreira em dezembro de 1972

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico publicado em papel e na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Carlos Drummond de Andrade, San Tiago Dantas, Luís da Câmara Cascudo, Celso Cunha, Octávio de Faria, e documentos relativos à criação do Instituto de Cultura Brasileira na Universidade de Lisboa, à sua participação no desmembramento da Faculdade Nacional de Filosofia e consequente criação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e à sua campanha quando candidato à vaga de Gilberto Amado na Academia Brasileira de Letras. Sua produção intelectual é bastante completa e fornece subsídios suficientes para delimitar as áreas por ele estudadas, contendo biografia, estudos críticos, conferências e artigos.

DIMENSÃO: 1 m

Tite de Lemos

NEWTON LISBOA LEMOS FILHO nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de fevereiro de 1942. Publicou seus primeiros livros de poesia, *Marcas do Zorro* e *Corcovado Park*, em 1979. Em 1970, escreveu em parceria com Guarabira, Luiz Carlos Maciel, Sidney Miller, Paulo Affonso Grisolli e Marcos Flaksman o musical *Alice no país divino-maravilhoso*, que contou com participação de Sueli Costa, cantora e compositora, que viria a se tornar sua parceria musical mais constante. Ainda no início da década de 1970, juntamente com Luiz Carlos Maciel, Torquato Neto e Rogério Duarte, foi editor da revista literária *Flor do Mal*, periódico que divulgou a produção literária dos jovens poetas e demais artistas situados entre o pós-tropicalismo e a geração marginal, sufocados pela ditadura implantada a partir de 1968. No final dos anos 1970 foram encenadas peças de sua autoria. Na música, ficou conhecido como parceiro de Lisieux Costa, irmã de Sueli Costa, e também de Sérgio Sarraceni em várias composições. Trabalhou como jornalista, tendo sido redator e cronista do jornal *O Globo*. Como poeta, produziu a combinação única entre a experimentação gráfica e o lirismo coloquial, direto e elíptico, na vertente de Oswald de Andrade. Emprestou ao soneto a sua habilidade com o verso. Dessa experiência com a forma fixa vieram o *Caderno de sonetos* (1988), e, em 1989, deu-se a publicação de *Outros sonetos do caderno*. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 17 de junho de 1989.

A última vez que vi Veneza...

... vale dizer, em nenhuma data, jamais tendo este redator líf posto os pés, ela, como o Rio de Janeiro de Gilberto Gil nos crepusculares '60, continuava linda. Mais (ou menos?) que linda. Mágica, desafiadora, carregada de pathos dramático, úmida, afrodisíaca.

Podemos ficar aqui dias tirando adjetivos de sacola mas isto não ia resolver o problema. Permaneceria o impasse: "Você não estava líf quando o Doge Domenico Contarini providenciava a reconstrução da Basílica de São Marcos, ali pela oitava década do século-primeiro século?" ^{com a presença de Veneza} ~~fantasma~~ ^{cancelada}

Seu capricho do make-up para ~~o carnaval~~ ^{o carnaval} ~~em~~ ^{em} ~~um~~ ^{um} ~~certo~~ ^{certo} ~~momento~~ ^{momento} dos fulgurantes quinhentos. Também não testemunhou a fuga espetacular de Giacomo Casanova, então um aguil geto de 31 verões, pela Ponte dos Suspiros. Quase 220 anos depois Julie Christie desfilou pelo Grande Canal num daqueles motoscáfis com seus olhos azuis belos mas momentaneamente assustados, ou pesarosos. Você ~~entregando~~ ^{entregando} tanto não pôde ser localizado nas imediações. Portanto não ~~pode~~ ^{pode} de ~~la~~ ^{la} visto passar. Logo..."

Certo. Não tenho mesmo ^{como} comprovar idoneidade no assunto mas tampouco pretendo desorientar o eventual cliente - leitor, ~~peço~~ ^{peço} so, no caso - que haja chegado até aqui. A proposta é "o mais bonito guia de turismo convinda-os a um passeio por lugares ~~num~~ ^{num} ~~ca~~ ^{ca} ~~antes~~ ^{antes} ~~vistos~~ ^{vistos} ~~em~~ ^{em} ~~um~~ ^{um} ~~outro~~ ^{outro} ~~momento~~ ^{momento} ~~de~~ ^{de} ~~seu~~ ^{seu} ~~visitar~~ ^{visitar} ~~o~~ ^o ~~lugar~~ ^{lugar}".

- Há algo curioso - começaria posposamente ele, o tal guia

O GLOBO	REPÓRTER	DATA	LANÇA
RETRANCA	REDACTOR	7/7	15
CORPO	Obs.	Atuação de Veneza	
MEIDDA			

COMANDO

1 O "carisma" de Veneza.
2 "comparação" c/ Florença,
3 Símbola etc. (Haverá mesmo
4 quem, os pés, com sua harmonia
5 temporal, em sua
6 "Linda Veneza do século
7 carnavais".

8 A última vez que vi Veneza...
9 (ou seja) nenhuma data, jamais
10 ... como ~~em~~ ^{em} ~~um~~ ^{um} ~~certo~~ ^{certo} ~~momento~~ ^{momento}
11 "lá estive" ^{Assim não houve uma}
12 primeira

13 ~~Seu capricho do make-up para~~
14 ~~o carnaval~~ ^{o carnaval} ~~em~~ ^{em} ~~um~~ ^{um} ~~certo~~ ^{certo} ~~momento~~ ^{momento}
15 dos fulgurantes quinhentos.
16 Também não testemunhou a fuga espetacular de
17 Giacomo Casanova, então um aguil geto de 31 verões,
18 pela Ponte dos Suspiros. Quase 220 anos depois Julie
19 Christie desfilou pelo Grande Canal num daqueles
20 motoscáfis com seus olhos azuis belos mas
21 momentaneamente assustados, ou pesarosos. Você
22 entregando tanto não pôde ser localizado nas imediações.
23 Portanto não pode de la visto passar. Logo..."

24 Certo. Não tenho mesmo ^{como} comprovar idoneidade no assunto mas
25 tampouco pretendo desorientar o eventual cliente - leitor, ~~peço~~ ^{peço}
26 so, no caso - que haja chegado até aqui. A proposta é "o mais bonito
27 guia de turismo convinda-os a um passeio por lugares ~~num~~ ^{num}
28 ca antes vistos ~~em~~ ^{em} ~~um~~ ^{um} ~~outro~~ ^{outro} ~~momento~~ ^{momento} ~~de~~ ^{de} ~~seu~~ ^{seu} ~~visitar~~ ^{visitar} ~~o~~ ^o ~~lugar~~ ^{lugar}".

29 - Há algo curioso - começaria posposamente ele, o tal guia

"A última vez que vi Veneza...", de Tite de Lemos

SIGLA: TL

PROCEDÊNCIA: doado por Tomás Mariani Lemos e Lívia Lemos em 2002

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos fílmicos e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Fauzi Arap, Lisieux Costa, Nélide Piñon; os originais de *Bella Donna*, *Corcovado Park* e a música "Medo de amar 2", esta em coautoria com Sueli Costa.

DIMENSÃO: 1,70 m

NOTAS: o acervo foi organizado no âmbito de projeto desenvolvido com financiamento dos filhos do titular, Lívia e Tomás Lemos.

Trudi Landau

GERTRUD JOSEPH LANDAU, conhecida como Trudi Landau, nasceu em Colônia, Alemanha, em 2 de maio de 1920. Filha de família judia, Trudi emigrou com a família para diversos países até chegar ao Brasil em 1946, já casada com Jean Landau. Profissionalizou-se como secretária multi-língue e se tornou conhecida durante a ditadura militar no Brasil, quando iniciou-se como escritora enviando cartas contestatórias ao regime para os jornais. Chegou a assinar coluna no jornal *Notícias Populares* e tornou-se cronista. Em 1981, saiu um volume reunindo suas crônicas de 1975 a 1980, *Crônicas do meu tempo*. Em 1986, publicou *O que faltava contar/Vlado Herzog*, espécie de dossiê sobre o caso do jornalista Wladimir Herzog, assassinado durante o regime militar.

SIGLA: TLa

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal e documentos sonoros.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Carlos Drummond de Andrade.

DIMENSÃO: 0,23 m

Vasco Mariz

VASCO MARIZ nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de janeiro de 1921. É advogado, ensaísta, diplomata e musicólogo. Formou-se em direito em 1943 e entrou para a carreira diplomática em 1945, após concurso para o DASP. Na carreira diplomática, serviu em Portugal, na Iugoslávia, na Argentina, Itália, entre outros postos. É membro de inúmeras instituições, entre elas a Academia Brasileira de Música, o Instituto Histórico e Geográfico, o Pen Clube do Brasil e a Academia Brasileira de Arte. Recebeu sua formação musical no Conservatório Brasileiro de Música. Dedicou-se à musicologia, tendo publicado obras importantes, como o *Dicionário biográfico musical*, *A canção brasileira* e *História da música no Brasil*. Publicou a primeira biografia sobre Villa-Lobos em 1949. Conciliou a carreira de diplomata com a de cantor, apresentando-se em recitais até o início dos anos 1950. Recebeu o prêmio José Veríssimo, da ABL, em 1983. Destacam-se, entre suas obras: *Figuras da música brasileira contemporânea* (1948), *A canção de câmara no Brasil* (1948, ensaio), *Heitor Villa-Lobos, compositor brasileiro* (1949, ensaio), *Quem é quem nas artes e nas letras no Brasil* (1966, antologia organizada com outros). É coautor de *Antônio Houaiss, uma vida* (1995).

SIGLA: VMz

PROCEDÊNCIA: doação

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries produção intelectual e produção intelectual de terceiros.

CONTEÚDO: destacam-se originais datilografados da introdução ao livro *Ribeiro Couto, o contista, o romancista e o cronista*, e o livro *Cancioneiro do ausente*, de Ribeiro Couto, traduzido para o servo-croata.

DIMENSÃO: 0,24 m

Vicente Azevedo

VICENTE DE PAULO VICENTE DE AZEVEDO nasceu em São Paulo, SP, em 10 de outubro de 1895. Foi biógrafo e ensaísta. Atuou como advogado, professor, e foi membro da Academia Paulista de Letras. Escreveu sob os pseudônimos Clodomiro Olivais de Santarém, Gil Vicente e Gonçalo Telha. Publicou obra sobre os poetas Fagundes Varela, *A vida atormentada de Fagundes Varela*, e Álvares de Azevedo, *O noivo da morte*. Faleceu em São Paulo, SP, em 9 de janeiro de 1979.

SIGLA: VA

PROCEDÊNCIA: doado pelo titular do arquivo e Adriano Júlio de Barroso

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico disponível na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

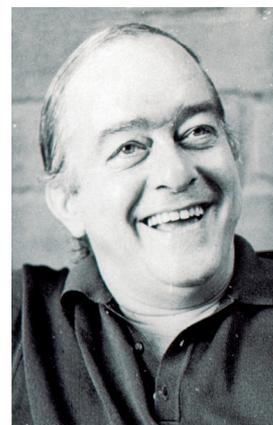
ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual e documentos diversos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Magalhães de Azevedo, e originais das biografias *Almeida Júnior: o romance do pintor* e *Álvares de Azevedo desvendado*.

DIMENSÃO: 0,14 m

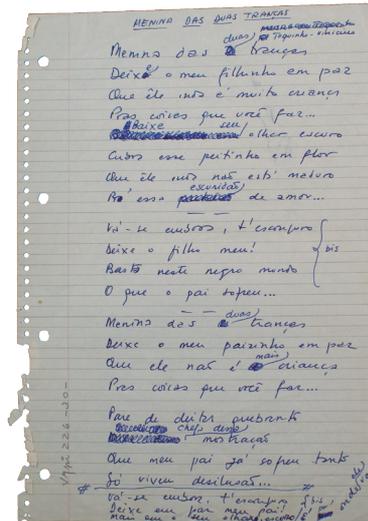
Vinícius de Moraes

MARCOS VINÍCIUS DE MELLO MORAES nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 19 de outubro de 1913. Filho de Lúcia Cruz de Moraes e Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, foi poeta e compositor de música popular e atuou como diplomata até 1969, quando foi exonerado. Entre a infância e a adolescência, a música o acompanhou no colégio e nas missas de domingo, nas quais cantava. Mais tarde conheceu e tornou-se amigo dos irmãos Paulo e Haroldo Tapajós, com os quais começou a compor. Nos anos 1930, entrou para a faculdade de direito e integrou o grupo Caju, quando conhece Octávio de Faria, San Thiago Dantas, Thiers Martins Moreira, Antônio Galloti, Gilson Amado, Plínio Doyle, entre outros intelectuais. Estimulado por Octávio de Faria, publicou seu primeiro livro, *O caminho para a distância*, aos 19 anos. Em 1935, publicou *Forma e exegese*, vencedor do prêmio Felipe d'Oliveira. Em 1936, conheceu Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. A partir dos anos 1940, foi colaborador do jornal *A Manhã*, como crítico de cinema, e do *Suplemento Literário*, ao lado de Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Afonso Arinos de Melo Franco, sob a orientação de Múcio Leão e Cassiano Ricardo. Durante estada em Recife, conheceu o poeta João Cabral de Melo Neto, de quem se tornaria, depois, grande amigo. Embora bem cedo se manifestasse o talento musical, o sucesso só chegaria na época da bossa-nova, com a parceira de Tom Jobim e de outros músicos ligados ao movimento. Em 1959, o filme *Orfeu negro*, adaptação da peça escrita por Vinícius de Moraes, conquistou a Palma de Ouro em Cannes. Os críticos costumam dividir a carreira poética de Vinícius de Moraes em duas fases principais: a de sentido místico e lírico sublimado, de matiz rilkeana, e a mais sensual, de linguagem mais simples, que o iria levar naturalmente às composições populares. De sua obra, alguns títulos são *Ariana, a*

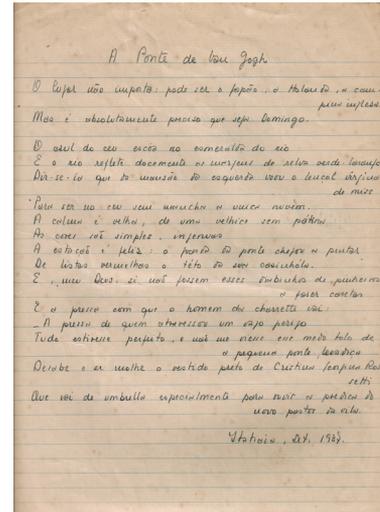


Fotografia de
Vinícius de Moraes

mulher (1936, poemas), *Livro de sonetos* (1957, poemas), *Para viver um grande amor* (1962, crônicas e poemas) e *Orfeu da Conceição* (1954, peça teatral). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 9 de julho de 1980.



Poema "Menina das duas tranças", de Vinícius de Moraes



Poema "A ponte de Van Gogh", de Vinícius de Moraes

SIGLA: VM

PROCEDÊNCIA: doado por familiares, em 1986 e 1990, e pela VM Produções em 2006

INSTRUMENTO DE PESQUISA: inventário analítico publicado em papel e na base de dados

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: organizado

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência familiar, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, produção intelectual não identificada, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa, documentos iconográficos e documentos complementares.

CONTEÚDO: destaca-se, no primeiro arquivo Vinícius de Moraes, correspondência mantida com Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Lúcio

Cardoso, Murilo Mendes, Octávio de Faria, Di Cavalcanti, Tom Jobim, Baden Powell, Carlos Lira e Antônio Maria, de amigos estrangeiros, como Gabriela Mistral, Pablo Neruda e Waldo Frank. Deve-se mencionar também uma carta de Charles Chaplin e outra de Orson Welles. No arquivo Vinícius de Moraes 2, tem destaque correspondência mantida com Abgar Renault, Affonso Romano Sant'anna, Antônio Maria, Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Lira, Carlos Scliar, Cinara e Civa (Quarteto em Cy), Danuza Leão, Edu Lobo, Stella Leonardos, Lygia Fagundes Telles, Maria Bethânia, Norma Benguell, Otto Lara Resende, Roberto Marinho, Rubem Braga, Silvia Pederneiras Houli, Walmir Ayala, Ciccillo Matarazzo e Marcel Camus. Há ainda, nos dois arquivos, correspondência mantida com editoras, assim como solicitações de trabalhos esparsos e de traduções. No arquivo VM2, destaca-se correspondência mantida com as irmãs Lígia e Leticia, com sua mãe, Lídia, e suas filhas Susana, Georgiana e Luciana. Constam, de sua produção intelectual, artigos, conferências, discursos, relatórios, saudações, entrevistas, letras de música, partituras, poesia, prosa, tradução, cinema, show e teatro, entre outros documentos. Na produção intelectual de terceiros do primeiro arquivo, destacam-se trabalhos de Manuel Bandeira, Rubem Braga, Cacaso, Alberto Cavalcanti, Chico Buarque de Holanda, João Cabral de Melo Neto e poesias do seu pai, Clodoaldo de Moraes. No arquivo VM2, há trabalhos de Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Billy Blanco, Manuel Bandeira, Chicho del Castillo, Pablo Del Barco, Alberto Dominguez, Charles Edward Eaton, Norman Gimbel, Ralph E. Greene, Antônio Carlos Jobim, Joaquim Manuel Macedo, Antônio Maria, João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes, Lupicínio Rodrigues, Cláudio Santoro, Augusto Frederico Schmidt, Lygia Fagundes Telles, Bastos Tigre e Francisco de Assis Vilela Neto. A série documentos pessoais nos dois arquivos reúne carteiras, cartões, certidões, contratos, declarações, procurações, atestados e autorizações. Em documentos diversos encontram-se folhetos, caderno de anotações, cartões de visita, convites e documentos importantes para o estabelecimento da história do cinema no Brasil, destacando-se um dossiê bastante complexo sobre a criação do Instituto Nacional do Cinema, além de relatórios sobre os festivais internacionais e atas das reuniões do primeiro festival de cinema ocorrido no país; no arquivo VM2, encontram-se borde-



rôs, convites, relatórios referentes a despesas com shows, reembolso de passagens; planilhas de pagamento de direito autoral e recibos. Há ainda, nos documentos diversos do primeiro arquivo, documentos diplomáticos, bem como documentos sobre a regulamentação da questão de direitos autorais no Brasil. A série produção na imprensa do primeiro arquivo abriga recortes de jornais ordenados cronologicamente; em VM2, destacam-se recortes de jornais ordenados cronologicamente (*El Día, Jornal dos Sports, La Segunda, Folha de S. Paulo, La Época, Última Hora, A Manhã, Diário Carioca, O Globo e A Noite*) e de revistas (*Veja, Veja Rio e Contigo*), abrangendo o período de 1926 a 2005. A série documentação complementar do arquivo VM2 é constituída de documentos recebidos pelos familiares após a morte do titular. Na série documentos iconográficos de VM2, merecem destaque fotografias, negativos, slides, desenhos feitos pelo titular do acervo na época escolar e um desenho do figurino de *Orfeu da Conceição*, feito por Carlos Scliar.

DIMENSÃO: 6,78 m

NOTAS: acompanha acervo museológico e bibliográfico. O acervo foi organizado no âmbito de projeto financiado pelo CNPq e pela família do titular.



Visconti Coaraci

JOSÉ ALVES VISCONTI COARACI nasceu em Niterói, RJ, em 21 de novembro de 1837. Foi romancista, contista, teatrólogo e jornalista. Era funcionário aposentado da Secretaria da Guerra, cavaleiro da Ordem de Cristo e membro do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro. Escreveu sob os pseudônimos D. Fuas, Gryphus, Sphynx, Tan-Tan e V. Cy. Faleceu em 21 de novembro de 1892.

SIGLA: VCy

PROCEDÊNCIA: doado por Ada Maria Coaraci em 14 de março de 1996

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal e produção intelectual.

DIMENSÃO: 0,30 m

Waldemar Cavalcanti

WALDEMAR CAVALCANTI nasceu em Maceió, AL, em 29 de março de 1912. Atuou como jornalista, crítico, funcionário do IBGE, membro de diversas agremiações culturais, organizador, em 1924, da Semana da Arte Moderna em Maceió. Em 1978 obteve o prêmio Estácio de Sá de Literatura. Escreveu sob os pseudônimos Ernani de Lamare, José Maria Assunção e M. Fragoso. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 19 de junho de 1982.

SIGLA: WCa

PROCEDÊNCIA: doado por Sérgio Cavalcanti

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, documentos pessoais, produção intelectual e produção na imprensa.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Raul Antelo, Mário da Silva Brito e Manuel Bandeira; textos diversos (depoimentos, conferências, artigos) sobre José Lins do Rego e originais datilografados com emendas do livro de poemas *A canção de Dixie*, de Ademar Vidal.

DIMENSÃO: 1,65 m

Walmir Ayala

WALMIR FÉLIX AYALA nasceu em Porto Alegre, RS, em 1933. Coursou a Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1956, depois da publicação de seu primeiro livro, *Face dispersa*. Colaborou em revistas e jornais literários. Teve atuação importante no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, no período compreendido entre 1956 e 1961. Dedicou-se a vários gêneros literários, como poesia, ficção, teatro e literatura infantil. Foi titular de colunas de crítica de artes plásticas no *Jornal do Brasil*, *Última Hora* e *O Dia*. Foi redator e produtor da Rádio Ministério da Educação e Cultura. Sua poesia descende do lirismo de Cecília Meireles, contudo Ayala constituiu gradativamente uma voz singular na poesia brasileira, ao investir na busca de metáforas perfeitas para aspectos da existência ao mesmo tempo em que se alinhou ao lirismo mais erudito. Como romancista e contista, uniu certo lirismo poético a temas delicados, como o erotismo, o pecado e a religiosidade. Entre suas principais obras, encontram-se *O edifício e o verbo* (1961, poesia), *Difícil é o reino* (1962, diário), *À beira do corpo* (1964, romance), *Cantata* (1966, poesia), *A fuga do arcanjo* (1976, diário), *Estado de choque* (1980, poesia). Deixou ainda obras inéditas que vêm sendo publicadas após a sua morte. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de agosto de 1991.



Caneta que pertenceu a Walmir Ayala

SIGLA: WA

PROCEDÊNCIA: doado por André Seffrin em 17 de janeiro de 1996

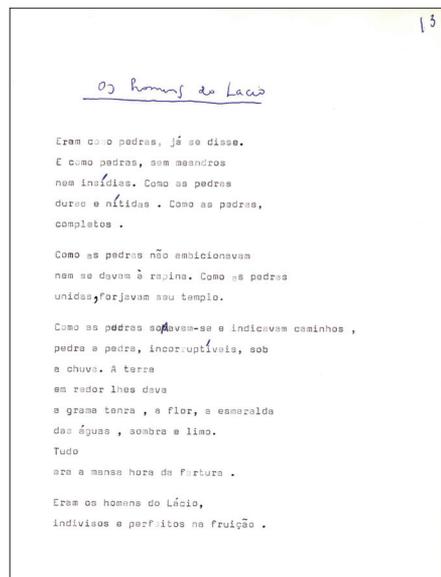
INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

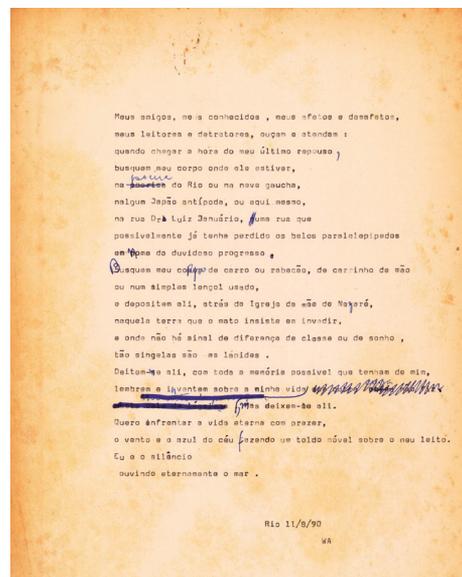
ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual e produção na imprensa.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Wilson Bueno, Plínio Doyle, Maria Helena Cardoso, e originais datilografados com emendas de artigos sobre artes em geral, além de livros inéditos.

DIMENSÃO: 11,70 m



Poema "Os homens do Lácio",
de Walmir Ayala



Poema de Walmir Ayala



Walter Benevides

WALTER CORREIA DE SÁ E BENEVIDES nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 4 de setembro de 1908. Foi médico, professor universitário, poeta, ensaísta, ficcionista, memorialista e crítico. Dedicou-se à literatura, já a partir de 1924, na seção “Ficção e Crítica” da *Revista Sousa Cruz*, a convite de Murilo Araújo. Com Marques Rebelo editou o jornal literário *O Atlântico*. Em meados dos anos 1930 publicou o livro *Poemas concêntricos* com desenhos originais de Cândido Portinari. Era membro do Pen Clube do Brasil. Entre suas obras estão: *Raul de Leoni no cinquentenário da luz mediterrânea* (1973, ensaio), *Rilke ou a convivência com a morte e outros ensaios* (1976, ensaio) e *Visitas de médico* (1978, memória). Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 20 de janeiro de 1981.

SIGLA: WB

PROCEDÊNCIA: doado por Elza Corrêa de Sá e Benevides em 25 de novembro de 1981

INSTRUMENTO DE PESQUISA: não possui

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos, produção na imprensa e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destacam-se correspondência mantida com Rubem Braga, Mário da Silva Brito, Antônio Fernando de Bulhões Carvalho; original datilografado de uma autobiografia, além de muitos artigos sobre medicina.

DIMENSÃO: 0,68 m

Wilson Martins

WILSON MARTINS nasceu em São Paulo, SP, em 3 de março de 1921. Era diplomado em direito (1943) pela Faculdade de Direito da Universidade do Paraná. Após receber bolsa de estudos do governo francês, passou uma temporada em Paris entre 1947 e 1948 e especializou-se em literatura. Em 1952 iniciou a carreira de professor na Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná e, a partir de 1954, colaborou na grande imprensa, escrevendo para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Em 1978 passou a escrever sobre literatura no *Jornal do Brasil*. Wilson Martins é representante da atividade crítica exercida nos jornais, também conhecida como rodapé literário. De 1965 a 1991 lecionou nos Estados Unidos, na cadeira de literatura brasileira da Universidade de Nova York. Três anos depois voltou a viver em Curitiba. Em 1995 transferiu sua coluna semanal para *O Globo*, mas retomou, em 2005, o trabalho de quase 20 anos de colaboração no *Jornal do Brasil*, no caderno “Ideias”. Sua obra mais ambiciosa é *História da inteligência brasileira*, em 7 volumes. Foi membro do Pen Clube do Brasil e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Recebeu o prêmio Jabuti por duas vezes e o José Ermírio de Moraes da Academia Brasileira de Letras. Faleceu em Curitiba, PR, em 30 de janeiro de 2010.



SIGLA: WM

PROCEDÊNCIA: doado pelo titular do arquivo a partir de 1974

INSTRUMENTO DE PESQUISA: relação sumária de documentos

ESTÁGIO DE TRATAMENTO: documentos identificados sumariamente

ARRANJO: distribuição nas séries correspondência pessoal, correspondência de terceiros, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, documentos diversos e documentos iconográficos.

CONTEÚDO: destaca-se correspondência mantida com Antônio Soares Amora, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Assis Brasil e Luís da Câmara Cascudo.

DIMENSÃO: 2,19 m





Índice dos
titulares
de acervos





Índice dos titulares de acervos

Nota: com o intuito de facilitar a busca aos titulares de acervo, dispomos uma primeira listagem de autores pelos prenomes e sobrenomes consagrados. Em seguida, encontra-se a listagem de autores por sobrenome.

A

<i>Abgar Renault</i>	19
<i>Adalgisa Nery</i>	21
<i>Afonso Arinos</i>	23
<i>Afonso Pena Junior</i>	25
<i>Agripino Grieco</i>	26
<i>Alberto Faria</i>	27
<i>Álvaro Moreyra</i>	29
<i>Andrade Muricy</i>	30
<i>Antônio Callado</i>	32
<i>Antonio Carlos Villaça</i>	34
<i>Antônio Fraga</i>	36
<i>Antônio Sales</i>	38
<i>Aprígio dos Anjos</i>	40
<i>Ary Quintella</i>	41
<i>Augusto Meyer</i>	42

B

<i>Barreto Leite Filho</i>	47
<i>Bastos Tigre</i>	48
<i>Bezerra de Menezes</i>	49
<i>Bráulio Pedroso</i>	50

C

<i>Cacaso</i>	51
<i>Caio Fernando Abreu</i>	53

<i>Carlos Castello Branco</i>	55
<i>Carlos Drummond de Andrade</i>	57
<i>Carlos de Laet</i>	60
<i>Carlos Mundi</i>	62
<i>Clarice Lispector</i>	63
<i>Corina Coaraci</i>	66
<i>Cornélio Penna</i>	68
<i>Cruz e Sousa</i>	70
<i>Cyro dos Anjos</i>	72

D

<i>Dalcídio Jurandir</i>	74
<i>Dunshee de Abranches</i>	76

E

<i>Edilberto Coutinho</i>	79
<i>Eugênia Álvaro Moreyra</i>	80

F

<i>Fausto Wolff</i>	81
<i>Fernando Lobo</i>	82
<i>Fernando Py</i>	83
<i>Fernando Sabino</i>	84
<i>Francisco Bittencourt</i>	86
<i>Francisco Inácio Peixoto</i>	87

G

<i>Genolino Amado</i>	88
<i>Gilberto Amado</i>	90
<i>Gonzaga Duque</i>	91
<i>Graça Aranha</i>	93
<i>Guilherme Figueiredo</i>	95

H

<i>Heitor Modesto</i>	96
<i>Hélio Pellegrino</i>	97
<i>Homero Homem</i>	99

I

<i>Isabel do Prado</i>	100
------------------------	-----

J

<i>João Cabral de Melo Neto</i>	101
<i>João Lyra Filho</i>	104
<i>Joaquim Inojosa</i>	105
<i>Joaquim Pedro de Andrade</i>	106
<i>Jorge de Lima</i>	107
<i>José de Alencar</i>	109
<i>José de Araújo Vieira</i>	111
<i>José Galante de Sousa</i>	112
<i>José Geraldo Vieira</i>	113
<i>Judith Grossmann</i>	115
<i>Julieta de Godoy Ladeira</i>	116

L

<i>Leme Lopes</i>	119
<i>Leon Eliachar</i>	120
<i>Livraria José Olympio</i>	121
<i>Lúcio Cardoso</i>	123
<i>Lúcio de Mendonça</i>	125
<i>Luís Camillo de Oliveira Netto</i>	127
<i>Luís Jardim</i>	129
<i>Luís Martins</i>	130
<i>Luís Viana Filho</i>	132

M

<i>Manuel Bandeira</i>	133
<i>Maria Clara Machado</i>	135
<i>Maria Helena Cardoso</i>	137
<i>Maria Isabel Ferreira</i>	138
<i>Maria Jacintha</i>	139
<i>Maria José de Queirós</i>	141
<i>Maria Julieta Drummond</i>	
<i>de Andrade</i>	142
<i>Marly Medalha</i>	143
<i>Marques Rebelo</i>	144
<i>Melo Nóbrega</i>	146
<i>Mendes Fradique</i>	147
<i>Moacyr Félix</i>	148
<i>Murilo Araújo</i>	149
<i>Murilo Mendes</i>	150
<i>Murilo Miranda</i>	152

N

<i>Nestor Vitor</i>	155
<i>Nilo Bruzzi</i>	157

O

<i>Olga Savary</i>	158
<i>Olympio Monat</i>	159
<i>Osman Lins</i>	160
<i>Otto Maria Carpeaux</i>	162

P

<i>Paula Freitas</i>	164
<i>Paulo Rangel</i>	165
<i>Pedro Nava</i>	166
<i>Peregrino Júnior</i>	168
<i>Péricles Madureira de Pinho</i>	169
<i>Plínio Doyle</i>	170
<i>Povina Cavalcanti</i>	172
<i>Prudente de Moraes Neto</i>	173

R

<i>Raimundo Magalhães Júnior</i>	174
<i>Raul Lima</i>	176
<i>Renato Almeida</i>	177
<i>Ribeiro Couto</i>	178
<i>Rodrigo Melo Franco</i>	180
<i>Rodrigo Otávio Filho</i>	181
<i>Rosário Fusco</i>	182
<i>Rubem Braga</i>	183

S

<i>Salvador de Mendonça</i>	187
<i>Sérgio Porto</i>	188
<i>Silveira Neto</i>	189
<i>Sílvio Meira</i>	190
<i>Sílvio Miraglia</i>	191
<i>Simões Lopes Neto</i>	192
<i>Stella Leonardos</i>	194

T

<i>Tânia Serra</i>	195
<i>Tasso da Silveira</i>	196
<i>Tetrá de Tefé</i>	198
<i>Thiers Martins Moreira</i>	199
<i>Tite de Lemos</i>	201
<i>Trudi Landau</i>	203

V

<i>Vasco Mariz</i>	204
<i>Vicente de Azevedo</i>	205
<i>Vinícius de Moraes</i>	206
<i>Visconti Coaraci</i>	210

W

<i>Waldemar Cavalcanti</i>	211
<i>Walmir Ayala</i>	212
<i>Walter Benevides</i>	214
<i>Wilson Martins</i>	215

Índice dos titulares por sobrenome

A

<i>Abranches, Dunshee de</i>	76
<i>Abreu, Caio Fernando</i>	53
<i>Alencar, José de</i>	109
<i>Almeida, Renato</i>	177
<i>Amado, Genolino</i>	88
<i>Amado, Gilberto</i>	90
<i>Andrade, Carlos Drummond de</i>	57
<i>Andrade, Joaquim Pedro de</i>	106
<i>Andrade, Maria Julieta</i>	
<i>Drummond de</i>	142
<i>Andrade, Rodrigo Melo Franco de</i>	180
<i>Anjos, Aprígio dos</i>	40
<i>Anjos, Cyro dos</i>	72
<i>Aranha, Graça</i>	93
<i>Araújo, Murilo</i>	149
<i>Arinos, Afonso</i>	23
<i>Ayala, Walmir</i>	212
<i>Azevedo, Vicente de</i>	205

B

<i>Bandeira, Manuel</i>	133
<i>Bastos Tigre</i>	48
<i>Benevides, Walter</i>	214
<i>Bittencourt, Francisco</i>	86
<i>Braga, Rubem</i>	193
<i>Bruzzi, Nilo</i>	157

C

<i>Cacaso</i>	51
<i>Callado, Antônio</i>	32
<i>Castello Branco, Carlos</i>	55
<i>Carpeaux, Otto Maria</i>	162
<i>Cardoso, Lúcio</i>	123
<i>Cardoso, Maria Helena</i>	137
<i>Cavalcanti, Waldemar</i>	211
<i>Coaraci, Corina</i>	66
<i>Coaraci, Visconti</i>	210
<i>Coutinho, Edilberto</i>	79
<i>Couto, Ribeiro</i>	178
<i>Cruz e Sousa</i>	70

D

<i>Doyle, Plínio</i>	170
<i>Duque, Gonzaga</i>	91

E

<i>Eliachar, Leon</i>	120
-----------------------	-----

F

<i>Faria, Alberto</i>	27
<i>Félix, Moacyr</i>	148
<i>Ferreira, Maria Isabel</i>	138

<i>Fraga, Antônio</i>	36
<i>Figueiredo, Guilherme</i>	95
<i>Fusco, Rosário</i>	192

G

<i>Grieco, Agripino</i>	26
<i>Grossmann, Judith</i>	115

H

<i>Homem, Homero</i>	99
----------------------	----

J

<i>Jardim, Luís</i>	129
<i>Jurandir, Dalcídio</i>	74

L

<i>Ladeira, Julieta de Godoy</i>	116
<i>Laet, Carlos de</i>	60
<i>Landau, Trudi</i>	203
<i>Leite Filho, Barreto</i>	47
<i>Leme Lopes</i>	119
<i>Lemos, Tite de</i>	201
<i>Leonardos, Stella</i>	194
<i>Lima, Jorge de</i>	107
<i>Lima, Raul</i>	176
<i>Lins, Osman</i>	160
<i>Lispector, Clarice</i>	63
<i>Lobo, Fernando</i>	82
<i>Lyra Filho, João</i>	104

M

<i>Machado, Maria Clara</i>	135
<i>Magalhães Júnior, Raimundo</i>	174
<i>Maria Jacintha</i>	139
<i>Mariz, Vasco</i>	204
<i>Martins, Luís</i>	130
<i>Martins, Wilson</i>	215
<i>Medalha, Marly</i>	143
<i>Meira, Sílvio</i>	19
<i>Melo Neto, João Cabral de</i>	101
<i>Melo Nóbrega</i>	146
<i>Mendes, Murilo</i>	150
<i>Mendes Fradique</i>	147
<i>Mendonça, Lúcio de</i>	125
<i>Mendonça, Salvador de</i>	187
<i>Menezes, Bezerra de</i>	49
<i>Meyer, Augusto</i>	42
<i>Miraglia, Sílvio</i>	191
<i>Miranda, Murilo</i>	152
<i>Modesto, Heitor</i>	96
<i>Monat, Olympio</i>	159
<i>Moraes, Vinícius de</i>	206
<i>Moreira, Thiers Martins</i>	199
<i>Moreyra, Álvaro</i>	29
<i>Moreyra, Eugênia Álvaro</i>	80
<i>Mundi, Carlos</i>	62
<i>Muricy, Andrade</i>	30

N

<i>Nava, Pedro</i>	166
<i>Nery, Adalgisa</i>	21



O

<i>Oliveira Netto, Luís Camillo de</i>	127
<i>Olympio, José (Livraria)</i>	121
<i>Otávio Filho, Rodrigo</i>	181

P

<i>Paula Freitas</i>	164
<i>Pedroso, Bráulio</i>	50
<i>Peixoto, Francisco Inácio</i>	87
<i>Pellegrino, Hélio</i>	97
<i>Pena Junior, Afonso</i>	25
<i>Penna, Cornélio</i>	68
<i>Peregrino Júnior</i>	168
<i>Pinho, Péricles Madureira de</i>	169
<i>Porto, Sérgio</i>	188
<i>Povina Cavalcanti</i>	17
<i>Prado, Isabel do</i>	100
<i>Prudente de Moraes Neto</i>	173
<i>Py, Fernando</i>	83

Q

<i>Queirós, Maria José de</i>	141
<i>Quintella, Ary</i>	41

R

<i>Rangel, Paulo</i>	165
<i>Rebelo, Marques</i>	144
<i>Renault, Abgar</i>	19

S

<i>Sabino, Fernando</i>	84
<i>Sales, Antônio</i>	38
<i>Savary, Olga</i>	158
<i>Serra, Tânia</i>	195
<i>Silveira, Tasso da</i>	196
<i>Silveira Neto</i>	189
<i>Simões Lopes Neto</i>	192
<i>Sousa, José Galante de</i>	112

T

<i>Tefé, Tetrá de</i>	198
<i>Tigre, Bastos</i>	48

V

<i>Viana Filho, Luís</i>	132
<i>Vieira, José de Araújo</i>	111
<i>Vieira, José Geraldo</i>	113
<i>Villaça, Antonio Carlos</i>	34
<i>Vítor, Nestor</i>	15

W

<i>Wolff, Fausto</i>	81
----------------------	----

